

UM PODER EM MOVIMENTO

UMA HISTÓRIA DO FLUIR
DUNAMIS TOCANDO GERAÇÕES





UM PODER EM MOVIMENTO

UMA HISTÓRIA DO FLUIR
DUNAMIS TOCANDO GERAÇÕES

TEÓFILO HAYASHI



Editora Quatro Ventos
Avenida Pirajussara, 5171
(11) 99232-4832

Diretor executivo: André Cerqueira
Editora-chefe: Sarah Lucchini

Gestora de Projetos: Acsa Q. Gomes

Curadoria de conteúdo: Isaac Soares Felix

Supervisão Editorial:

Mara Eduarda Garro

Marcella Passos

Natália Ramos Martim

Equipe Editorial:

Ana Paula Gomes Cardim

Anna Padilha

Brenda Vieira

Gabriella da Moraes

Giovana Mattoso

Hanna Pedroza

Hudson M. P. Brasileiro

Júlia Castanheiro

Lucas Benedito

Lucas Paulo Maffessoni

Milena Castro

Nadyne Campinas

Rafaela Beatriz Santos

Revisão:

Eliane Viza B. Barreto

Marcella Passos

Paulo Oliveira

Equipe de Projetos:

Ana Paula Dias Matias

Débora Leandro Bezerra

Leticia Souza

Nathalia Bastos de Almeida

Coordenação do projeto gráfico: Ariela Lira

Diagramação: Suzy Mendes

Capa: Vinícius Lira

Todos os direitos deste livro são reservados pela Editora Quatro Ventos.

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas e de terceiros foram adaptadas segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

Todo o conteúdo aqui publicado é de inteira responsabilidade do autor.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Nova Almeida Atualizada, salvo indicação em contrário.

Citações extraídas do site <https://www.bibliaonline.com.br/nua>. Acesso em julho de 2022.

1ª Edição: agosto de 2022

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

H415 Hayashi, Teófilo

Um poder em movimento: uma história do fluir dunamis tocando gerações /
Teófilo Hayashi. – São Paulo: Quatro Ventos, 2022.

256 p.; 16 X 23 cm

ISBN 978-65-89806-45-5

1. Cristianismo. 2. Legado. 3. Poder. 4. Dunamis. I. Hayashi,
Teófilo. II. Título.

CDD 230

Índice para catálogo sistemático
I. Cristianismo

SUMÁRIO

14 INTRODUÇÃO

15 FAMÍLIA HAYASHI:
o legado

41 AMIGO DE DEUS

65 SERVINDO À UNÇÃO

89 DESPERTAR,
ESTABELECER E
TRANSFORMAR

105 DUNAMIS LIFESTYLE

131 CAMPUS EM CHAMAS

155 RISCO E FÉ:
Dunamis Farm

185 ATIVANDO
UMA GERAÇÃO

205 CHEGOU A SUA
HORA, BRASIL!

225 O LEGADO:
impacto multigeracional

243 NOTAS

249 REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS

ENDOSSOS

Téo Hayashi — assim como o Dunamis Movement — vem contribuindo de forma imensurável para o despertar da Igreja em nosso tempo. Sou grato a Deus pelo que Ele tem feito por intermédio de sua instrumentalidade e porque, ainda que não esteja completa — pois há muito por vir —, parte desta história foi escrita para inspirar você, leitor(a).

Oro para que você seja despertado(a) a viver o sobrenatural, com uma vida composta tanto de intimidade com o Senhor como de um ministério marcado pelo poder do Espírito, andando na Palavra.

Boa leitura!

Luciano Subirá

Pastor da Comunidade Alcance, em Curitiba/PR, e coordenador do projeto Orvalho.com, um ministério de ensino bíblico.



Téo Hayashi é um avivalista e líder que possui estratégias dadas pelo Senhor para ver e disseminar um mover nacional de Deus. Neste livro, ele nos dá insights e revelações, além de nos contar a história do Dunamis, um movimento que o Senhor opera na Terra.

Caso queira conhecer as chaves que resultam em um mover de Deus, este livro é para você. Isto não é apenas uma teoria, mas Deus em ação.

Dr. Russell Evans

Fundador do Planetshakers.



DEDICATÓRIA

Dedico este livro à minha mãe, Sarah Hayashi. Muito obrigado por me amar, forjar e sustentar com suas orações ao longo de toda a minha vida.

Minha oração é que a senhora ainda venha testemunhar o resultado do seu investimento através dos frutos da minha geração e da geração dos seus netos também.

*Estou certo de que verei, ainda nesta vida, o Senhor Deus mostrar a sua bondade.
(Salmos 27.13 – NTLH)*





AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à família espiritual que Deus me deu e com a qual tenho a alegria e a honra de construir o Dunamis todos os dias. Vocês acreditaram na visão que o Senhor me concedeu, correram com perseverança ao meu lado e me sustentaram nos momentos de cansaço. Hoje, essa família cresceu e se expandiu, por isso sou grato ao Pai por todos que, atualmente, estão envolvidos com o nosso movimento e permanecem comigo na labuta.

Em especial, faço menção àqueles que estiveram ao meu lado desde os pequenos começos: minha esposa, Junia, minha irmã, Zoe Lilly, Dennis Coelho, Henrique Krigner, André Tanaka, Titus Liu, Eduardo Nunes, César Bianco, Igor Siracusa e Daniel Simão.

Também quero agradecer à equipe da Editora Quatro Vents que me auxiliou na produção deste livro. Em especial, André Cerqueira, Isaac Felix, Sarah Lucchini e Acsa Gomes.



INTRODUÇÃO

O poder de Deus se move. Ele tem se movido desde a criação do mundo, criando uma história sobrenatural entre Deus e o homem, marcada por sinais e maravilhas que desafiam a realidade natural. Através do Espírito Santo, a humanidade testemunhou a abertura de mares, fogo descendo dos céus e a ressurreição do Filho de Deus ao terceiro dia. Sem parar por aí, esse poder continuou seu movimento ao ser derramado do Alto sobre toda carne, tornando-se parte inegociável da vida dos apóstolos (cf. Atos 4.33) e possibilitando que todos aqueles que creem em Cristo vivam uma vida sobrenatural.

A palavra grega usada na Palavra de Deus para se referir a esse poder é *dunamis*, cujo significado é “poder para

realizar milagres”. Refere-se à força explosiva do Espírito Santo, que se atesta por meio de dons e acontecimentos sobrenaturais; e é esse poder dinâmico, que transcorre séculos e gerações, que temos a responsabilidade de perpetuar nos locais em que estamos inseridos, atuando como agentes de um avivamento que culmina em transformação e reforma.

Sinto o peso dessa responsabilidade e sou constrangido ao me lembrar dos feitos de tantos ministros do Senhor dos quais este mundo não era digno (cf. Hebreus 11.38); heróis da fé que se levantam há gerações. Mais especificamente, no Brasil, houve homens e mulheres de oração que dedicaram suas vidas para que uma janela sobrenatural de graça e favor de

Deus repousasse sobre a nossa nação hoje, e é por meio dela que avançaremos como Igreja, rumo ao estabelecimento dos princípios do Reino aqui.

O Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em cada um que entregou a vida a Cristo (cf. Romanos 8.11), e Ele continua Se movendo por todo o mundo, com o mesmo poder. Não podemos ficar apáticos diante dessa realidade. A Palavra relata que a criação aguarda a revelação dos filhos de Deus (cf. Romanos 8.19), por esse motivo, temos de atuarativamente para que o fogo que queima em nós se propague por todas as nações, em cumprimento à Grande Comissão. Tal tarefa não nos pedirá nada menos do que toda a nossa vida, mas, ao mesmo tempo, trará consigo a garantia dos sinais que acompanham aqueles que creem

nessa Verdade (cf. Marcos 16.17-18).

Nas próximas páginas, você encontrará a história de como fomos instigados a assumir nossa parte na corrida multigeracional que muitos correram antes de nós (cf. Hebreus 12.1), e de como esperamos impulsionar as próximas gerações, deixando um legado de fé e poder. Descobrirá as raízes que nos constituíram como movimento, bem como aquilo que experimentamos diariamente e o que temos como visão para o futuro. Meu desejo é que, ao final desta leitura, você não seja mais o mesmo, e que uma marca de amor pelo Rei e pelo Reino seja gerada em seu coração, de modo que você não se contente em ser apenas um mero observador daquilo que o Senhor está fazendo, mas se torne um agente ativo do Seu mover.

Capítulo 1

**FAMÍLIA
HAYASHI:
O LEGADO**

Família Hayashi: o legado

Família Hayashi: o legado

Afé cristã sempre existiu, mesmo em meio à tensão da criação e consumação da História. Digo isso porque, apesar de a História caminhar para um fim, a fé é consciente acerca do tempo e desfecho das coisas, e por esse motivo precisa olhar para trás enquanto olha para frente. Afinal, para ela o fim não é um ponto-final: teremos uma continuação na Eternidade. O que acontece no meio disso é o que costumamos chamar de “nossa história”, e é aqui que descobrimos a dualidade da nossa existência, pois sentimos a necessidade de viver o agora ao mesmo tempo em que caminhamos para o eterno.

Essa caminhada contém um elemento fundamental: movimento — palavra esta que descreve bem o Reino do qual fazemos parte. É impossível falarmos sobre cristianismo e Reino de Deus sem movimento; porque o Reino continua se movendo.

Desde antes da Criação, seguindo a encarnação do Verbo (cf. João 1.14), a escolha dos doze discípulos (cf. Marcos 3.13-19), a obra da Cruz (cf. Romanos 3.25), o derramar do Espírito Santo (cf. Atos 2.1-47) e a ordem de multiplicação da mensagem do Evangelho do Reino (cf. Marcos 16.15), o plano e o governo de Deus foram nitidamente, e sem exceção, marcados por dinamismo. À medida que as nações se desenvolviam e caíam, o Reino jamais parou de avançarativamente.

De geração em geração, a mensagem de Cristo encontrou corações sedentos não só pela salvação, como por uma vida em abundância, concedida graças ao sangue precioso de Jesus Cristo — que nos capacita para uma transformação integral de corpo, alma e espírito (cf. 1 Tessalonicenses 5,23). Essa mensagem também chegou ao meu coração graças à minha família, que me apresentou o Evangelho.

Hoje, posso dizer que continuar o legado de meus antepassados é um privilégio sem tamanho. Em cada parte de suas histórias, é inegável o impacto e comissionamento que um único encontro com Jesus foi capaz de gerar. Esse caráter multigeneracional do Evangelho do Reino permite que alguém, ainda que seja o primeiro convertido de sua família, possa ser usado a fim de estabelecer um novo ciclo para os seus filhos, os filhos dos seus filhos, até mil gerações (cf. Deuteronômio 7,9). Foi exatamente o que aconteceu conosco.

A essa herança de cunho temporário e extraordinário, que pode ou não ter valor positivo, damos o nome de “legado”. Não me refiro em especial a bens materiais, mas, sobretudo, a algo intangível, que norteia e influencia condutas por gerações e não pode ser mensurado.

Eu nasci em uma família de japoneses e, de modo algum, o meu sobrenome é o maior legado que me deixaram. Além do temor de Deus, as marcas da cultura nipônica — que sempre estiveram presentes em minha vida e em todo o trabalho ministerial que tenho desempenhado — são exemplos da herança que desfruto por ser parte da família Hayashi. Meus avós chegaram ao Brasil com a missão de evangelizar os imigrantes japoneses que viviam aqui. Essa missão os fez criar raízes na nação, além de permitir que nossa família tivesse parte no desenvolvimento

espiritual do povo cristão brasileiro, o que é uma grande honra, porém não por isso isenta de responsabilidades.

Estabelecido com grande sacrifício por parte de minhas gerações anteriores, o reconhecimento pela ênfase no ensino de doutrinas bíblicas, disciplinas espirituais, excelência, honra e serviço à comunidade são legados familiares que eu e minha esposa, Junia, com toda a liderança do movimento Dunamis e da Zion Church — antiga Igreja Monte Sião, fundada por minha mãe e liderada por mim e Junia, desde 2013 — temos a missão de perpetuar de forma sustentável. Sonhamos com a visão de estabelecer uma plataforma espiritual para nossos filhos naturais e espirituais do mesmo modo como recebemos o grande legado de fé da família Hayashi, começando pelo testemunho de minha bisavó.

Foi por meio de sua vida que o romper do Espírito Santo teve início em nossa família, no Japão. Minha bisavó, a mãe do meu avô materno, descendia de uma linhagem de samurais, e professava a fé cristã católica em um país de cultura predominantemente xintoísta e budista.

O xintoísmo é a religião mais antiga e tradicional na cultura japonesa, tendo sido criada por volta do século VI. Suas doutrinas envolvem uma série de lendas e mitos que tentam explicar a origem do mundo, da vida e dos ancestrais imperiais nipônicos. Os xintoístas têm a crença panteísta, de que absolutamente tudo o que existe compõe um deus abrangente e imanente. Em linhas gerais, creem que o Universo e Deus são a mesma coisa em essência. Essa premissa influencia toda a forma de pensamento e racionalidade dos seus adeptos. É justamente em razão desse contexto que acreditar em um Deus pessoal, soberano e criador de todo o Universo seria o mesmo que uma afronta ao DNA cultural da nação.

Creio, por isso, que o Senhor já estava separando a minha bisavô para um legado disruptivo de fé, que não só afetaria todas as áreas de sua vida, mas, principalmente, sua descendência. Além disso, naquela época, as mulheres eram proibidas de frequentar a universidade devido a uma série de fatores sociais e jurídicos. Ainda assim, ela foi uma das primeiras a receber um diploma universitário no país, tendo de se vestir com trajes masculinos durante os seis anos de sua graduação em Filosofia.

Quando se casou com meu bisavô e formou uma família, anos mais tarde, seu papel na dinâmica familiar foi crucial na vida de seu marido e de seu filho, Hiroyuki Hayashi, o meu avô. Líder nata, ela refletia a sabedoria do Alto e o caráter de Cristo. Sem dúvidas, o conhecimento filosófico foi também uma ferramenta que expandiu sua visão de mundo. Minha bisavô cultivou esses princípios até os últimos dias de sua vida.

SE DEUS LHE ENVIAR UM SINAL, PERSIGA-O

Passados quatro meses desde a morte de sua mãe, o meu avô experimentou algo que mudaria sua vida de modo excepcional. Enquanto andava pelas ruas de Tóquio, aos dezoito anos de idade, ele viu um anjo com o rosto semelhante ao dela. Não pensou duas vezes antes de segui-lo, gritando: “*Okāsan! Okāsan!*”¹. Depois de um longo percurso, o anjo parou em uma praça pública e simplesmente desapareceu. Recuperando o fôlego e ainda alarmado com a experiência, o jovem Hiroyuki percebeu uma grande movimentação no local. Havia cerca de duzentas pessoas reunidas, olhando atentamente para um homem branco, que estava em cima de um caixote de madeira. Ele falava em inglês e era traduzido por um japonês ao seu lado.

Aquele homem era membro de um grupo missionário chamado Japanese Evangelical Band (JEB), fundado em 1903 por Barclay Fowell Buxton, neto de Sir Thomas Fowell Buxton — líder abolicionista, membro do parlamento britânico e companheiro de causa missionária de William Willberforce. Após renunciar a uma fortuna bilionária para servir a Cristo, o jovem herdeiro estava liderando cerca de setenta pessoas no grupo comissionado para o Japão. Eles haviam sido enviados pela Convenção de Keswick, uma reunião anual criada por líderes evangélicos na Inglaterra, fruto do Holiness Movement,² após o avivamento do País de Gales e da rua Azusa, nos Estados Unidos. Por meio desse encontro, muitos foram reunidos e direcionados a diferentes nações com o propósito de cumprir a Grande Comissão (cf. Mateus 28.19) e reverberar para o mundo o mover sobrenatural que estava acontecendo na Europa e na América do Norte. Aquele ajuntamento no espaço público, bem no centro metropolitano de Tóquio, era um dos resultados dessa iniciativa missionária.

Então, no dia vinte e cinco de novembro de 1928, o meu avô escutou o nome de Jesus pela primeira vez e O recebeu como Senhor e Salvador de sua vida, abandonando o xintoísmo herdado do meu bisavô e tornando-se o primeiro cristão protestante da linhagem. Essa moção radical de fé e posicionamento de prontidão para seguir e obedecer a Deus, em algum nível de semelhança, remete-me a Abraão. O Pai da Fé afetou gerações e gerações por causa de seu encontro com o Senhor e, em obediência e total devoção, escolheu abandonar sua parentela a fim de viver a direção divina para o seu futuro (cf. Gênesis 15). Do mesmo modo, o meu avô o fez.

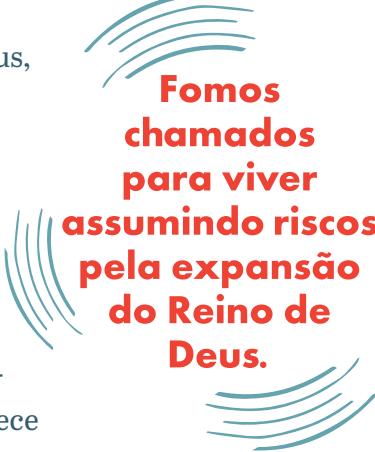
Desde o primeiro instante, a escolha de consagrar-se ao Senhor Jesus teve um custo muito alto para ele, não só pelo

próprio conforto de sua casa, que teve de deixar ao ser deserdado, como também pelo relacionamento com o seu pai e demais familiares. Sendo de uma família aristocrata, da linhagem de samurais, meu avô estava abrindo mão de uma herança significativa. Ao descobrir que o filho havia abandonado a fé tradicional xintoísta, meu bisavô o expulsou de casa, coisa que, apesar de dura e trágica, não diminuiu a coragem e convicção que impulsionaram Hiroyuki a dar sequência ao legado de fé de sua mãe. Na realidade, foi justamente o aparente mal que se transformou em bem (cf. Romanos 8.28) e possibilitou seu envio ao grande destino futuro que o Senhor sonhava para ele e sua descendência: a nação brasileira. Com certeza, minha família e eu não estariámos aqui se não fosse por seu posicionamento de convicção e fé no Evangelho do Reino.

DO JAPÃO PARA O BRASIL

Como já era de se esperar, ser deserdado pelo pai lhe acarretou diversos problemas, deixando-o, inclusive, em vulnerabilidade financeira. Contudo, não demorou muito para que visse a mão de Deus agindo em seu favor. Logo após o episódio familiar, uma pequena igreja na capital japonesa o acolheu, oferecendo moradia e lhe propiciando, por consequência, a vivência diária com os líderes daquela comunidade. Isso, evidentemente, o fez aprender mais a respeito da doutrina do cristianismo e o levou a desenvolver grande interesse pelos estudos teológicos. Foi assim que, após ter concluído a faculdade de odontologia, tornou-se ouvinte das aulas do Seminário Teológico Metodista Livre.

Nesse contexto, conheceu a minha avó, com quem, mais tarde, casou-se e teve filhos. Ambos sempre cultivaram um forte



**Fomos
chamados
para viver
assumindo riscos
pela expansão
do Reino de
Deus.**

anseio por cumprir o chamado de Deus, por isso, desde o início do matrimônio, buscavam, em oração e jejum, um direcionamento a respeito de cada passo que deveriam seguir.

Os meus avós estabeleceram um padrão de fé para a nossa família quando vieram ao Brasil. Recordar esse episódio sempre nos abastece de esperança e nos lembra de que fomos chamados para viver assumindo riscos pela expansão do Reino de Deus (cf. Mateus 6.33).

A decisão de mudar de país teve início em uma noite despretensiosa, quando os dois tiveram exatamente o mesmo sonho, no qual se viam em um vale de ossos secos, como o descrito em Ezequiel 37. A diferença era que, nos sonhos, eles apareciam em meio a uma selva, um ambiente bem distinto do que estavam habituados a ver no Japão. Na manhã seguinte, diante da descoberta do que haviam experienciado, começaram a orar a Deus pedindo clareza sobre aquilo.

Em poucos instantes, um irmão da igreja bateu à porta, de uma maneira que só o Senhor poderia fazer. Curiosamente, ele era aficionado por tudo o que tinha relação com o Amazonas. Inclusive, colecionava fotos e artigos acerca da floresta local. Enquanto meus avós lhe relatavam o sonho, com grande empolgação, ele afirmou: “O que vocês estão descrevendo é a selva amazônica! Vou correr agora para a minha casa e pegar alguns recortes de fotos e artigos que tenho. Posso lhes mostrar e, assim, vocês confirmam se é isso mesmo que Deus está dizendo”. Meus avós entenderam que aquele sonho realmente tinha

ligação com a passagem de Ezequiel e, de alguma forma, significava a formação de um exército a partir de uma condição de escassez no território brasileiro, especificamente, no Amazonas.

Horas mais tarde, ainda pensando no que poderiam ser aqueles sinais, meu avô saiu para caminhar e sentou-se num banco em um píer da cidade. Então, após entoar algumas palavras em oração, pela primeira vez, escutou uma voz audível e firme dizendo: “É para estes que Eu o enviarei”. Atônito com aquela situação atípica, Hiroyuki encarava o horizonte, quando avistou um pequeno ponto no mar. Percebeu que se tratava de um navio transatlântico. Descobriu, mais tarde, que o seu nome era Kasato Maru e que tinha se tornado famoso por contribuir com a imigração japonesa ao Brasil. Acompanhou-o com olhos até chegar ao porto e, no momento em que atracou, meu avô perguntou ao primeiro marinheiro que pulou da embarcação: “De onde vocês vieram?”. “Do porto de Santos, no Brasil”, o homem respondeu. Mais uma confirmação apontava para a nação brasileira como destino de Deus.

Naquele dia, retornou para casa convicto de que havia recebido um chamado. Depois de duas semanas, meu avô Hiroyuki e minha avó Kaoru entraram no Maru e atracaram no porto de Santos, em 1934. Chegaram ao Brasil com sua primeira filha Sumiko, que tinha apenas poucos meses de idade, e dirigiram-se ao Amazonas, dando início à missão dos Hayashis em terras brasileiras.

Não demorou muito até que Hiroyuki fosse contratado como dentista em um hospital da região. Entretanto, apesar de ser um excelente profissional, a odontologia era apenas uma desculpa para exercer seu propósito elementar: anunciar as Boas Novas do Reino a pacientes e colegas.

Infelizmente, meses após sua chegada, contraiu malária, uma grave doença infecciosa transmitida através de um mosquito, e, uma vez que o tratamento necessário para essa patologia só existia em São Paulo, no Instituto Butantã, a família se viu obrigada a se mudar para a capital paulista.

DO CONSULTÓRIO PARA O PÚLPITO

Tendo finalizado seu tratamento, na cidade de São Paulo, Hiroyuki começou a procurar por um emprego e, pouco depois, foi contratado para atuar em um consultório odontológico como responsável pelo laboratório de próteses do Dr. Murakami. Foi justamente nessa época que conheceu, atendeu e desenvolveu uma amizade com um pastor. Muito sábio e inspirado por Deus, aquele homem aconselhou Hiroyuki a viver o seu chamado pastoral.

Assim, passados dois anos de oração e planejamento, direcionado pelo Espírito Santo, ele inaugurou a Igreja Metodista Livre no Brasil, com Daniel Nishizumi, em 1936. O primeiro culto foi realizado no próprio consultório, e Deus fez coisas maravilhosas naquele tempo. Os anos se passaram e a igreja continuou a crescer.

Na década de 1970, o meu avô já havia plantado muitas igrejas na cidade e cuidava de todas elas com afinco, excelência e muito amor. As notícias sobre o seu trabalho chegaram até o supervisor da Igreja Metodista Livre Mundial, que veio de Michigan, Estados Unidos, para ver de perto tudo o que ele estava realizando. Ao chegar ao Brasil, ficou impressionado com o que se deparou e decidiu presenteá-lo. O meu avô, como um bom japonês, afirmou não ter feito mais do que sua obrigação, mas, diante da insistência do visitante, aceitou que minha mãe,

Sarah Hayashi, fosse contemplada com um mestrado em teologia. Das seis filhas e três filhos que meus avós tiveram, ela era a única ainda solteira; por isso, em 1971, mudou-se para os Estados Unidos para cursar a Azusa Pacific University, uma Universidade Metodista Livre no Sul da Califórnia.

O ANSEIO PELO PODER DO ALTO

Desde os seus quatorze anos de idade, minha mãe já alimentava um forte anseio pelo fogo de Deus e orava insistente-mente pedindo o “poder do Alto”. Por algum tempo, ela e sua família moraram no fundo de uma igreja na rua São Joaquim, no bairro da Liberdade, em São Paulo. A casa era bem comprida e espaçosa; logo à entrada, havia uma cozinha, duas salas grandes e, mais adiante, um longo corredor com cinco quartos. Atrás, via-se também um quintal com vistosas árvores, bem como uma edícula, onde morava uma família de refugiados japoneses. Meu avô acolhia ali naquela casa todos os seus discípulos antes de enviá-los às missões.

Nesse período, frequentemente a jovem Hayashi ia até o púlpito durante a noite, quando não havia ninguém, para clamar pelo poder manifesto do Senhor. Ela não imaginava, porém, que, por meio da vida daquele supervisor, Deus abriria não somente uma porta natural para ampliar seu conhecimento acadêmico, mas a conduziria a experiências sobrenaturais que marcariam sua vida para sempre.

Minha mãe conta que, certo dia, quando já estudava na Califórnia, um de seus colegas começou a, repentinamente, orar em línguas no meio de uma aula. Sem pensar duas vezes, o professor encerrou a exposição e dispensou todos os alunos. Assim

que aquele rapaz orou no espírito, ela sentiu uma paz como nunca antes. Curiosa e cheia de anseio pelo poder de Deus, foi até o professor questionar se aquilo que tinha acabado de acontecer era semelhante ao que estava descrito em Atos 2, mas ele insistiu em dispensar a turma e não a respondeu.

A frustração ganhou um pequeno espaço em seu coração, mas, algumas semanas mais tarde, foi recompensada com uma experiência inesperadamente incrível, quando uma de suas amigas da universidade a convidou para uma reunião de oração em um centro de convenções, em Los Angeles.

A minha mãe aceitou acompanhá-la e, ao chegarem ao local, sentaram-se nas cadeiras que ficavam ao fundo da sala. Um coral logo pôs-se a cantar e Kathryn Kuhlman³, a preletora, subiu ao palco, orando incessantemente pela manifestação do Espírito Santo. Não demorou muito até que as pessoas presentes começassem a sentir, fisicamente, o toque do Espírito. Naquele momento, a visão espiritual da minha mãe foi aberta, permitindo-lhe enxergar o sopro de Deus como uma onda percorrendo o auditório, até que ela mesma foi atingida e sentiu o toque palpável de Sua presença.

O NASCIMENTO DA IGREJA MONTE SIÃO

Passado um tempo, em meados da década de 1970, minha mãe defendeu a sua dissertação de mestrado e retornou ao Brasil. Inspirada a estudar as explicações teológicas a respeito do que viveu em Los Angeles, ela se sentiu impelida a compartilhar com os irmãos da igreja de seus pais todo o embasamento bíblico sobre o fluir nos dons espirituais.

Com esse intuito, convidou a reverenda Elvina Miller — conhecida como Sister Miller —, uma mulher de Deus que a

discipulava naquela época, para ministrar à mocidade da Metodista Livre, onde era parte da liderança de jovens. A Sister Miller era da Pensilvânia, Estados Unidos, e cumpria sua missão no continente africano. Deus a usava tremendamente com sinais e maravilhas e, naquele dia, não foi diferente. Após uma pregação inspirada, elas impuseram as mãos sobre as moças e rapazes ali presentes e testemunharam um avivamento do Espírito Santo, semelhante ao ocorrido em Atos 2. O fluir foi tão admirável que, mesmo as pessoas às quais aquele tipo de experiência nunca havia sido apresentado, vivenciaram os seus sinais.

Contudo, ainda que minha mãe fosse seriamente dedicada ao ministério, os conflitos com a visão doutrinária cessationista e não avivada geraram uma insatisfação por parte de diversos membros de sua comunidade de fé, já que a maioria deles não compartilhava da crença no mover sobrenatural nos dias de hoje. Alguns membros da Diretoria da Metodista Livre, intencionando zelar por suas doutrinas, ignorantemente, presumiam que as línguas eram um sinal de possessão demoníaca. Por isso, quando o Espírito Santo manifestava-Se por meio desse dom, eles se esforçavam em expulsar demônios.

Algumas pessoas chegaram até a insinuar que ela realizava “bruxarias”, ao mesmo tempo em que outras pressionavam o seu pai a removê-la da liderança da mocidade da igreja. Tudo isso devido às exponenciais curas e batismos no Espírito Santo nos ajuntamentos de jovens, organizados na Igreja Metodista Livre Nipo-Brasileira — que começou, inclusive, a atrair muitos não nipônicos.

Angustiada com a situação, minha mãe chorava muito e, conforme isso acontecia, mais as línguas vinham à tona. Esse ciclo seguiu por aproximadamente três anos, até que, vencidos

pelo cansaço, os irmãos interromperam suas tentativas de impedir os sinais do Espírito. No entanto, diante de tudo o que haviam experienciado, os jovens da igreja passaram a reconhecer que uma coisa real e genuína estava acontecendo. Foi quando as discordâncias culminaram em um ultimato ao meu avô; os pastores das sete igrejas as quais ele supervisionava pediram que sua filha fosse embora e que não levasse ninguém com ela.

Minha mãe, então, viu-se diante de uma escolha difícil: permanecer na igreja que amava ou extinguir o Espírito e o mover sobrenatural que estava sendo gerado em seu interior (cf. 1 Tessalonicenses 5.19). A maioria dos jovens que havia experimentado o toque do Espírito Santo desejava permanecer nessa vivência, questionando-a a todo momento: “Onde nos reuniremos a partir de agora?”.

Nesse contexto, o meu avô compartilhou que sofrera algo parecido, quando, ao assinar um documento de oficialização de seu ministério como pastor da Igreja Metodista Livre, teve de negar todas as experiências sobrenaturais que havia vivido. Ele não permitiria que a filha cometesse o mesmo erro. Por essa razão, abençoou-a, convicto de que o Senhor estaria com ela, e a encorajou não apenas a se desligar da igreja que ele mesmo tinha fundado, como também a iniciar um novo ministério, no qual teria liberdade para se mover nos dons do Espírito Santo.

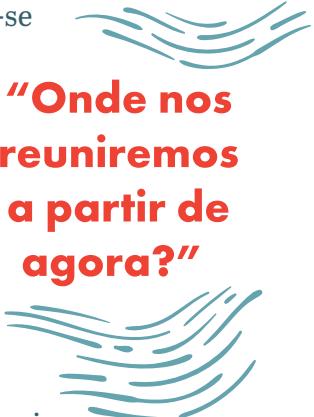
Após um longo período em oração, minha mãe recebeu a confirmação por meio dos sinais que pediu a Deus, inclusive, por intermédio da Sister Miller e também do pastor Jack Schisler, que a acompanhava. Foi assim que sentiu paz e decidiu sair da igreja de seu pai. Meses mais tarde, com o apoio dos pais, na sala da casa de um amigo da família, situada na

rua Doutor Fernandes Coelho, no bairro de Pinheiros, em São Paulo, e rodeada por aproximadamente trinta pessoas, deu início a uma reunião de oração e ensino da Palavra.

Como resultado desses ajuntamentos iniciados nas tardes de sábado, nasceu a Igreja Evangélica Monte Sião em 7 de julho de 1977 (7/7/1977), data de sua autenticação no Diário Oficial da Cidade de São Paulo. Seu nome deve-se ao texto de Salmos 48.2: “Alto e belo, alegria de toda a terra, é o monte Sião, para os lados do Norte, a cidade do grande Rei”.

Beneficiados por uma lei brasileira promulgada no período, a qual favorecia as entidades que promoviam algum tipo de benefício à sociedade, garantindo seu acesso e utilização de estabelecimentos públicos, a igreja começou a realizar suas reuniões em outro endereço. A Escola Estadual Brasílio Machado, na rua Morás, Vila Madalena, abrigou a comunidade durante uma próspera temporada, e foi preterida somente quando a legislação deixou de vigorar.

O episódio foi um sinal de que precisavam encontrar um local definitivo, levando-os à rua Liberato Carvalho Leite, no Morumbi, um terreno deserto, no alto de uma ladeira. A edificação do templo foi sustentada pela fé, liderada por minha mãe e a sua secretária, Sueli, que se revezavam na compra dos materiais de construção necessários. Tudo começou com a quantia de trinta e dois mil dólares que, após um ano e meio de obras, totalizaram milagrosamente quatrocentos mil dólares. A inauguração da sede ocorreu no dia seis de fevereiro de 1999, provando que o Senhor, de fato, havia provido todas as carências.



**“Onde nos
reuniremos
a partir de
agora?”**

MINHA INFÂNCIA NA IGREJA

Muitas pessoas passaram a frequentar as reuniões de oração, ainda no início da Monte Sião, e uma delas foi meu pai. Futuramente, ele e minha mãe namoraram, noivaram e se casaram. Quatro anos depois, eu nasci, e, pouco tempo mais tarde, veio minha irmã, Zoe.

Ainda na maternidade, constataram um pequeno problema em meu pé esquerdo. Na teoria, poderia ser resolvido por uma botinha de gesso, só que, ao ver a situação pela primeira vez, minha mãe ficou verdadeiramente surpresa e abalada: meu pé e minha perna esquerdos eram totalmente virados para dentro, de tal maneira que o calcanhar ficava virado para cima.

Com dez dias de vida, começamos a ir semanalmente ao consultório do Dr. Reinaldo Gamba, um ortopedista indicado pela tia Luiza, irmã da minha mãe. Depois de um tempo tratando o local problemático com massagens e colocando gesso, ele percebeu que o caso não era tão simples. A partir de alguns exames, detectou que ambos os tendões, tanto o do pé como o da perna, eram muito grossos e curtos e, em vista disso, houve a necessidade de fazer uma cirurgia, a fim de esticá-los. Realizados esses procedimentos, o calcanhar foi para o lugar correto, mas o tratamento seria finalizado apenas quando eu completasse cinco anos de idade, quando faria uma nova cirurgia.

Tendo isso em mente, minha mãe passou a me levar à casa dos meus avós frequentemente, de modo que eles sempre oravam por mim. Lá, minha avó intercedia para que não houvesse mais cirurgia alguma aos cinco anos; ela cria que Deus endireitaria a perna sem que fosse necessária mais uma etapa e, de fato, foi o que aconteceu. Quando eu tinha dois anos de

idade, fomos, minha mãe e eu, a uma igreja perto da Cidade Universitária, pois lá estaria um pastor americano que tinha o dom de maravilhas. Ele me colocou sentado e percebeu que a perna era uns cinco centímetros mais curta que a outra. Enquanto orava, minha mãe viu, a olhos nus, a perna crescer em três etapas.

Entendo que Deus permitiu que isso acontecesse, porque havia um propósito sobrenatural em minha vida a ser revelado por meio de um intenso processo de cura. Aliás, esse acontecimento apenas testemunha o quanto minha família e eu fomos supridos e abençoados pela graça de Deus em todas as áreas.

Desde muito cedo, vivencio incontáveis milagres, é por isso que estar na igreja durante minha infância, com primos e amigos — além da Zoe, é claro —, foi um tempo muito alegre para mim. À medida que os anos passavam, a comunidade crescia e tínhamos de encontrar novos lugares, cada vez maiores, para realizar os encontros semanais. Muitos destes tinham quintal amplo, no qual podíamos correr e brincar livremente.

Não somente nos divertíamos, como também servíamos diligentemente. Quando os cultos eram realizados no colégio público da rua Morás, por exemplo, minha irmã e eu acordávamos bem cedo todos os domingos para varrer o pátio e limpar as cadeiras. Ao passo que crescíamos, assumíamos outras responsabilidades e desenvolvíamos aptidões; na adolescência, eu ajudava a montar os microfones, bem como a organizar e testar as caixas de som. Com meus doze anos de idade, traduzi, do inglês para o português, um preletor pela primeira vez — foi o pastor Jack Schisler quem ministrou a Palavra naquela ocasião. Servir na igreja era parte da nossa rotina, de domingo a domingo, e, em obediência à nossa mãe, fazíamos isso com grande alegria, além

de desfrutarmos de tempos extremamente felizes de comunhão.

A questão era que, dentro dessa realidade eclesiástica, comecei a notar que alguma coisa em nossa dinâmica familiar não estava certa, quando comparada à conduta cristã exposta no Evangelho que aprendia na escola dominical. Meu pai, nitidamente, não era para nós o homem que apresentava ser por trás do púlpito: ele vivia o completo oposto do que pregava aos domingos; de modo que, perto dele, eu costumava me sentir amedrontado ou até apavorado.

Nesse contexto, não me refiro ao temor que se deve ter diante de uma figura de autoridade, mas a certa percepção que tinha, mesmo menino, de que não estava seguro ao seu lado. Aliás, inúmeras vezes tentei me convencer de que, como ele era meu pai, eu deveria gostar dele; todos os esforços que fiz para que esse afeto fosse real estão frescos em minha memória até hoje. Eu me questionava constantemente acerca do motivo pelo qual sentia tanto medo e, por mais que soubesse que muitas coisas estavam erradas, não tinha linguagem para nomear nenhuma daquelas situações ou sentimentos.

Recordo-me de me esconder debaixo da cama em algumas ocasiões nas quais meu pai chegava em casa, visivelmente, alterado. Após escutar os seus berros, ouvia, em seguida, os sons consecutivos de tapas, pancadas e do choro tímido da minha mãe ao fundo. Apavorado e desestabilizado, eu fechava os olhos na esperança de tudo aquilo acabar depressa, e orava sem cessar para que Deus nos protegesse.

Um propósito sobrenatural em minha vida foi revelado por meio de uma cura.

Muitos anos depois, em uma sessão de terapia e cura inferior, recordei-me, também, de um episódio aos cinco ou seis anos de idade, quando o meu pai me levou para dar uma volta com ele. No caminho, comprou flores e uma garrafa de vinho, e fomos a um consultório odontológico. Chegando lá, ele encontrou-se com uma “amiga”, que ligou um desenho na televisão da recepção. Os dois, então, disseram-me para esperar, pois voltariam em breve. Evidentemente, como criança, não tinha ideia do que aquilo significava, mas apesar de ainda não ter capacidade para descrever ou até formular qualquer hipótese, era óbvio e gritante em meu coração que algo estava errado e não se encaixava, afinal o sofrimento da minha mãe era perceptível e ininterrupto.

Situações como essas afetaram tanto a mim quanto a minha irmã. Só não imaginávamos que aquele seria apenas o início de um período de grandes reviravoltas em nossas vidas.

A VISITA DOS APÓSTOLOS

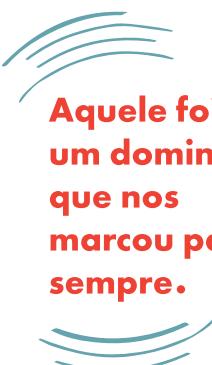
Com meus oito anos de idade, lembro-me de que um grupo de apóstolos, responsáveis pela cobertura espiritual da nossa igreja, visitou-nos. Eu ainda era criança, então não compreendi tanto a movimentação que provocaram, mas foi durante um culto, no qual eles estavam, que meu pai pegou o microfone e confessou que era adúltero e tinha problemas com álcool. Aproveitou o ensejo e comunicou que não seria mais pastor da nossa igreja, já que eles — apontando para a equipe apostólica — queriam afastá-lo, a fim de que ele pudesse concentrar-se em sua restauração.

Meu pai seguiu o script que havia sido combinado com os apóstolos, mas, em seguida, continuou advertindo que não se

submeteria ao que estavam lhe pedindo e, além de oficializar sua saída da igreja, tornou pública também a sua falta de interesse em ser restaurado e seguir casado. Aquele foi um domingo que nos marcou para sempre: além de ter sido a última vez em que meu pai pisou na Monte Sião, era, também, o dia da festa de aniversário de cinco anos da minha irmã.

Naquela mesma noite, logo após a situação traumática de confissão que havíamos vivenciado, ele pegou suas coisas e saiu de casa. Em decorrência disso, passamos não só a enfrentar as repercussões emocionais e financeiras da sua falta, como também tivemos de lidar com as incertezas a respeito do nosso futuro e da igreja. Entretanto, mesmo sem ter muita compreensão a respeito do que estava acontecendo, carregava um certo alívio por aquele caos ter chegado ao fim, como se tivéssemos sido libertos de um sofrimento velado dentro das quatro paredes de nossa casa e até poupadados de possíveis circunstâncias piores no futuro. Se, para mim, tudo isso era perceptível, para a minha mãe era concreto e factual.

Os processos de divórcio e guarda tiveram início e foram conturbados. O meu pai, por algum motivo, queria a minha tutela a todo custo. Somente a minha, a da minha irmã não. Com apenas oito anos de idade, precisei me posicionar perante minha mãe e a juíza, ao dizer que não queria ficar com meu pai. Foi nesse momento que comecei a entender a importância de saber articular a mensagem que gostaria de transmitir, mantendo-me firme em minhas convicções. O litígio durou um tempo, mas, pela graça de Deus, encerrou-se com uma sentença justa.



**Aquele foi
um domingo
que nos
marcou para
sempre.**

Em meio a tudo o que vivíamos naquele período, minha mãe fazia questão de nos lembrar de que não estávamos sozinhos, por isso, inúmeras vezes, dizia-nos: “De agora em diante, o pai de vocês é o Pai Celestial. Tudo quanto precisarem, peçam a Ele em oração, pois, em Sua fidelidade, proverá muito mais do que vocês podem imaginar”. Essas palavras nunca mais saíram da minha mente.

O LEGADO

Apesar de não ter desfrutado de uma infância tranquila nem ter tido uma referência paterna, desde criança vi a minha mãe se desdobrar para que tivéssemos o melhor; agradeço a Deus pela criação que recebi dela e dos meus tios. Essa verdadeira heroína da fé sempre recorreu ao Senhor para o nosso sustento e fez sua parte, orando e trabalhando muito duro para nos dar o máximo que podia. Paralelamente, o nosso Pai Celeste também nunca permitiu que algo nos faltasse.

Mesmo nos dias mais desafiadores, minha mãe permanecia depositando sua confiança no Senhor e nos direcionando conforme a Verdade. Ela sempre zelou pela unidade entre mim e minha irmã e, tudo o que me ensinava, ensinava também à Zoe. Éramos instruídos, por exemplo, a sempre pedir a Deus o que queríamos, fosse um tênis ou uma bicicleta e, com essas orações, experimentamos a provisão do Senhor, nosso Pai, em diversos momentos. De maneira pragmática, desde cedo, aprendemos sobre um cristianismo intencional e convicto por meio de sua conduta, palavras e instrução. Sua fé e temor a Deus não só a mantiveram de pé ao longo de toda a

sua trajetória, como nos sustentaram nas piores estações de nossas vidas.

Foi nesse contexto que tive algumas experiências que marcaram profundamente a minha trajetória, como o dia em que entreguei a minha vida para o Senhor aos cinco anos de idade, no meu primeiro retiro, liderado por Teresa Tatikawa, uma senhora japonesa apaixonada e fiel ao Senhor, minha professora da escola dominical dos meus três aos doze anos, e parte fundamental da liderança de nossa igreja até hoje.

Antes do final de semana do retiro, enquanto arrumava a minha mala, minha mãe me instruiu: “Quando a tia Teresa perguntar: ‘Quem quer nascer de novo?’, você vai levantar a sua mão, certo?”. Consenti, e foi o que aconteceu. No fim da sua pregação, naquele primeiro retiro, eu entreguei minha vida para Jesus.

Minha mãe sempre teve um senso muito forte de certo e errado. Por causa da sua criação, ela era muito rígida — e continua sendo assim. Se eu a chamasse, por exemplo, dizendo que não conseguia dormir, mandava-me orar em línguas até cair no sono. No café da manhã, a primeira coisa que perguntava era se eu já tinha lido a Bíblia e orado, e quanto tempo havia passado orando em línguas. Caso a minha resposta não fosse satisfatória, ela me fazia retornar ao meu quarto e orar por mais quinze minutos. Quase todas as noites, minha irmã e eu líamos a Bíblia em voz alta na mesa do jantar para conversarmos e aprendermos sobre questões doutrinárias.

Aos sábados, ela garantia que a Zoe e eu completássemos todas as tarefas da escola dominical, que, muitas vezes, consistiam em copiar de quarenta a cinquenta versículos bíblicos por semana. Minha mãe não tinha preguiça de nos educar e corrigir.

Lembro-me de que na escola, todas as vezes em que eu errava, fosse por conta de advertências ou suspensões, trabalhos de colégio não entregues ou conflitos com colegas, eu tinha de voltar e pedir perdão para os diretores e professores. Uma vez ela me fez escrever uma carta ao diretor pedindo perdão por ter, com meus amigos, tentado colocar fogo no prédio da escola com o pirografo e com a seladora, que ficavam na sala de artes.

Mesmo liderando a Monte Sião como pastora sênior, minha mãe era professora e trabalhava muito, diariamente. Ainda assim, nunca deixou de se fazer presente na minha vida e na da minha irmã, Zoe. Lembro-me de inúmeras vezes em que, depois de um dia de trabalho cansativo na escola e de reuniões com a liderança da igreja à noite, ela entrava no meu quarto para impor as mãos sobre a minha cabeça e orar. Declarava que eu não me desviaria dos caminhos do Senhor e, caso isso acontecesse, jamais encontraria felicidade fora da vontade d'Ele. Por essas e outras razões, dou graças a Deus por minha criação.

É por causa do modo que fui criado e instruído que hoje, não raras vezes, enquanto prego, começam a surgir na minha mente diversos versículos que embasam o ensino que estou transmitindo, mas que não havia separado antes da ministração. Eles simplesmente aparecem como algo fresco em meu espírito, e o mesmo acontece em aconselhamentos ou até quando preciso de alguma resposta específica para minha vida e família.

Anos atrás, cheguei a perguntar a Deus: “Pai, por que isso acontece? Que coisa maluca! O Senhor sempre coloca um versículo na ponta da minha língua”. Foi quando Ele me respondeu: “Na verdade, você plantou esses versículos em seu coração aos dez anos de idade, quando obedecia à sua mãe e os

copiava até decorá-los. Eu só trouxe para fora o que já estava aí dentro” (cf. Provérbios 22.6).

A MUDANÇA PARA OUTRA NAÇÃO

Durante nossa crise familiar, Deus nos deu a oportunidade de ter pessoas excepcionais ao nosso lado, que acreditaram e apoiaram a nossa mãe. Entre elas, Robson Rodovalho e César Augusto, membros da equipe apostólica da Monte Sião na época, que, debaixo da direção do pastor Jack Schisler, aconselharam-nos a sair do Brasil por um tempo enquanto a liderança resolia os problemas da igreja, que se encontrava em ruínas. Dos quatrocentos membros que a constituíam, apenas uma média de trinta pessoas seguiu frequentando os cultos e reuniões, que, nesse período, passaram a ser conduzidos pelo pastor João Hayashi, um dos fundadores da Monte Sião.

A ida para outra nação também seria crucial para que nossa família pudesse ser restaurada de tudo o que havia passado — não apenas com o abandono de meu pai, mas, sobretudo, com a instabilidade que nos acompanhara durante todos aqueles anos. Pela graça de Deus, minha mãe, Zoe e eu tivemos a chance de nos restabelecer e encontrar novas forças. Assim, conforme fomos orientados, migramos para a Inglaterra e ficamos por lá de 1990 a 1991, acolhidos pelo pastor Tony Morton e sua igreja Southampton Community Church, em Southampton.

**É impossível
falarmos sobre
cristianismo e
Reino de Deus sem
movimento; porque
o Reino continua se
movendo.**



Capítulo 2

AMIGO DE DEUS

Amigo
de Deus

Amigo de Deus

Crendo na promessa bíblica de que todas as coisas, mesmo as piores, contribuem para o bem daqueles que amam a Deus (cf. Romanos 8.28), chegamos à pacata cidade de Southampton, no início de 1990. Inegavelmente, o processo de mudança da nossa família demandou, em especial da minha mãe, uma força sobrenatural, que só poderia ser resultante da alegria e presença constante do Senhor.

Desde cedo, aprendemos a importância de confiar em Deus, acreditar em Seus planos e obedecê-lO; por isso, logo que nos mudamos, minha mãe se colocou em completa dependência do Pai Celestial e buscou restabelecer a normalidade em nossas vidas, após os eventos recém-vividos. A igreja que nos acolheu possuía uma escola de educação cristã vinculada a ela, e seus diretores ofereceram à minha mãe uma posição para lecionar a alunos com necessidades especiais. Minha mãe aceitou, e, assim, minha irmã e eu fomos matriculados nessa mesma instituição.

Nessa estação, encaramos desafios ainda mais complexos do que a necessidade de adaptação à rotina, língua e cultura inglesa: a restauração familiar devido ao trauma recente, a manutenção de uma cultura espiritual sadia e a proteção da unidade em nossa família, agora, composta por mim, pela Zoe e nossa mãe.

Não foram poucos nem tímidos os milagres que Deus operou a partir de nosso posicionamento de constância e fé, frente

ao abalo emocional traumático que nos atingiu com o abandono de meu pai. Nós pudemos ver o cuidado do Senhor nos mínimos detalhes, como as vagas que conseguimos na escola e as ocasiões em que minha mãe preparava uma refeição para nós três à conta de nos saciarmos, porém, sobrenaturalmente, a comida era multiplicada e tínhamos mais do que suficiente para comermos com fartura.

Na realidade, tudo isso nos marcou para sempre; vivemos experiências sobrenaturais tão profundas e empolgantes nesse tempo, que jamais seríamos capazes de mensurar ou descrever o poder transformador que elas tiveram em nossa jornada de cura — que começou na Inglaterra, mas, definitivamente, não se consumou ali.

Pudemos contar tanto com o apoio de nossos irmãos da igreja local em Southampton, quanto com o consolo, provisão, amor e descanso poderoso de Deus; tais aspectos marcaram substancialmente o nosso crescimento e fortalecimento, e nos encaminharam para o início da cura de nossas almas.

Nesse período, eu perguntava à minha mãe quando receberia o batismo no Espírito Santo. Ela sempre me respondia que a minha hora chegaria e que eu deveria continuar em oração. Era exatamente isso que eu fazia, pois o meu coração ansiava por ter essa experiência com Deus.

Por mais que ainda existam discussões acerca do significado e até autenticidade de tal experiência, a Palavra nos instrui claramente a respeito dessa verdade em inúmeras passagens. O batismo no Espírito Santo trata-se de uma promessa revelada séculos antes de sua concretização (cf. Joel 2.28; Isaías 32.15; Isaías 44.3). João Batista também o anunciou: nós teríamos acesso a ele a partir do sacrifício do Cordeiro (cf. João 1.32-33).

Todo cristão, ao crer com o coração e confessar com os lábios que Jesus é o Senhor e Salvador de sua vida, é salvo e recebe o Espírito Santo dentro de si (cf. Romanos 10.9; Efésios 2.8). Foi isso que aconteceu conosco. Cremos, confessamos e O recebemos. Contudo, quando faço menção ao batismo no Espírito Santo, não falo a respeito da porção que se recebe no ato do Novo Nascimento, mas, sim, da experiência na qual somos cheios d'Ele ao ponto de transbordar para além do nosso espírito, impregnando a nossa alma e corpo.

Jesus Se refere ao derramar do Espírito Santo sobre a Sua Igreja como o revestimento de “poder do Alto” (cf. Lucas 24.49; Atos 1.8), o que se deu pela primeira vez no dia de Pentecostes (cf. Atos 2) e sucedeu em incontáveis outras ocasiões, como os relatos de Atos 10 e Atos 19 podem exemplificar. Esse divino mover permanece disponível aos que creem no Senhor e buscam pelo poder do Alto, sendo algumas de suas evidências o ato de falar em línguas angelicais e expressar os demais dons do Espírito. Quando, após sua conversão, alguém vive tal experiência pela primeira vez, dizemos que essa pessoa foi batizada no Espírito Santo.

Minha irmã e eu desfrutamos disso durante uma visita da Dra. Neuza Itioka¹, a quem, carinhosamente, chamo de tia Neuza, pois ela é como uma irmã mais velha para minha mãe. Sua família foi pastoreada pelo meu avô na época em que congregavam na Metodista Livre, por isso as duas cresceram juntas. Inclusive, minha mãe foi vice-presidente da ABU² na USP quando tia Neuza era presidente da ABU na mesma universidade. Na tarde em que a recebemos, ambas aliaram-se na tarefa de nos conduzir a essa experiência singular. Eu estava saindo para brincar na rua quando a tia Neuza me chamou para sentar no

sofá, pois queria conversar comigo. Logo na sequência, minha irmã se juntou a nós.

Na sala da nossa casa, Zoe e eu recebemos uma aula a respeito do batismo no Espírito Santo conforme a Palavra relata em Atos 2. Encerrada a lição, tia Neuza nos perguntou se gostaríamos de ser batizados, ao que respondemos prontamente que sim, e nos colocamos em pé para receber a oração. Assim, ela rogou que o Senhor enchesse as nossas vidas.

Em questão de pouco tempo, eu vi a minha irmã ser tocada pelo Espírito Santo. Ela passou a sentir o amor de Deus a envolvendo, fechou os olhos e começou a chorar com suas pequenas mãos abertas, com as palmas viradas para cima, como se estivesse recebendo um presente do Senhor. Enquanto isso, passou a balbuciar algumas sílabas em línguas. Eu me recordo de estar assistindo a tudo aquilo e, com certa indignação, pensar: “Não acredito que a Zoe está sendo batizada antes de mim”.

Logo após ter esse pensamento, vi uma enorme quantidade de muco escorrendo de suas narinas, formando uma bolha que entrava e saía de seu nariz conforme ela respirava profundamente ao chorar. Minha reação foi imediata: comecei a rir, apontando para ela. O que eu não esperava era que o Espírito Santo me atingiria como um raio no momento em que eu tentava conter o meu riso. Em igual velocidade, passei do riso ao choro. Em questão de segundos, fui abalado e impactado por Sua presença de um jeito que jamais havia experimentado antes. Naquela tarde, inundados pelo Espírito Santo, nós quatro permanecemos um bom tempo desfrutando da Sua forte presença e orando em línguas.

Jamais nos esqueceremos desse dia. Esse acontecimento liberou experiências pessoais e sobrenaturais que nos auxiliaram

na construção de convicções firmes a respeito do caráter de Deus que carrego até hoje. Para mim e minha irmã, é evidente que esses frutos foram gerados tanto em situações cotidianas, por meio da disciplina com relação à leitura bíblica, oração, e realização das tarefas da escola dominical, como também em experiências transcedentais, que se sucederam após o batismo no Espírito.

Eu me lembro perfeitamente de outro desses episódios pôderosos que vivi. Certa noite, entre rápidos cochilos, comecei a orar em línguas para tentar pegar no sono profundamente, como minha mãe havia me ensinado. Porém, apesar de ser uma típica madrugada de inverno inglês, extremamente fria e nevoenta, percebi, de repente, que sentia calor a ponto de transpirar. Como se tudo acontecesse em câmera lenta — ainda que velozmente —, notei que o colchão se despregou das minhas costas e, por alguns segundos, literalmente, levitei no ar, sustentado pelo Espírito Santo. Quando realmente me dei conta do que estava ocorrendo, arregalei os olhos, assustado, e caí de volta em minha cama.

Ainda fortemente impactado pela presença do Espírito Santo em meu quarto, tive a sensação de que ali também existia uma presença angelical; eu sentia que mais alguém estava junto a mim naquele lugar, e isso era tão forte que eu quase podia tocar. Eu não conseguia parar de orar; ao mesmo tempo em que as palavras saíam da minha boca, era como se uma cachoeira jorrasse de dentro do meu peito. Extasiado, tive dificuldade para adormecer e confesso que, mesmo vivenciando essa série de acontecimentos, mal pude acreditar no que havia experimentado. Foi nesse tempo da minha vida que comecei a ter consciência do sobrenatural e a entender que ele era mais palpável do que o próprio natural.

Na mesma época, um dia, enquanto voltava da escola, passei por um gramado coberto por neve. Nessa ocasião, em

especial, uma forte sensação de solidão tomou conta de mim durante a caminhada em direção à minha casa. Sentia muito medo ao andar, então me lembrei da instrução da minha mãe acerca da importância da oração em línguas em nosso dia a dia. Assim que comecei a orar, passei a ouvir passos na neve, como se alguém estivesse se aproximando de mim. Tomado por certo receio, ligeiro, olhei ao redor, mas não vi ninguém. Contudo, no mesmo instante, senti o Senhor falar ao meu Espírito que aqueles passos que eu ouvia eram Seus, revelando com mais clareza e trazendo ainda mais convicção de que Ele andava ao meu lado e estava comigo em todos os lugares.

Entre incontáveis milagres e manifestações palpáveis da presença do Senhor experienciados em Southampton, nossa temporada em terras britânicas encerrou-se em 1991, quando retornamos ao Brasil. De volta à capital paulista, minha mãe continuou exercendo o magistério, dessa vez, em uma escola americana em São Paulo, onde eu e minha irmã estudamos até os dezessete anos de idade. Em 1995, ela reassumiu a liderança da Igreja Monte Sião, como pastora sênior, ao mesmo tempo em que continuava trabalhando na escola. Minha mãe permaneceu como pastora sênior até 2013, quando o Espírito nos direcionou, como igreja, a uma transição. Naquele ano, ela passou o bastão a mim e minha esposa, Juilia, que assumimos cientes da honra, privilégio e responsabilidade de exercer esse chamado.

PERCORRENDO O CAMINHO

No entanto, até chegarmos a esse ponto da minha vida, transcorri um longo percurso, no qual tive de lidar com

questionamentos profundos, feridas do meu passado e tratamentos de caráter; passar por esse processo me custou caro e levou tempo.

De volta ao Brasil e também à Monte Sião, passei a servir na igreja novamente e a participar ativamente de cada uma das programações. Fora isso, jogava futebol em todas as oportunidades que tinha, tanto na escola, como no prédio onde morava e na igreja. Era no campo que eu processava e anestesiava meus traumas, incertezas e angústias. Aliás, como quase todo garoto brasileiro da época, queria ser um jogador de futebol quando crescesse. O mesmo empenho com o qual me dedicava aos jogos não se aplicava à vida escolar. Pelo contrário, nunca fui bom aluno e era suspenso com certa frequência; por conta disso, minha mãe precisou, algumas vezes, pedir encarecidamente que não me expulsassem da escola. Enquanto tudo isso acontecia, nutria o desejo em meu coração de morar fora do Brasil, pois o país me fazia lembrar do divórcio dos meus pais, e isso ainda me trazia muita dor.

Então, assim que completei dezoito anos de idade, recebi uma proposta que transformaria o meu futuro. Um americano, técnico de futebol, ofereceu a mim e a um amigo a oportunidade de concorrer a bolsas de estudos para jogar e cursar uma universidade nos Estados Unidos. Como eu queria escapar do Brasil, participei do processo seletivo, que consistiu em um teste físico e uma prova escrita, e aguardei ansiosamente pelo resultado, que, pela graça de Deus, foi positivo.

Minha mãe havia selecionado quatro faculdades americanas que julgava apropriadas para mim, especialmente por se localizarem próximas a igrejas de pastores que ela conhecia; essas eram as únicas que eu teria a sua permissão para ir. Das universidades nas

quais tentei entrar, fui aprovado na Messiah University, na Pensilvânia, onde, com a bênção da minha mãe, passei a morar.

Ao desembarcar em solo norte-americano, um pastor próximo à nossa família me recebeu e, tão logo me viu, não esperou muito para me orientar a ter cuidado com as universidades do país, pois, segundo ele, eram lugares espiritualmente frios. Seu conselho foi que criasse laços com outros cristãos o mais rápido possível. Assim, no momento em que cheguei à república onde moraria, procurei seguir conforme sua orientação e obtive informações acerca da data e do local em que aconteciam os encontros de estudo bíblico.

Anotei e decidi visitá-lo o quanto antes, mas, no tempo em que esperava pela data da próxima reunião, conheci uns jogadores de futebol nos dormitórios da universidade. Logo fiz amizade e comecei a treinar com eles.

Na quarta-feira seguinte, precisamente às oito horas da noite, entrei na sala de reunião do grupo cristão, onde havia cerca de vinte ou trinta pessoas com aparência de cansadas em um ambiente que soava deprimido. Um jovem tocava violão e cantava desafinadamente, enquanto um ou dois participantes mantinham os olhos fechados, e os outros olhavam para o piso ou para o teto. Ao final da canção, o líder tomou a palavra e advertiu: “Amigos, o semestre está só começando, e, certamente, enfrentaremos diversas tentações. O mundo lá fora é perigoso e existe pecado por todos os cantos, porém aqui conseguiremos nos manter firmes e sobreviver”.

Quase não podia acreditar no que tinha escutado. Aquilo não correspondia às minhas expectativas; e, na minha visão, uma vida com Deus não se resumia à sobrevivência. Além disso, eu não havia abraçado a oportunidade de estudar em outro

país para apenas sobreviver. Olhei em volta e senti que não pertencia àquele ambiente. Ao mesmo tempo, a minha mudança a uma nova nação, sozinho, levava-me a carregar um sentimento de liberdade, afinal, até então, conhecia somente uma vida de igreja. De repente, abriram-se os horizontes para uma realidade completamente díspar, que, como jovem, inegavelmente, despertava a minha curiosidade.

No final da mesma semana, um dos meus amigos da faculdade entrou em meu dormitório fazendo um convite diferente de tudo o que eu já experimentara: uma festa de universitários, que aconteceria em um endereço próximo de onde estávamos. Diante da decepção com o grupo cristão — o único que existia na faculdade —, eu me vi sem muita alternativa senão recorrer às demais conexões que havia feito. Desse modo, aceitar o convite me pareceu ser a coisa mais óbvia a se fazer naquele momento. A verdade é que nunca retornei à reunião cristã, e continuei aceitando os convites que me atraíam ao desconhecido. Foi assim que se iniciou o esfriamento da minha fé.

EM BUSCA DE ADRENALINA

Como os convites eram cada vez mais frequentes, festas e uma vida boêmia tornaram-se parte da minha realidade. Assim como qualquer universitário que não conhece Jesus, segui minha vida fazendo o que achava divertido em meu primeiro ano de faculdade. Eu ia às festas organizadas pelas repúblicas toda semana; elas aconteciam em casas diferentes, com muita música e bebida. Em meio a tudo isso, lembro-me de ter dito a Deus que viveria desfrutando dessas oportunidades até completar, aproximadamente, vinte e cinco anos. Meu plano era que,

depois dessa idade, eu iria a alguma igreja e me sentaria em um dos últimos bancos do salão; levantaria minha mão no apelo e me ajoelharia no altar, implorando para que Cristo me perdoasse pelos anos em que estive longe de Seus caminhos. Tudo meticulosamente calculado.

A meu ver, manter esse posicionamento com data de validade me privaria das consequências destrutivas das minhas atitudes. Após aproveitar a minha juventude, eu voltaria para a igreja, me casaria com uma boa jovem cristã e me comportaria a partir daquele momento.

Eu sabia que o Espírito Santo era real e que eu era separado para o ministério e para difundir a mensagem do Seu Reino; contudo, não havia encontrado, até então, nada que se assemelhasse às experiências dos discípulos de Jesus, relatadas em Atos — um livro que sempre me atraiu, talvez por ser dedicado ao Teófilo (cf. Atos 1.1), mas, principalmente, por ser repleto de sinais e maravilhas, mostrando uma Igreja dinâmica. Então, com a fé enfraquecida, mergulhei de cabeça naquilo que me ofereceram: emoção e prazer instantâneo.

Semanalmente, no horário combinado, a minha mãe ligava no telefone da república e conversávamos de trinta a quarenta minutos. Ela me questionava a respeito de meus estudos e notas, bem como sobre minha vida espiritual. A ligação sempre terminava com ela me perguntando se eu havia ido à igreja no dia anterior e se estava fazendo meu devocional diariamente. Incapaz de mentir, esforçava-me para sempre apresentar uma resposta positiva. De fato, nunca perdi um culto de domingo, embora, certas vezes, tenha ido à igreja logo após virar a noite em alguma festa.

Eu considerava que quinze minutos de presença na igreja aos domingos poderiam garantir a veracidade das respostas

que dava à minha mãe. Além disso, todos os dias, abria a minha Bíblia para ler uma pequena porção de versículos, a fim de garantir outro “sim” como resposta fidedigna às suas perguntas. Por dois anos, eu me fiz acreditar que estava satisfeito com tal ilusão. Mal sabia que esse desenfreado ritmo de vida, pela graça divina, tinha seus dias contados.

VENHA FAZER HISTÓRIA COMIGO

Como consequência desse estilo de vida, minha fé se esfriou como nunca antes. Existia um buraco em meu coração que, apesar de tentar ignorar, parecia aumentar de tamanho a cada segunda-feira.

Ao final do semestre, um amigo meu que estudava na Universidade de Tampa, na Flórida, chamou-me para uma viagem durante o *spring break*³, que era completamente focada em festas repletas de bebidas, drogas e promiscuidade. Juntamente aos meus colegas de república, aceitei a proposta e embarquei em mais uma aventura por meio da qual buscava preencher a lacuna que havia em mim. Não me lembro bem dos primeiros dias daquela semana, porém guardarei eternamente os detalhes da noite que mudou a minha vida: o dia em que o Senhor me encontrou no meio de uma pista de dança em uma balada.

Nossa rotina incluía festa todos os dias e, em uma delas, eu estava dançando com meus amigos, quando comecei a sentir algo diferente dentro de mim — sem que fosse necessário ter ouvido uma pregação ou repreensão. Imediatamente, reconheci aquele toque profundo e sobrenatural: era o Espírito Santo me envolvendo de maneira tão forte que, em questão de segundos, fiquei totalmente sóbrio e tive convicção do meu

estado e da minha necessidade de arrependimento. Saí correndo da pista de dança, fui para o banheiro e comecei a jogar água no rosto — ela se misturava com as lágrimas que eu não era capaz de conter.

Em meu pensamento, desejava adrenalina, liberdade e alegria, e, apesar de ter encontrado pequenas migalhas ilusórias, jamais me senti satisfeito e pleno. Agora sei que tudo quanto procurava só é encontrado em uma vida de obediência radical a Deus, o que nos conduz a viver conforme Seu propósito.

Naquele banheiro, pedi a Ele: “Se for para voltar e viver para o Senhor de todo o coração, quero que seja uma aventura”. Eu não queria viver um cristianismo monótono, e sim aquele que lia em Atos, com sinais, maravilhas e com o poder de Deus. Para a minha surpresa, fui tomado pela convicção do meu comprometimento. Com grande urgência, o Espírito Santo não reteve Sua vívida resposta, logo me mostrou como a história pode ser feita por meio daqueles que se dispõem a ter uma vida pautada por Ele, aos que carregam o Seu poder explosivo. Um convite foi estendido a mim, e eu prontamente o aceitei; o Senhor me disse: “Venha fazer história Comigo”.

Ainda sem acreditar no que estava acontecendo, saí correndo do banheiro, procurei meu amigo no meio da pista e pedi a chave de sua casa, porque eu queria ir embora. Ele insistiu para que eu ficasse, enquanto falava sobre um *afterparty*⁴ que aconteceria mais tarde, mas eu já não me importava. Ao perceber que não me faria mudar de ideia, ele me deu a chave, e fui embora o mais depressa que consegui.

Quando dei o primeiro passo para fora daquela festa, tive a impressão de escutar em meu interior a palavra “YWAM”⁵. Esse foi um daqueles momentos em que você só sabe o que

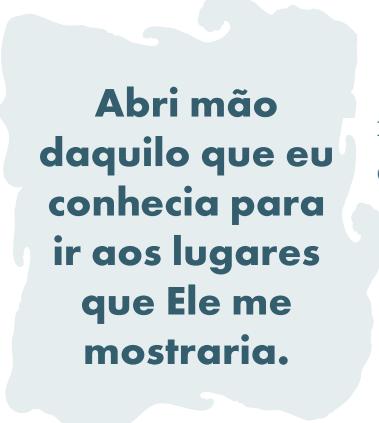
ouviu, mas não como ouviu. Eu não fazia a mínima ideia de qual era o significado daquela sigla, mas, de volta à casa onde estava hospedado, fiz uma rápida pesquisa na internet, descobrindo que se tratava de uma organização missionária global com sua principal base em Kona, no Havaí.

DA BALADA À MISSÃO EM QUATRO HORAS

Ali mesmo, sem hesitar, fiz minha inscrição, apenas quatro horas após estar completamente perdido em uma balada. Voltando para a Pensilvânia, percebi que eu tinha de mudar de vida e que essa mudança me custaria abrir mão de algumas amizades, distanciar-me de certas companhias, terminar relacionamentos, trancar minha matrícula e, o mais difícil: encontrar provisão financeira para fazer esse treinamento missionário em Kona. Dali em diante, o meu estilo de vida precisaria mudar, pois o Senhor não só desejava cumprir Seus planos na minha vida, como me levaria para um lugar distante nessa nova jornada juntos.

Mesmo com expectativa no meu coração de que eu viveria uma aventura com Deus, sabia que a decisão de servir-Lhe não envolve apenas desfrutar de inúmeros benefícios e não enfrentar contratemplos, mas significa nos esvaziarmos de nós mesmos e carregarmos a nossa cruz (cf. Lucas 9,23).

Perante a escolha de mudar completamente o rumo da minha vida, entendi que não havia outro caminho senão abraçar esse processo com radicalidade. Inspirado em como Abraão confiou nas palavras e promessas de Deus (cf. Gênesis 12,1-3; Tiago 2,23), e se moveu em passos de fé e obediência, abri mão daquilo que eu conhecia para ir aos lugares que Ele me mostraria.



**Abri mão
daquilo que eu
conhecia para
ir aos lugares
que Ele me
mostraria.**

Ainda relembrando as práticas cristãs que minha mãe havia me ensinado, engajei-me em oração e, semanas depois, recebi o resultado positivo da minha inscrição na JOCUM. Liguei para ela a fim de anunciar que trancaria a faculdade, contando-lhe sobre o encontro que tivera com o Senhor. Eu sabia que não teria força suficiente para permanecer obedecendo a Deus sozinho, e que precisava de ajuda para abandonar de fato aquela vida mundana o mais rápido possível. Ela me perguntou para onde eu iria, e respondi que meu destino era o Havaí, pois a partir dali gostaria de ser missionário.

Pensei que essa frase a faria chorar de emoção, por ter as orações respondidas, mas ela, em resposta, questionou-me se eu gostaria de ir ao arquipélago havaiano apenas para surfar ou se realmente desejava servir a Deus. Prometi que minhas intenções eram legítimas e a incentivei a pesquisar o site da JOCUM, pedindo-lhe que me concedesse o benefício da dúvida. Ela assentiu e, depois que me deu sua bênção, iniciei meu tempo como missionário.

Cheguei à base da JOCUM e, desde então, permaneço conectado a eles. Ali, comecei a viver a adrenalina de uma real amizade com Deus ao mesmo tempo em que diariamente desfrutava do Evangelho radical, simples e profundo que lia nas Escrituras. Tive vários momentos de muita intimidade com o Senhor em meus devocionais, principalmente quando me sentava nas pedras e observava o mar. Aprendi a amar Jesus

verdadeiramente, indo além daquilo que eu já havia recebido em casa, e dizendo “sim” ao chamado do qual tinha fugido por tanto tempo.

Foi no Havaí que comecei a sonhar com missões universitárias, uma vez que os futuros líderes da sociedade preenchiam os *campi* ao redor do mundo. Passei a entender que era necessário capacitar essa geração para, de fato, enxergar uma transformação a longo prazo, gerando frutos que permanecem e que não são roubados pelo Inimigo. Para atingir esse objetivo, a mudança precisava transbordar das quatro paredes de uma igreja. Eu não queria apenas formar uma nova geração de pastores, líderes de louvor e missionários, mas de empresários, políticos, artistas, cineastas e atletas, que levariam o Reino de Deus para suas respectivas áreas de atuação. Embora a minha compreensão a respeito das esferas da sociedade⁶ ainda fosse muito rasa, a minha paixão por essa visão preenchia meus cadernos e pensamentos.

Olhando para trás, entendo esse momento como o ponto de partida do movimento que hoje conhecemos como Dunamis. Jovens cuja vida fora transformada por Jesus certamente fariam a diferença, mas primeiro era preciso lhes apresentar o Evangelho do Reino. Assim como está escrito em Romanos 10.14-15, só podemos crer n'Aquele a respeito do qual ouvimos falar, e eu, então, decidi que a minha boca se abriria, sem perder qualquer oportunidade de trazer a Luz para aqueles que habitavam nas trevas.



**Comecei
a viver a
adrenalina
de uma real
amizade
com Deus.**



Ao ser enviado pela JOCUM às Filipinas, dei início à parte prática da minha vida missionária. Naquele país, eu entregava comida para os jovens de rua na periferia de Manila durante o dia e, à noite, realizava evangelismos nas universidades. Independentemente do lugar onde eu estava em missão, da quantidade de pessoas no grupo ou de quantas tarefas diferentes nos eram atribuídas, por algum motivo eu sempre era um dos direcionados a visitar as universidades e falar com alunos e professores sobre o Reino de Deus. Aos poucos, tornava-se cada vez mais claro que aquela era a minha missão. E toda a experiência que adquiri durante esse período me serviu como bagagem para a fundação do Dunamis.

Nessa época, lembro-me de que comecei a ouvir o Senhor falar comigo de maneira intensa sobre a visão que tomava forma no meu coração. Algumas coisas não fizeram sentido de imediato, mas o Espírito Santo me dizia para somente receber e esperar o tempo certo, pois tudo seria esclarecido.

A ESTRATÉGIA FRUSTRADA

Tempos mais tarde, fui enviado à Índia com o objetivo de atuar no trabalho missionário dentro da maior universidade islâmica do mundo na época, a Jamia Millia University, em Nova Deli. Lá, compartilhei um pequeno apartamento — que basicamente consistia em um quarto, uma sala, uma cozinha e um banheiro — com dois outros missionários, um americano e um sul-africano. Fui alertado pela liderança acerca dos cuidados necessários para desenvolver estratégias de evangelismo seguras em uma sociedade predominantemente hinduista e islâmica. Sendo assim, por meio do futebol, conseguimos aproximação e



estreitamento de laços afetivos com os estudantes da instituição. Acreditávamos que, dessa maneira, evitariíamos um possível mal-estar diante da pregação do Evangelho.

Por cerca de três meses, promovemos estudos bíblicos com os indianos após as partidas de futebol. Porém, infelizmente, ao serem apresentados a Jesus Cristo, nenhum de nossos colegas decidiu render sua vida a Ele, o que gerou em mim uma grande frustração. Questionando a Deus a respeito do que ocorrerá, recebi uma resposta e revelação divina inusitadas.

Todas as manhãs, eu comprava *rotee* — um tipo de pão consumido na Índia, similar ao que conhecemos no Brasil como pão sírio — e o compartilhava com alguns meninos na rua. Cer-

to dia, fazendo o que já era de costume, fomos surpreendidos por um carro que

passou por uma poça, bem em nossa frente, encharcando-nos com aquela água enlameada. Ao olhar com atenção, algo me intrigou: percebi se tratar de um carro de luxo, trafegando em plena periferia na capital indiana.

Era necessário capacitar essa geração para, de fato, enxergar uma transformação a longo prazo.

Diante daquela situação atípica, o Espírito Santo, então, abriu o meu entendimento de modo que percebi que o motorista daquele carro era, na realidade, um representante de todos aqueles que estão em alguma posição de influência e autoridade na sociedade; em outras palavras, tratava-se de quem tinha, em suas mãos, a capacidade de inspirar e até mesmo instituir padrões para o sistema de valores sociais.

Para além disso, senti o Senhor revelando o meu destino profético como alguém que alcançaria aqueles que são capazes de constituir mudança e revolução social em larga escala. Eu não sabia, mas o Espírito já estava norteando o meu ministério. Eu amava falar de Jesus para as pessoas de maneira individual — Ele mesmo fez isso e nós devemos seguir esse modelo —, mas Deus estava me revelando outra área à qual eu deveria prestar atenção. Isso seria tão espiritual quanto dar pão para um garoto que estava com fome.

Com o sentimento de insatisfação cada vez maior pelas negativas dos muçumanos e após ter ouvido tão claro o direcionamento de Deus a respeito do meu destino, decidi conversar com meu líder no campo missionário, que me fez refletir sobre a possibilidade de meu tempo em missões com a JOCUM estar chegando ao fim. Segundo ele, aquela insatisfação e a revelação específica que o Espírito Santo tinha me concedido poderiam ser resultado de um chamado divino para uma nova estação em minha vida.

Decidi iniciar um novo propósito de jejum e oração, a fim de descobrir mais a fundo a direção de Deus para mim a partir daquele ponto. Liguei para a minha mãe, que, na época, estava fazendo doutorado em Colorado, nos Estados Unidos, e pedi que ela intercedesse por mim.

EM BUSCA DO PODER

Durante o meu período de jejum, veio à minha memória uma das primeiras ocasiões em que presenciei uma manifestação sobrenatural de cura. Aos dez anos de idade, antes de chegarmos à Inglaterra, passamos pela Itália, onde acompanhei

minha mãe na cruzada evangelística de um pastor argentino chamado Carlos Annacondia⁷. No final da primeira noite de pregação, o pastor organizou algumas pessoas em fila e caminhou pelo espaço, orando e declarando cura sobre elas. Os enfileirados se quebrantaram a ponto de caírem no chão, debaixo da unção liberada por Deus. Lembro-me de ter ficado fascinado, e até mesmo um pouco assustado, diante daquilo.

Na noite seguinte, aproximei-me do ajuntamento e reparei em um homem que levava seu filho ao altar. O garoto aparentava ser alguns anos mais velho do que eu, e era deficiente físico — no lugar de uma orelha, havia um buraco ao lado de seu crânio. O pastor colocou a mão sobre a cabeça do menino que, como os outros, caiu ao chão. Curioso, permaneci de pé ao lado de seu pai, observando-o fixamente quando, após alguns segundos caído, as veias em todo o seu corpo saltaram e se tornaram visíveis. Mais alguns instantes se passaram e, de maneira surpreendente, uma orelha surgiu em sua cabeça, de dentro para fora, preenchendo o buraco. Foi a primeira vez em que presenciei um milagre criativo.

Tão maravilhoso e marcante foi o ambiente espiritual gerado no ginásio italiano que, doze anos mais tarde, em Nova Deli, considerei sacrificar minhas economias na compra de uma passagem só de ida com destino à Argentina, em busca de Carlos Annacondia. Idealizei viver como seu discípulo para aprender a acessar o poder de Deus que testemunhei ser manifesto por suas mãos, caso não recebesse uma resposta clara do Senhor acerca do que deveria fazer a partir dali.

Restando apenas um dia para o final do jejum, inesperadamente, recebi uma ligação da minha mãe. No telefonema, ela relatou que o seu professor, C. Peter Wagner, havia convidado

um profeta africano que, na época, era rei tribal do povo Shai e pastor de uma igreja na Carolina do Norte, para ministrar uma de suas aulas. Seu nome era Dr. Kingsley Fletcher. Durante a ministração, o Espírito Santo manifestou-Se com intenso poder, ao ponto de todos os presentes naquela sala de aula se quebrantarem e caírem ao chão, chorando de forma ininterrupta por quatro horas. Ela não poderia se encontrar mais feliz, uma vez que há décadas não sentira o poder do Alto de modo tão palpável quanto naquela ocasião.

Contou ainda que, em certo momento, ao se levantar, foi chamada pelo profeta, o qual afirmou que ela tinha um filho que servia como missionário na Índia. Por meio de uma revelação divina muito específica, o Dr. Fletcher lhe disse que a direção de Deus para a vida desse jovem seria viajar para os Estados Unidos, procurá-lo em sua igreja e ser discipulado pessoalmente por ele, que o receberia como um filho espiritual. Minha mãe sentiu paz e logo me passou as informações para entrar em contato com ele.

Enquanto ouvia tudo aquilo pelo telefone, impressionado e assombrado com a evidente resposta de Deus às minhas súplicas, fiz-lhe algumas perguntas e terminamos a conversa um tempo depois. Assim que encerrei a ligação, contatei a minha irmã, Zoe, e compartilhei os detalhes sobre a profecia que havia recebido. Na época, ela morava em Los Angeles, na Califórnia, e cursava a primeira edição do The Call School⁸. Ela anotou o nome do Dr. Fletcher e comprometeu-se a averiguar se Ché Ahn⁹, o pastor de seu professor, Lou Engle, o conhecia.

No dia seguinte, Zoe me ligou e disse: “Conversei com os líderes aqui da escola e eles me pediram para avisar que, se você disser ‘não’ a essa proposta, recusará a chance da sua vida”. Essa era a última confirmação de que eu precisava. Portanto,

prontamente comecei a preparar minhas bagagens e logo voltei ao Brasil, a fim de passar o Natal em casa, com meus amigos e familiares. Isso se deu ao fim de 2002.

Após as festas de final de ano, preparei duas malas e embarquei em um avião rumo à Carolina do Norte, com apenas setecentos dólares que meu tio, João Hayashi, havia me ofertado.

**A mudança
precisava
transbordar das
quatro paredes
de uma igreja.**



Capítulo 3

**SERVINDO
À
UNÇÃO**

Servindo
à unção

Servindo à unção

Quando decidi acompanhar o Dr. Fletcher e servir-lhe, meus amigos da faculdade me questionaram sobre essa decisão. Eles acreditavam que aquilo era um retrocesso. Afinal, como eu poderia abandonar uma boa educação simplesmente para seguir um homem?

A verdade é que o serviço é parte essencial da vida cristã. Andar com Cristo nos inspira a servir aos outros; e, como nos ensina o apóstolo Paulo, encaminha-nos à liberdade (cf. Gálatas 5.13); esta, por sua vez, não deve ser usada como uma desculpa para darmos ocasião às nossas vontades, mas, sim, para aprendermos a negar a nós mesmos em obediência e amor ao Senhor (cf. Lucas 9.23).

Quando servimos aos nossos irmãos, estamos, na verdade, servindo a Jesus (cf. Mateus 25.35-45) e, conforme as Escrituras nos afirmam, tornando-nos grandes no Reino de Deus, como o próprio Cristo, que, incansavelmente, serviu e Se entregou até o fim (cf. Marcos 10.43-45).

Uma das maiores provas desse princípio em minha vida é reconhecer os frutos que tenho colhido hoje como resultado da obediência e serviço, cultivados especialmente a partir do ano de 2003, quando passei a residir no estado da Carolina do Norte, Estados Unidos. Eu era apenas um jovem, distante do meu país de origem, prestes a hospedar-me na residência de uma

**A verdade é
que o serviço
é parte
essencial da
vida cristã.**

família até então desconhecida. As perspectivas que possuía a respeito do meu futuro ainda eram incertas, porém, desde os primeiros instantes em Durham, na Carolina do Norte, pude compreender que iniciara uma temporada na qual seria desafiado de maneira incomum em todos os aspectos da minha existência. Para isso, teria de

aprender, na prática, a servir à unção de um grande homem de Deus.

Ao desembarcar em terras norte-americanas, utilizei algumas moedas para contatar o Dr. Fletcher por meio de um telefone público e comunicar minha chegada — vale lembrar que, em 2003, os celulares não eram tão acessíveis ou modernos quanto atualmente, e eu, assim como a maioria, não possuía um. Por isso, logo que liguei para o número que tinha, a secretaria atendeu e enviou um motorista que me conduziu até a casa onde eu moraria ao longo daquele período. Somente na manhã seguinte tive a oportunidade de conhecer o Dr. Fletcher pessoalmente.

O Dr. Kingsley Fletcher é um profeta, pregador e autor nascido em Asamankese, Gana, e faz parte da realeza tribal africana. Por muitos anos, foi missionário na França, Inglaterra e em outros países da Europa, além de possuir um bacharel em Engenharia Elétrica e três Ph.D.s (em Filosofia, Teologia e Educação). Quando o conheci, ele e o Dr. Myles Munroe atuavam como conselheiros especiais da ONU¹, e falavam diretamente com o secretário geral da época, Kofi Annan. O Dr. Fletcher viajava pelo mundo todo para ministrar a Palavra, pregar o Evangelho

do Reino e operar milagres através do poder do Alto. Ao mesmo tempo, liderava uma igreja local, fundada por ele mesmo na Carolina do Norte.

Cheguei ao seu escritório, pela primeira vez, ansioso para dar início àquela nova estação em minha vida. Contudo, demorou um pouco para que eu fosse recebido, o que me fez ficar ainda mais inquieto. Quando, por fim, Dr. Fletcher me convidou para entrar, com o coração extasiado, dei passos lentos, tentando observar ligeiramente o cômodo inteiro. Ele fez um sinal para que eu me sentasse no sofá e o aguardasse enquanto falava ao telefone.

Ali estava eu, frente a frente com aquele homem que era muito mais experiente do que qualquer outro que já tivera a chance de conhecer de perto, com uma unção e ministério que pessoas ao redor do mundo todo reconheciam.

Ao término da ligação, olhou para mim e começou a alinhar minhas expectativas acerca do período que passaria com ele; eu o queria como meu discipulador, mas, apesar das confirmações e do jeito totalmente atípico como fui parar naquele escritório, ele queria me fazer entender que a jornada não seria fácil.

Desde o princípio, o Dr. Fletcher deixou claro que uma temporada sob sua liderança não seria como aprender em uma escola de ministério comum; mesmo o curso intensivo da ETED² não seria compreendido como algo tão desafiador ante o que viveria sendo discipulado por ele. “A minha função é fazê-lo desistir”, anunciou logo no início da conversa, e questionou qual era minha motivação para estar ali. Ele testava as minhas intenções e queria saber se eu estava usando seu ministério para a obtenção de um *green card*³. De fato, a possibilidade de estabelecer

residência fixa nos Estados Unidos me parecia promissora, contudo, meu intuito em ser discipulado por ele não era esse.

O Dr. Fletcher buscava averiguar se eu realmente deveria ser seu discípulo ou se tinha de retornar ao meu país. Ele dificultava meu acompanhamento ao seu ministério, mas eu sabia que ele queria a minha permanência ali. Chegou a me questionar insistenteacerca do que eu esperava daquela fase, ao que respondi a plenos pulmões, com sinceridade e até certa revolta: “Eu quero Deus!”. Acredito que, embora audaciosa, tal resposta tenha sido suficiente; caso contrário, creio que ele não teria proposto o desafio que fez logo em seguida.

Antes que partisse para uma viagem de uma semana, deixou algumas instruções até o seu retorno. Entregando-me um livro, escrito por ele mesmo, que detalhava e explicava os fundamentos bíblicos do jejum, desafiou-me a jejuar intencionalmente e com radicalidade, como nunca antes. Ele chegou a me questionar se eu sabia orar e jejuar, ao que respondi, confiantemente, que sim. Em resposta, o Dr. Fletcher apenas afirmou: “Você não sabe orar e jejuar”.

Em vez de apenas abdicar de alguns alimentos específicos ou renunciar a certas refeições, sua proposta era que eu passasse alguns dias sem consumir nada além de água, em completa consagração ao Senhor. Enquanto fortalecia meu espírito e enfraquecia a minha carne, deveria me atentar à voz de Deus e discernir o que Ele diria a respeito do meu tempo ali.

Ele pediu ao seu irmão, Emanuel Fletcher, que havia se mudado para os Estados Unidos, que me ensinasse a orar como eles faziam na África. Algumas vezes, Emanuel ficava orando em línguas por três horas. O Dr. Fletcher me disse que também buscaria uma palavra do Senhor e, quando regressasse da

viagem, compartilharia comigo. Se tivéssemos escutado exatamente a mesma coisa, eu passaria no teste e ficaria com ele; caso contrário, poderia arrumar minhas malas e retornar ao Brasil.

Comecei o jejum — assim como aconteceu na vez em que estava na Índia e fiz um propósito de buscar a voz de Deus —, mas não obtive nenhuma revelação no primeiro dia, nem no segundo. No terceiro, desmaiei e caí de uma escada por conta da fraqueza característica de quando nos restringimos de comida por tanto tempo. No quarto dia, encontrava-me em estado de desespero para ouvir o que quer que fosse da parte do Senhor.

Porém, ainda que eu despendesse incontáveis horas escutando louvores e orando em línguas, o silêncio persistia de tal forma, que me via sem mais alternativas quanto ao que fazer. Foi então que, no sexto dia, um simples pensamento me veio à mente, quase como um sussurro: “Quatro meses. Visto de trabalho”. Duas sentenças curtas, diretas e aparentemente desconexas, as quais anotei, meditei e orei.

Muitos creem que a voz de Deus precisa ser sempre rápida, nítida e audível, ou, ainda, que Ele colocará um letreiro enorme à nossa frente com uma mensagem reluzente nos indicando o que fazer. Manifestações evidentes como essas podem até acontecer em momentos específicos (cf. 1 Samuel 3; Josué 1), mas não será dessa forma em todas as ocasiões. A mensagem que o Senhor deseja comunicar a nós, na verdade, pode chegar de modo bastante simples, através de uma sensação, um versículo que emerge em nossa mente ou um mero pensamento, como me ocorreu naquele dia.

Quando o Dr. Fletcher voltou para a Carolina do Norte, encontramo-nos para conversar e checar se havíamos escutado as mesmas palavras do Espírito Santo. Bem em minha frente, ele

pegou uma caneta e um papel, escreveu algo e cobriu para que eu não conseguisse ler. Em seguida, pediu-me para dizer o que havia escutado do Senhor. Naquele instante, eu tinha quase cem por cento de certeza de que seria enviado de volta ao Brasil; minha única opção era falar da impressão que percorrera o meu espírito. Eu não tinha nada a perder.

Então, contei o que sentia ser a interpretação daquelas palavras: “Deus falou que vou ficar aqui por quatro meses e que precisarei substituir meu visto de turismo por um de trabalho para permanecer com você a longo prazo”. Assim que terminei de anunciar essas palavras, um arrepiô passou por minha espinha, enquanto o encarava fixamente. Sem demonstrar muita empolgação, o Dr. Fletcher pegou o papel escondido, virou-o e o deslizou pela mesa em minha direção. Estava escrito: “Quatro meses”. Felizmente, havia passado no teste e, de acordo com suas palavras, eu “tinha futuro”.

É IMPOSSÍVEL SERVIR A DOIS SENHORES

O alívio que senti ao saber que poderia permanecer por lá durou pouquíssimo tempo. Na semana seguinte, ao conversar com o Dr. Fletcher sobre os detalhes da minha estadia, ele disse que não me pagaria um salário; instruiu-me a orar ao Pai, pedindo por Sua provisão a todas as minhas necessidades, especialmente durante os próximos quatro meses. Questionei se havia compreendido bem aquelas palavras. Ele me propusera um serviço cuja remuneração seria o aprendizado e a unção concedidos de sua parte. Explicou que eu precisaria ir ao seu escritório todos os dias, trabalhar por oito horas, perguntando diariamente — para ele ou para sua secretária — como eu poderia servir.

Mas, a despeito das condições aparentemente desfavoráveis — olhando por uma perspectiva natural —, não fui da oportunidade que Deus me concedera; pelo contrário, doe-me por completo e vivi intensamente aquela temporada.

Percebi que, de fato, sempre havia alguma maneira de servir naquele escritório; em vez de encontrar uma rotina monótona e repetitiva, deparei-me com desafios e dilemas diários, que foram cruciais e me permitiram desenvolver habilidades de resolução de problemas fundamentais, que me são úteis até hoje.

Essas experiências não eram necessariamente tarefas ministeriais, por assim dizer; porém a mera chance de servir já era de grande valia. Afinal, o Mestre nos deixou um modelo de liderança no qual o serviço é inegociável. A aplicação prática desse princípio em minha vida seria servir à unção do Dr. Fletcher pelo tempo que fosse necessário, ao passo que confiava na provisão divina para tudo quanto necessitasse (cf. Mateus 6.31-33).

Eu tinha de escolher se colocaria minha confiança em Deus ou no dinheiro. Até hoje, quando me vejo em situações semelhantes, entendo que elas servem para que minha fé seja provada e meu coração moldado.

O próprio Jesus nos revelou que não podemos servir a dois senhores: ou nos dedicaremos a Deus ou a Mamom — o espírito de ganância e amor ao mundo material (cf. Mateus 6.24).

É fato que, quando permitimos que as finanças se tornem o árbitro sobre nossas decisões, revelamos raízes de idolatria; ou seja, se optamos por um



**O próprio Jesus
nos revelou que
não podemos
servir a dois
senhores.**



caminho contrário ao que o Espírito de Deus nos revela por não compreendermos exatamente como obteremos os recursos necessários para realizar tal feito, na realidade Mamom é o deus a quem servimos.

Isso, porque, diante de circunstâncias assim, sem nos darmos conta, passamos a pensar que, ainda que o próprio Deus tenha liberado uma palavra acerca do nosso futuro, não precisamos que Ele mesmo intervenha em nosso favor, a fim de que Suas palavras se concretizem. Pelo contrário, muitas vezes cremos que nossa necessidade será sanada pela obtenção de mais riquezas ou pela força do nosso braço, e não por Sua provisão.

A consequência nefasta dessa mentalidade secular é uma existência fundamentada no erro de que o ser humano, por si só, é suficiente para sustentar sua própria vida e que não precisa da ação divina em sua história. Nisso, muitos acabam vivendo de maneira medíocre e extremamente natural, pensando que a trajetória cristã se resume a ir à igreja aos domingos e ser uma boa pessoa.

Não à toa, o Dr. Fletcher me instruiu acerca do dinheiro, ensinando-me a ser fiel no dízimo e na oferta de forma profunda. Foi nessa época que decidi entregar dez por cento daquilo que recebia para o dízimo e dez por cento para a oferta, decisão que carrego até hoje. Ele dizia que o dinheiro jamais seria a verdadeira solução de que necessitamos, mas uma ferramenta de caráter neutro, que carece ser utilizada com sabedoria, sensatez e, sobretudo, liderança do Espírito Santo. Pode nos ajudar a resolver situações e até nos trazer conforto. Entretanto, tudo vem do Senhor e é para a Sua glória (cf. Romanos 11.36). Somente Ele tem poder sobre todas as coisas e é quem traz soluções, seja pela provisão financeira ou por qualquer outro meio.

Estar em situações desconfortáveis como essa me trouxe o aprendizado que, antes de me deixar abater pela falta de recursos materiais, deveria colocar minhas necessidades diante do Pai, como Jesus nos ensinou em Mateus 6. Ser vulnerável diante d'Ele desarma todas as nossas estratégias falíveis, e abre espaço para que a provisão nos alcance através de fontes inimagináveis até então: às vezes, uma cesta básica, uma bolsa de estudo, uma porta de emprego aberta, palavras de sabedoria que nos direcionam ao caminho certo, ou qualquer outro tipo de manifestação do favor dos homens e do Alto.

De nossa parte, Ele espera uma boa mordomia, ou, em outras palavras, uma administração prudente dos recursos recebidos — financeiros ou não —, de maneira que não sejamos negligentes, mas que possamos dar serventia ao que temos em mãos (cf. Mateus 25.23).

Como não contava mais com a comodidade de morar na casa da minha mãe, percebi de forma ainda mais intensa como era viver contando com a provisão de Deus. Eu era o responsável por arcar com todos os meus gastos, e isso me desafiava a dar passos de fé e me colocar constantemente em total dependência do Senhor.

Em certa ocasião, o pastor responsável pela adoração da igreja notou que eu apresentava um aspecto cabisbaixo e quis entender a causa daquele semblante. Embora estivesse com dificuldade para lidar com as minhas novas incumbências, especialmente no que dizia respeito às finanças, não queria demonstrar qualquer preocupação. Ele, porém,

**Somente Ele
tem poder
sobre todas
as coisas e
é quem traz
soluções.**



insistiu em descobrir como poderia me ajudar. Com muita prontidão, levou-me para almoçar e me aconselhou a escrever em uma lista tudo de que eu precisava, e a orar de forma específica por cada tópico.

Chegando à minha casa, pontuei item por item. Os prioritários eram um computador — porque, até então, tinha de caminhar por trinta minutos, diariamente, até uma biblioteca para abrir meu e-mail — e um automóvel — pois todos os meus deslocamentos pela cidade dependiam de caronas, já que conciliava o serviço ao ministério do Dr. Fletcher com o trabalho como garçom, o qual obtive a fim de quitar meus gastos.

Trabalhei durante cinco anos em restaurantes variados: um servia empanadas bolivianas, outro era uma franquia de um restaurante americano, cheguei a servir também em um típico restaurante suíço-alemão, além de trabalhar como garçom em um restaurante de carnes. Toda noite, eu terminava contando quanto havia recebido de gorjeta, pois essa era a maior parte do meu sustento. Antes de começar a trabalhar, eu orava pedindo a exata quantia de que necessitava naquele dia para pagar as contas, e Deus sempre foi fiel, provendo de forma milagrosa.

Após tantos anos servindo mesas e atendendo clientes, estou convencido de que atuar como garçom é uma das melhores escolas para a vida ministerial. Sei que essa não é uma prática comum no Brasil para aqueles que têm oportunidade de cursar uma graduação, mas nos Estados Unidos é, de certa forma, bem recorrente.

Entre as lições que aprendi com esse ofício, lidar com as pessoas, de um modo geral, foi primordial. Uma vez que não controlamos quais consumidores entrarão no restaurante, é preciso entender como tratar a todos sem distinção e, acima

de tudo, com justiça e neutralidade. Na igreja também é assim. Quando as pessoas chegam à casa de Deus, somos ordenados a servir-lhes em excelência e amor, apesar de qualquer coisa.

A ocupação de servir também me educou sobre organização e controle financeiro. No contexto em que eu trabalhava, o salário fixo era abaixo do mínimo e a renda complementar era alcançada por gorjetas, então a minha produtividade ditava o quanto eu seria recompensado ao final do mês. Diante desse sistema, todas as noites eu precisava provar o meu mérito. Tive de desenvolver uma mentalidade de eficiência e produtividade pela própria necessidade de aumentar a minha remuneração, organizar os meus recursos, e também não permitir que nenhuma de minhas obrigações ficasse em aberto.

Desenvolvi, a certo custo, a habilidade de conversar com todos, independentemente de quem fossem. Igualmente, expandi a capacidade de interpretar o comportamento das pessoas e resistir a culturas que destoam do Evangelho, uma vez que os restaurantes costumavam ser ambientes marcados por boicotes e competições entre colegas de trabalho; pude evoluir, na prática, o caráter de Cristo, respondendo a situações desafiadoras com mansidão. Firmado na lei da semeadura (cf. 2 Coríntios 9.6), diversas vezes contribuí com meus colegas sem esperar que eles me retribuíssem, e isso, posteriormente, trouxe-me boas consequências.

Trabalhando como garçom, também aprendi amplamente sobre o funcionamento de uma empresa, além de desenvolver a aptidão de gerir pessoas e resolver conflitos com agilidade. Ainda que eu fosse contratado como garçom, diversas vezes atuei como gerente, o que me levou a expandir a visão de micro a macro. Posso afirmar com convicção que absolutamente

todos esses aprendizados estão arraigados em mim até hoje, o que me faz perceber esse período como um tempo necessário e enriquecedor pelo qual sou grato.

Em meio a tudo isso, dois dias após minha conversa com o pastor de adoração, permaneci fiel ao seu conselho, levando todas as minhas petições ao Pai. Quando menos esperava, recebi o telefonema de um amigo da universidade, com quem não conversava há aproximadamente três anos. Com o intuito de quitar seu débito estudantil, ele alistou-se no exército, e logo seria enviado para o combate no Iraque. Naquela mesma manhã, enquanto orava, perguntou a Deus o que deveria fazer com o seu carro. O veículo estava à venda há um tempo considerável, mas não tivera um retorno positivo sobre possíveis compradores. A resposta do Senhor foi pedir que retirasse o anúncio de venda, procurasse por mim e me presenteasse com o automóvel; a única coisa que eu teria de fazer era buscá-lo.

Quase não acreditei no que havia escutado. Orei por dois dias sobre a lista de necessidades, clamando a Deus por provisão e, quase que de imediato, recebi uma resposta. Falei ao meu amigo que iria encontrá-lo o quanto antes; só havia um problema: ele morava na Pensilvânia, e eu, na Carolina do Norte. A distância entre nós era de, mais ou menos, dezoito horas de estrada. Ironicamente, eu precisava de um carro para buscar o meu novo carro, e não tinha recursos financeiros para bancar um ticket de ônibus, passagem de avião ou outro tipo de locomoção.

A única alternativa que encontrei foi recorrer ao Dr. Fletcher. Para meu espanto e verdadeiro maravilhamento, o que ele fez a princípio foi aumentar o meu dilema: afirmou que o Senhor não me daria somente um, mas dois veículos. Àquela

altura, presenciando incontáveis milagres com aquele homem de Deus quase que diariamente, era incapaz de duvidar de suas palavras, mesmo que nada fizesse sentido no presente momento. A questão era que eu não sabia exatamente como chegaria à Pensilvânia para buscar um único veículo — quanto mais dois.

No fim, o Dr. Fletcher pediu que seu irmão, Emanuel, acompanhasse-me. Ele comprou duas passagens só de ida, pois sabia que teríamos dois carros para a volta. Eu dirigiria um, e Emanuel, o outro.

É evidente que nem todos os detalhes se resolveriam de imediato, e aquela sucessão de dádivas ainda reservava certos pormenores. Ao chegar à casa de meu amigo e encontrá-lo, soube que o modelo do veículo com o qual tinha sido agraciado era de 1991 e estava antigo e desgastado, mas que, apesar disso, funcionava bem, exceto por um pequeno problema: nos dias muito frios, a ignição não funcionava. Essa informação era valiosa, já que eu vivia em uma região com um inverno bem intenso e fortes nevadas — inclusive, naquele exato momento, fazia bastante frio na Costa Leste. O segredo, pouco científico, para solucionar essa falha mecânica era golpear com um martelo um ponto específico das suas engrenagens. Apesar dos sobressaltos, permanecia grato ao Senhor por aquela bênção, e fui muito bem recebido enquanto estive com o meu amigo de faculdade.

Na manhã seguinte, ele saiu para trabalhar e tive a chance de desfrutar do meu novo presente. Estava ansioso por conduzi-lo pela primeira vez; assim, logo comecei a tentar dar a partida no veículo, conforme havia aprendido no dia anterior: peguei o martelo, levantei o capô e comecei a bater no local indicado. Embora os meus esforços fossem bem-intencionados,

o carro não respondia. Ao mesmo tempo que batia com entusiasmo naquele ponto específico, também orava em línguas, presumindo que aquilo ajudaria a acelerar o processo. A cena despertou o interesse de um dos vizinhos, amigo do pai do meu amigo. Após um rápido diálogo comigo, ele entrou na residência em que eu me hospedava, enquanto continuei minha batalha contra a máquina.

Passados dez minutos, aquele homem saiu da casa e voltou para falar comigo. No meio da conversa, mencionei que era missionário e, na mesma hora, ele sacou um celular e ligou para seu filho — que servia em missões —, chamando-o para ir até lá me conhecer. O rapaz iria para a África na semana seguinte com a Cruzada Estudantil para a exibição do filme *Jesus*⁴ em cidades e vilarejos, com um intuito de evangelizar as pessoas daquele continente.

Pouco depois, o jovem chegou em um carro bem moderno e completo, era um Nissan Sentra, muito mais novo do que o Chevette 91 que eu estava tentando dar a partida. Ao me ver, logo quis saber a razão do martelo em minha mão e, mais uma vez, expliquei a situação.

Sem delongas, o jovem contou uma história muito similar à do meu amigo, afinal também havia colocado seu carro à venda meses antes e não obtivera sucesso. Sua tentativa de se desfazer do veículo se devia justamente ao fato de que iria para missões na semana seguinte. Naquela manhã, ele perguntara a Deus por que ninguém havia ligado para comprar o veículo, e o Senhor respondera que era porque ele deveria doá-lo a um missionário.

Foi assim que ganhei meu segundo carro em menos de 24 horas. Fiquei na Pensilvânia mais dois dias para acertar a pape-lada e colocar os dois carros no meu nome. Logo estávamos voltando para a Carolina do Norte.

De fato, havia recebido dois veículos, como o Dr. Fletcher prenunciara. Não que tivesse motivos para crer que o Senhor não estivesse enredando esses acontecimentos, porém a forma como tudo aconteceu me deixou pasmo e constrangido com tamanha provisão.

A provisão de Deus sempre esteve comigo, nessas e em muitas outras situações que vivi. Foram inúmeras as vezes em que vi o sobrenatural acontecer como resposta às minhas orações e solução aos pequenos problemas do dia a dia, por meio da vida do Dr. Fletcher, que foi como um pai para mim. Ele pagava meus estudos, aconselhava e exortava-me como um filho. Até a chave de sua casa ele deixava comigo, além de sempre colocar um de seus carros à disposição caso eu precisasse. Ainda hoje, é bem presente em minha vida e me dá suporte ministerial e pessoal.

Acredito que Deus traga mães e pais espirituais para que cresçamos e sejamos preparados para cumprir nossos destinos. Se olharmos para a Bíblia, conseguiremos ver essa dinâmica acontecendo desde o Antigo Testamento, no tempo dos profetas. Eliseu tinha uma relação tão próxima com Elias, que o chamava de pai, sendo seu aprendiz e recebendo ensinamentos diretamente dele (cf. 2 Reis 2.12; 2 Reis 3.11). No Novo Testamento, Jesus nos deixou o maior modelo de discípulador e, mais tarde, os apóstolos reproduziram o Seu exemplo. O próprio Paulo tinha um filho espiritual, Timóteo, a quem ensinava sobre a Palavra e a conduta de um verdadeiro homem de Deus (cf. 1 Timóteo 1.2).

O Dr. Fletcher foi essa figura que representou a paternidade espiritual sobre minha vida, e me abraçou como se fosse parte da sua família biológica. Contudo, não por isso as coisas foram fáceis e confortáveis, porque, no processo de gerar em mim uma resistência espiritual e emocional, ele me punha à

prova. Quantas vezes me lembro de ele me fazer dirigir por três horas para levá-lo para suas agendas e, no caminho, proibia-me de conversar, no lugar disso, nós orávamos durante o trajeto.

Ele sempre deixou claro que eu precisaria servir à unção se quisesse receber da mesma porção. Além disso, eu carregava caixas ou montava estandes nos eventos em que ele ministraava, pois nessa época o Dr. Fletcher vendia séries de CDs de ensinamentos e livros. Eu tinha de empacotar os produtos, chegar antes dele nos eventos e preparar tudo. Isso foi parte de um processo muito intenso e profundo, no qual eu investia toda a minha força enquanto aprendia sobre o serviço e a busca pela unção. Creio que ele fez exatamente o que precisava ser feito para me forjar, a fim de que eu pudesse extrair o máximo das próximas temporadas que o Senhor sonhava para mim.

Com ele, aprendia coisas novas a todo momento, até mesmo quando o acompanhava em suas reuniões com outros grandes homens de Deus. E, embora seu estilo de discipulado não fosse convencional, preparou-me verdadeiramente para o que eu viveria em meu ministério nas nações.

É verdade que cogitei desistir diversas vezes, até ligava para minha mãe, demonstrando meu desejo de voltar ao Brasil. Em uma dessas ligações, ela me perguntou se eu tinha recebido uma palavra para estar ali, respondi que sim; em seguida ela me questionou se eu tinha uma palavra para ir embora, e eu disse que não. Minha mãe continuou me dizendo que eu deveria ser um bom soldado, e que um bom soldado é fiel ao último comando. Assim, permaneci. Foram passagens como a de Isaías 40.29-31 que me sustentaram, foram alento ao meu coração em meio às crises, e me conscientizaram de que, se eu permanecesse ali e me entregasse por inteiro, receberia algo

específico da parte de Deus por intermédio do pai espiritual que Ele tinha me dado.

O SONHO DO REINO

Esses testemunhos forjaram algo em mim que, naquela época, eu nem sabia quão importantes seriam para definir os valores do meu ministério atualmente. Uma das experiências que tive foi morar com uma família afro-americana, que me inseriu de forma intensiva em uma cultura muito distinta da que eu estava acostumado. O Dr. Fletcher me incentivava a tirar máximo proveito daquele convívio para que eu pudesse pastorear jovens com uma melhor compreensão de suas diversas vivências e contextos.

A experiência que acumulei naquele tempo foi bastante enriquecedora e contribuiria, anos mais tarde, com o desenvolvimento do valor de multiculturalidade do Dunamis. O Reino precisa ser levado a todas as nações, e a conexão com pessoas de conjunturas diferentes faz parte desse avanço do Céu na Terra. Entendo que o período que passei com essa família — assim como, é claro, o fato de ter sido discipulado por um membro da realeza de Gana — contribuiu para aumentar minha visão de Reino, o qual é inegavelmente plural (cf. Apocalipse 5.9).

Por outro lado, se eu não estivesse focado em obedecer ao Senhor e viver Seus sonhos para minha vida, provavelmente teria desistido de me submeter a todo esse processo de lapidação, e escolheria um caminho mais confortável. Se mantivermos nossos olhos voltados apenas para a perspectiva natural, na qual enfrentamos grandes desafios inúmeras vezes, perdemos a oportunidade de participar do que Deus está fazendo na

Terra. É Ele quem sabe o futuro de esperança e paz que separou para nós (cf. Jeremias 29.11), e é Ele quem deseja manifestar o sobrenatural entre os homens. Nossa trabalho, portanto, é confiar, obedecer e abraçar radicalmente um posicionamento espiritual como estilo de vida.

A visão humana é limitada e, se nos apegarmos a ela, é bem provável que sigamos caminhos que parecem fazer mais sentido segundo a lógica natural, mas que nos distanciarão do destino que o Pai reservou a cada um de nós (cf. Provérbios 14.12). Especialmente nessas horas, é importante ter força e coragem para nos firmarmos e seguirmos a direção advinda do Pai. Caso tenha dúvida a respeito de tal direção e não saiba se, de fato, veio da parte de Deus, verifique se há embasamento bíblico que a valide e se o Espírito Santo a testifica em seu coração.

Foi assim que, em 2008, quando eu tinha vinte e sete anos, tomei uma decisão que parecia absolutamente incoerente e insana. Era meu quinto ano na igreja do Dr. Fletcher, na Carolina do Norte, quando, em certo dia, ele me disse que, no futuro, iria para a África e eu poderia assumir sua igreja como líder sênior. A única condição era que, para isso, eu deveria me casar. A princípio, simplesmente concordei e comecei a orar para que minha futura esposa surgisse. Entretanto, em meio às orações, o Senhor me perguntou: “Você está atrás do sonho do Reino ou do sonho americano?”. Levei um susto, e, obviamente, respondi que buscava a primeira opção.

A resposta era genuína, e me remeteu ao tempo que vivi servindo com a JOCUM, na Índia. Lá, eu me dei conta de que estaria satisfeito com uma simples mochila nas costas e uma bicicleta, pelo resto da vida. O sentimento não havia mudado apenas por ter sido direcionado por Deus ao discipulado com o Dr.

Fletcher e o serviço à Igreja norte-americana. O Espírito Santo, contudo, continuou me fazendo a mesma pergunta.

Em todo esse tempo que eu estava tentando decidir se deveria ficar nos Estados Unidos ou voltar ao Brasil, minha mãe e a tia Neuza também estavam em oração: o que nós três sentíamos no Espírito era que eu tinha de voltar à nação brasileira. Ao falar comigo pela terceira vez, ouvi Deus me dizer claramente que deveria abandonar tudo o que possuía em mãos nos Estados Unidos e informar ao Dr. Fletcher que eu recusaria sua proposta. Em outras palavras, obedecer a instrução de Deus implicaria renunciar uma possibilidade de futuro, quase garantida, muito bem-sucedida aos olhos humanos.

Fazer aquela escolha significava entregar ao Senhor algo de extrema importância para mim. Como Abraão preparou Isaque em sacrifício (cf. Gênesis 22.1-17), fui chamado por Deus para sacrificar aquilo que eu tinha como sonho ministerial, a fim de viver a Sua visão de sucesso. Enquanto ouvia a voz do Espírito, em oração, Ele me levou a compreender que as igrejas no Brasil estavam lotadas, porém nossa nação carecia de transformação social. E, uma vez que os futuros reformadores estavam nas universidades, era especialmente lá onde eu deveria atuar — conforme Ele havia me mostrado enquanto ainda estava na Índia.

Mesmo com medo, decidi me sentar para conversar com o Dr. Fletcher e sua esposa — a quem eu considerava como minha mãe mexicana — sobre o direcionamento que havia recebido de estabelecer o Reino de Deus nas universidades de meu país. Ela confiava que eu estava ouvindo o Espírito Santo, mas, em razão do seu cuidado maternal, preocupou-se, já que aparentemente eu estaria abandonando uma oportunidade maravilhosa que Deus havia colocado em minhas mãos. Pela lógica natural,

assumir aquele ministério nos Estados Unidos era a resposta das promessas d'Ele para a minha vida; contudo, não era isso que o Espírito Santo havia me direcionado a fazer.

Conversando com meus pais espirituais, deixei claro que reconhecia o que a família deles fizera por mim, todas as portas que haviam aberto, e o quanto era grato por tudo aquilo. Embora a temporada pela qual estava passando fosse o cumprimento de parte do que Deus tinha para o meu ministério, aquele estilo de vida havia se transformado no sonho americano, e não era mais o sonho do Reino, que eu buscava com toda a minha força.

Portanto, debaixo da palavra do Senhor, decidi deixar os Estados Unidos, a estabilidade financeira no ministério que me era prometida, o processo de cidadania, meus amigos, um mestrado em Teologia que eu havia começado na Liberty University e tudo o que havia construído ali, para seguir o propósito divino e voltar ao Brasil. Se Deus estava colocando a chama por um novo sonho no meu coração, então eu deveria corresponder e colaborar com Ele. Foi assim que dei mais um passo de fé em minha história, e isso mudou tudo.

**É Ele quem deseja
manifestar o
sobrenatural
entre os homens.**



Capítulo 4

DESPERTAR, ESTABELECER E TRANSFORMAR

Despertar,
establecer e
transformar

Despertar, estabelecer e transformar

Abandonar a ideia de viver o “sonho americano” e retornar ao Brasil tratava-se apenas do primeiro passo da decisão de seguir em obediência e fé, rumo às palavras que Deus havia semeado em mim. A questão é que, à essa altura, a real proporção dessas palavras e os meios pelos quais elas se cumpririam ainda não estavam extremamente claros. Ainda assim, eu sabia que seguir tal visão demandaria uma entrega absoluta e ousada, e estava disposto a pagar o preço para cumprir Sua vontade no lugar da minha.

Uma vez que pedi meu desligamento das funções ministeriais que exercia, Dr. Fletcher e sua esposa me abençoaram, ainda que não compreendessem os motivos daquela decisão radical de mudar de país. Todos procuravam ser cautelosos em amor à minha vida. Todavia, nenhuma circunstância seria suficiente para suavizar a convicção que eu carregava de que Ele conduziria tudo e, certamente, tinha planos muito maiores do que os idealizados por mim (cf. Isaías 55.8).

Decidido a voltar para o Brasil, minha mãe propôs, então, que eu me aconselhasse com a tia Neuza a respeito do Dunamis, já que confiava que suas orientações estariam alinhadas ao coração de Deus. Assim o fiz; expus não somente a visão que havia recebido, como as ideias semeadas pelo Espírito dentro de mim desde algum tempo, a teologia que as embasava e todas as

Palavras que ecoavam em meu coração a partir do período em que estive no Havaí. Sem fingir não estar empolgado, compartilhei meu intuito central de instituir um movimento multigeneracional entre os jovens, capaz de produzir profunda e sustentável transformação na sociedade à medida que os princípios celestiais fossem estabelecidos como cultura progressivamente.

Mostrei meu plano de ministério para a tia Neuza, que já havia liderado a ABU, e ela me confortou e encorajou ao afirmar que eu, certamente, estava próximo de testemunhar o poder e a graça de Deus por meio da execução daquele projeto. Ela me disse que certamente veria os Céus abertos, mas me alertou também a nunca me esquecer de que foram intercessoras como ela que abriram o caminho primeiro. Suspirei aliviado. Por vezes, palavras simples proferidas no momento certo são cruciais para mudar um cenário, e foi esse o resultado daquela conversa com a tia Neuza. Apesar de saber que as pessoas tentavam me orientar em amor e ter certeza do que Deus havia me conduzido, ao ouvi-la, pude sossegar o turbilhão de pensamentos e sentimentos que me rondavam.

Renovado e confiante, entendi que o meu empenho em estudar acerca do contexto espiritual brasileiro e do campo para onde estava indo era o próximo passo importante a ser dado, uma vez que me encontrava inserido em uma conjuntura completamente diferente havia muitos anos.

De volta ao Brasil, em fevereiro de 2008, deparei-me com um cenário de transformação da liturgia eclesiástica no país, especialmente na área de louvor e adoração. Simultaneamente, acontecia um movimento de grande impacto na modernização das plataformas de comunicação, democratização da internet e ascensão das redes sociais, que possibilitaram acesso em

larga escala a conteúdos de diferentes denominações e pontos de vista, nem sempre bem fundamentados teologicamente. A diluição da influência denominacional e o fortalecimento das “megaigrejas”, por exemplo, tornaram-se comuns, pulverizando o verdadeiro sentido do que é ser cristão.

Observei que, devido a esses traços geracionais, os recém-chegados à fé, na época, tendiam a desvalorizar aspectos importantes da fé cristã: a cultura de identificação com igrejas locais, a submissão à liderança de um pastor e o discipulado, por exemplo. A partir de então, seria necessário romper a interpretação superficial do significado de uma vida crucificada com Cristo (cf. Gálatas 2.20), vivida em comunidade como Corpo (cf. Romanos 12.4-5).

Outro fator que, na minha percepção, influiu na modulação do pensamento da igreja brasileira veio de um modelo eclesiológico muito presente no mundo ocidental, denominado *seeker-sensitive*. A lógica por trás dessa visão era a de que as igrejas deveriam atrair as pessoas por intermédio de determinada linguagem, utilizando-se de temas e estratégias com forte apelo emocional e consumista. Rick Warren e Bill Hybels, por exemplo, foram precursores desse movimento. Visando primordialmente a atração e o agrado do público, essa visão seria capaz até mesmo de adaptar pontos fundamentais do Evangelho. Como consequência, a massa se manteria engajada de forma superficial, privada de questões mais desafiadoras do cristianismo, como o arrependimento (cf. Mateus 3.2), a necessidade de carregar a cruz (cf. Lucas 9.23) e o caráter sacrificial do Evangelho (cf. Mateus 16.24).

Dante disso, ao finalizar a análise geral sobre o que estava acontecendo na igreja brasileira, especialmente com relação



Nossas armas e estratégias teriam de ser sobrenaturais.

às transformações que afetavam a fé das pessoas, entendi que havia chegado o momento de estreitar minhas pesquisas, e mergulhar no entendimento do campo missionário ao qual o Senhor me chamava — chamado este que começou a ser revelado enquanto estava em missões com a JOCUM: as instituições de ensino superior no Brasil. Tinha a convicção de que era justamente nesses lugares que estariam os catalisadores de mudança do país, uma geração que seria desperta para estabelecer a cultura do Reino de Deus nesta Terra e, dessa maneira, transformar genuinamente a sociedade à sua volta.

Assim, com o intuito de assimilar mais o contexto universitário brasileiro, e, em busca desses potenciais agentes transformadores, iniciei minha visita a alguns *campi* da capital paulista. Primeiro, acompanhando minha irmã Zoe às suas aulas em uma renomada faculdade de artes; em seguida, assistindo a algumas de outra instituição tradicional da cidade, na qual um dos meus primos era graduando. Nunca antes havia frequentado uma universidade no Brasil, e foi incontestavelmente perceptível uma atmosfera espiritual carregada de frieza e distanciamento do Espírito Santo, que pairava pelos corredores, salas e até no olhar dos estudantes. A faculdade da minha irmã, por exemplo, possuía uma forte agenda LGBT, ideologia de gênero e ocultismo.

Além disso, reparei ainda que os relacionamentos eram afetados por uma influência maligna e promíscua, à luz de diversas ideologias antibíblicas, apresentadas de forma ora sutil ora escancarada. Naqueles ambientes, infelizmente, o vazio

existencial era estimulado e preenchido com bruxaria, misticismo, imoralidade sexual e pecados semelhantes.

Dessa maneira, ficou evidente para mim que apenas estratégias humanas de persuasão não seriam suficientes para gerar a transformação em todos os aspectos necessários do ambiente universitário. A batalha não seria apenas no âmbito da mente, mas do coração e do espírito daqueles jovens. A argumentação racional sobre os ideais do Evangelho, embora poderosa, não seria o bastante. Nossas armas e estratégias teriam de ser sobrenaturais.

Tendo em vista o desafio à nossa frente, a única maneira de conseguirmos levar essa transformação de forma assertiva, contemporânea e exponencial seria de dentro para fora, por meio dos próprios universitários. Se conseguíssemos levar o estudante que estava no campus e falava a linguagem do próprio universitário a ser incendiado pelo fogo do Espírito Santo, transformado pela verdade da Palavra e consumido pela missão de ver o Reino de Deus estabelecido na sociedade, ele se tornaria capaz de trazer disruptão ao *status quo* e gerar um impacto sem precedentes.

Quando entendessem a mensagem do Reino, fossem cheios do Espírito e munidos das ferramentas adequadas, os jovens dessa geração seriam capazes de não apenas transformar as universidades, mas o mercado de trabalho, o governo, a família e a cultura, criando uma onda que tocaria toda a Terra.

O INÍCIO DO DUNAMIS

Desse desejo de ver nações transformadas pelo poder explosivo do Espírito Santo, nasceu o Dunamis, o motivo da minha



**Nosso
propósito
primordial
é contribuir
com o avanço
do Reino de
Deus.**

volta resoluta ao Brasil. Ou seja, a culminação de todos os anos em que eu havia sido treinado, de todas as palavras que eu havia recebido e da visão que o Senhor havia me confiado. Nosso propósito primordial é contribuir para o avanço do Reino de Deus, segundo a Sua vontade, a fim de alcançar e capacitar jovens a se moverem no sobrenatural, cumprirem a Grande Comissão e seguirem os passos de Jesus nesta Terra. Esse seria o primeiro passo visível de algo que já estava sendo gerado há anos dentro de mim. Porém, o Dunamis carregaria algumas características fundamentais específicas que fazem parte de sua essência.

Certamente, se pudesse definir o que é, de fato, o Dunamis, começaria por ressaltar a sua natureza paraeclesiástica — *para*¹, que significa “ao lado de” e *ekklesia*², que significa “igreja”; ou seja, um ministério que caminha lado a lado com a igreja. Desde o início, sempre prezamos tanto por uma liderança quanto por um time engajados em uma igreja local, pois a intenção nunca foi jogar contra o Corpo; pelo contrário, somos incentivadores da congregação.

Conjuntamente ao movimento, desde 2013, lidero a Zion Church com minha esposa, Junia, e gosto de reafirmar que, nesses últimos oito anos, a graça de Deus tem se manifestado abundantemente, concebendo-nos, vez após vez, capacitação para realizarmos o grande desafio de gerenciar as duas organizações com sabedoria e ousadia.

Tudo começou efetivamente quando, após cumprir as indicações do Espírito Santo, e compreender qual seria a visão do

Dunamis, aproximei-me de alguns jovens ao final de um culto de domingo: André Tanaka, Felippe Borges, Renato Mocoka, Lucas Boian e Larissa Hoh que, na época, eram membros na, então, Igreja Monte Sião. Eles não tinham em comum somente a igreja local, mas o desejo de transformar a sociedade.

Em mim, era latente o anseio de concretizar tudo o que estava recebendo de Deus, então convidei esses jovens para iniciarem um discipulado comigo, onde eu os encorajaria a se moverem no sobrenatural em suas faculdades e a cumprirem a Grande Comissão de Marcos 16. Foi uma questão de tempo para que os testemunhos positivos sobre o que estava acontecendo nas faculdades começassem a surgir.

Desafiei-os a avançar, dando passos de fé e declarando sobre os quatro cantos da universidade que enfermos seriam curados nos corredores da instituição e vidas impactadas através de encontros com Jesus. Em um primeiro momento, certo espanto tomou conta deles, mas ao compreenderem que esse posicionamento procedia de um cumprimento das Escrituras (cf. Lucas 9.1-2), encheram-se de ousadia e tiveram como resultado a manifestação sobrenatural de Deus, que alcançou colegas e professores da instituição.

Naquela mesma época, fui convidado pelo Randy Clark³ para ser seu intérprete nas cruzadas de curas e milagres que ele fazia no Brasil. Nessas cruzadas, aprendi os cinco passos práticos que ele ensinava, e que haviam sido gerados por John Wimber, fundador da Vineyard, para que os cristãos sejam ativados no dom da cura e do conhecimento. Transmiti esses ensinamentos aos cinco jovens aos quais estava discipulando e eles passaram a praticá-los na rua, na faculdade e por onde iam. Os testemunhos que eles obtiveram foram o combustível

necessário para continuarmos e intensificarmos nosso trabalho no Dunamis.

Consequentemente, no mesmo ano de 2008, em resposta ao número de pessoas sedentas por mais do Senhor, começamos reuniões de discipulado nas universidades que, mais tarde, comporiam o Dunamis Pockets.

OS PRIMEIROS CULTOS DUNAMIS

Em paralelo ao início do encontro de discipulado, senti a necessidade de ter um ajuntamento com os jovens universitários, para que eles percebessem que não estavam sozinhos. Foi então que comecei a sonhar com o culto mensal do Dunamis.

No dia vinte e cinco de abril de 2008, tivemos o nosso primeiro culto. Convidei a minha irmã, Zoe, para conduzir o momento de louvor e adoração das reuniões, enquanto eu mesmo ministraria a Palavra. No primeiro evento, reunimos mais ou menos cinquenta pessoas, sendo trinta delas idosos japoneses da congregação, que compareceram para interceder e nos incentivar. Os outros participantes, cerca de vinte jovens, eram amigos dos integrantes da banda da Zoe. Lembro-me de que, devido ao pequeno público presente, decidimos remodelar a estrutura do palco. Posicionamos, então, os instrumentos e o púlpito em frente às cadeiras criando uma atmosfera mais intimista. E assim aconteceu o primeiro culto Dunamis.

Conduzimos as reuniões seguintes comprometidos em seguir o fluir do Espírito e fortemente embasados na Palavra (cf. Salmos 119.105). Uma das características que nós tínhamos em nossos cultos era que, ao final da reunião, eu sempre colava a equipe, composta na época por uma média de dez a quinze

pessoas, para ministrar sobre aqueles que iam ao apelo. Nesses momentos, o profético fluía, assim como as palavras de conhecimento, as curas, os batismos no Espírito Santo, as conversões e reconciliações. Aos poucos, o culto Dunamis ganhou mais visibilidade e, consequentemente, atraiu jovens de diferentes regiões de São Paulo.

As manifestações do Espírito Santo naquele lugar eram não só recorrentes, mas crescentes. A partir de 2009, uma vez que o nosso espaço já não comportava a quantidade de participantes, transferimos a programação para o auditório de uma universidade próxima à nossa igreja local, onde permanecemos pelos dois anos seguintes.

UM ENCONTRO INESPERADO

Justo nessa época, em 2010, Junia e eu nos conhecemos. Ela foi a um culto Dunamis e, naquele dia, ouviu meu nome, sem nenhuma referência passada a meu respeito. Embora estivéssemos no mesmo ambiente, o primeiro contato entre nós não ocorreu ali, mas apenas um tempo depois em uma padaria, durante um encontro com amigos em comum. A partir daquele episódio, nós nos tornamos conhecidos e, no domingo seguinte, eu a avistei ao fim de um outro culto. Decidi me aproximar para cumprimentá-la, mesmo sem desconfiar de nosso futuro juntos.

No processo da consolidação de nossa amizade, descobrimos que tínhamos muitos amigos em comum de Niterói, cidade natal da Junia, e passamos a conversar mais. Os passeios entre amigos se tornaram mais frequentes, e a proximidade entre nós dois aumentou, principalmente por meio de

conversas on-line, via plataformas de videochamada. Após um ano de amizade, eu a convidei para sair e, a partir disso, começamos a namorar.

A certeza e a paz pairavam sobre nossos corações, portanto não havia motivo para hesitar. Namoramos por cinco meses, logo depois noivamos. O noivado, que durou outros cinco meses, culminou no dia primeiro de setembro de 2012, quando finalmente nos casamos e, com muita alegria e amor, propusemos-nos a cumprir o mais fundamental propósito do Senhor para nós: nossa família.

O PRÓXIMO PASSO DO CULTO DUNAMIS

Começamos a orar para discernir o próximo destino das reuniões, já que a capacidade do auditório universitário também começou a ser excedida. Pouco depois, lembrei-me de que um dos meus primos fazia parte da equipe pastoral de uma famosa congregação de imigrantes coreanos, localizada na região central da cidade, e recorri a ele, esperançoso de conseguir permissão para usarmos o espaço da igreja. Não demorou muito para que nos fosse concedida a anuência de utilizar a estrutura daquela comunidade, de maneira que anunciamos mais uma transferência de endereço. Nesse período, estouramos os recordes de presença de público nos encontros do Dunamis e ultrapassamos a marca de três mil pessoas reunidas.

Apesar de termos nos desenvolvido como um organismo estruturado, nutrido pelo amor primordial ao Evangelho, Deus reiteradamente me direcionou e confirmou, em toda a jornada, que o destino do movimento Dunamis não seria, de fato, uma comunidade local, mas, em essência, um apoio à Igreja de Cristo.

Com o Seu favor, permanecemos na visão de oferecer ferramentas para equipar os jovens em suas congregações, famílias, locais de trabalho e faculdades.

Em plena expansão de influência pelo país, testemunhamos múltiplos milagres, tanto em São Paulo, nossa sede, quanto em outras áreas do Brasil. Os convites de viagens para compartilhar o que vivíamos por várias cidades se tornaram frequentes e o aumento na intensidade de experiências com o poder do Espírito também.

De experiência em experiência, nossa fé era fortalecida e nossos corações constrangidos com a bondade do Senhor. Recordo-me do dia em que liberei uma palavra de conhecimento sobre uma mulher estéril, que tentava engravidar havia três anos. Oramos, confiantes no poder de Deus, e declaramos cura total sobre sua infertilidade. Depois de mais ou menos dois meses, descobrimos que ela havia engravidado. Ficamos completamente extasiados diante da notícia de que o Senhor havia permitido uma gestação em um útero que, até então, era estéril.

Lembro-me, ainda, de um jovem que tivera seu fêmur quebrado e os ossos da canela, trincados, mas levantou-se da cadeira de rodas após uma ministração, no Paraná, quatro meses antes do tempo previsto pelos médicos para sua recuperação. Só nos restava glorificar o nome poderoso de Deus diante de tantas maravilhas! É sempre impressionante testemunhar o Seu mover, e, principalmente, a Sua graça e misericórdia em nos permitir participar de tudo isso.

Não à toa, a atmosfera liberada pelo Senhor sobre nós durante os cultos chegou a atrair pessoas de todo o Brasil. Frequentemente, recebíamos caravanas das capitais brasileiras e até de outros países. E, conforme mais jovens eram agregados, desafios inéditos surgiam. Entretanto, essa enorme abrangência

dos cultos Dunamis, infelizmente, acabou gerando em alguns participantes uma desvalorização e, em determinados casos, substituição de suas igrejas locais pela frequência em nossos eventos. Logo, no momento de maior auge dos cultos universitários, recebi a direção divina de encerrar os encontros.

Na época, o culto Dunamis era a principal e única fonte de renda do movimento. Nós já tínhamos uma estrutura de equipe fixa — desde produtores e organizadores de eventos a designers —, e as ofertas recebidas eram o meio de remunerá-los, além de consistir na principal fonte para as demais despesas. Estávamos diante de um gigante teste de fé, crucial para analisarmos e testarmos se o nosso amor e obediência a Deus eram maiores que a nossa dependência financeira de um evento.

TEMPO DE REESTRUTURAÇÃO

Nosso slogan, até o momento, era “discipulado e sobrenatural”, o que acredito ter contribuído, em algum nível, para a interpretação errônea do primeiro conceito, que fazia alusão ao discipulado das nações. Entendemos que há uma diferença nisso, pois o discipulado um a um é o papel de uma igreja local, enquanto o Dunamis, como movimento paraeclesiástico, tem a função de caminhar ao lado da igreja, e não se tornar uma.

Assim, para enfatizar qual era o nosso papel como movimento e reafirmar que não éramos uma igreja local,

**Permanecemos
na visão
de oferecer
ferramentas
para equipar
os jovens.**

reconfiguramos a nossa estrutura de comunicação e *branding*. Ao fim dos cultos universitários, direcionados pelo Espírito, anunciamos uma nova visão, por meio do slogan: “awaken, establish and transform”, que em português significa “despertar, estabelecer e transformar”, visando esclarecer que o Dunamis Movement é um movimento cristão paraeclesiástico, cujo foco está na busca por avivamento e reforma. Para tal, ansiamos despertar uma geração de modo que ela venha estabelecer a Cultura do Reino de Deus na Terra e, em consequência, transformar a sociedade à sua volta.

**De experiência
em experiência,
nossa fé era
fortalecida.**



Capítulo 5

DUNAMIS LIFESTYLE

Dunamis
lifestyle

Dunamis lifestyle

Mais de dois mil anos se passaram desde que Jesus andou pela Terra, e, ainda hoje, somos impactados pelos relatos das maravilhas que Ele fez: as curas dos enfermos, a libertação dos cativos e, sobretudo, o ensino da Palavra de Deus com uma autoridade jamais vista (cf. Mateus 7.29). Ao mesmo tempo em que realizava esses feitos, treinava aqueles que dariam continuidade às Suas obras, e ainda iriam além. O próprio Mestre os incumbiu de anunciar o Evangelho do Reino e fazer obras maiores que as Suas (cf. João 14.12).

Em Atos dos apóstolos, um dos livros que mais me fascina nas Escrituras, lemos a respeito da vida e experiências desses discípulos e a ação do Espírito Santo. Sempre sou profundamente impactado pelas histórias daqueles homens e mulheres que tiveram de aprender a lidar com a perda da presença física de Jesus após passarem anos caminhando com Ele dia e noite. Imagino que tenha sido doloroso não poder mais olhar em Seus olhos, compartilhar refeições, desfrutar de conversas cotidianas com Cristo ou mesmo acompanhá-lo a certa distância.

Porém, Ele não os deixou sós. Jesus garantiu a presença do Espírito Santo com eles todos os dias, e isso também se estende a nós. Em Pentecostes, os discípulos receberam o batismo no Espírito Santo e, novamente, puderam experimentar a presença do



Senhor, além de serem revestidos de poder do Alto para cumprir a Grande Comissão e ser Suas testemunhas na Terra.

É certo que, uma vez que a ação do Espírito Santo permanece em nossos dias, cada um de nós é responsável, também, por cumprir o comissionamento deixado por Cristo. Como Dunamis, é exatamente isso que buscamos e carregamos, e creio que o testemunho da Junia, minha esposa, ilustre muito bem o que temos vivido aqui.

Em abril de 2010, logo após ter retornado para Jesus, ela começou a dedicar-se intensamente à leitura bíblica e oração, até que foi convidada para participar de um culto Dunamis junto a alguns amigos que também estavam experimentando um des-

pertamento espiritual. Naquele dia, meu amigo

**Ainda hoje,
somos
impactados
pelos relatos
das maravilhas
que Ele fez.**

Abner Soares, um avivalista porto-riquenho, seria o preletor. Ao final do culto, como de costume, os ministros foram orar pelas pessoas que estavam em seus lugares e, conforme o faziam, muitos começavam a cair sob a unção do Espírito Santo. Por

ter vindo de uma igreja tradicional, Junia não sabia que era possível ter encontros tão palpáveis com o Senhor, nos quais esse tipo de manifestação poderia acontecer; e como não compreendia o que estava vendo, sentiu-se tão incomodada quanto intrigada. Assim, permaneceu no culto apenas observando seus amigos receberem oração.

O pregador, então, aproximou-se perguntando se poderia orar **por** ela, mas Junia respondeu que não; na verdade, ele poderia orar **com** ela. Foi exatamente o que fizeram. Quando terminaram, Abner perguntou mais uma vez se ela aceitaria

receber uma oração e, mesmo que ainda estivesse cética, ela consentiu. Presumindo o que aconteceria em seguida, caso perdesse estabilidade, minha esposa se preparou, posicionando um pé à frente e o outro atrás, de modo a aumentar seu equilíbrio. O que ela não esperava, no entanto, era que, naquele momento, experimentaria o poder do Espírito Santo de forma física. Enquanto recebia oração, percebeu sua visão escurecendo e, quando se deu conta, já estava no chão, tremendo em posição fetal, ao mesmo tempo em que uma menina orava por ela.

O curioso é que foi justamente nesse dia que eu e Junia nos falamos pela primeira vez. Algumas horas depois do culto, fui a uma padaria vinte e quatro horas, em São Paulo, com um grupo de amigos. Coincidemente, ela e suas amigas também tinham ido para lá, pois queriam se recompor e processar tudo que havia acontecido. Em certo momento, trombei com ela e nos cumprimentamos. Quando voltei à minha mesa, meu amigo me disse que tinha orado pela Junia durante a ministração e que ela havia tido um encontro genuíno com o Espírito Santo.

Toda a experiência que Junia viveu naquela noite foi tão fundamental à sua caminhada que alterou o curso da sua vida espiritual, além de ter criado nela o desejo de se envolver com o Dunamis. Com o tempo, Junia passou a assumir diversas responsabilidades dentro da organização e, hoje, é uma preletora que se move em milagres, principalmente no dom de cura, e carrega muita verdade e paixão pela presença do Senhor.

PAIXÃO PELA PRESENÇA DE DEUS

Os dias em que Cristo encarnou foram marcantes na História. Não somente pelos ensinamentos que compartilhou com

Seus apóstolos, ou pelas fascinantes parábolas e exortações que liberou, mas, principalmente, por ter nos reconectado com o Pai e apresentado um inerrante modelo de conduta por meio da maneira como viveu.

O anseio de fazer a vontade de Deus e a paixão por Sua presença eram o combustível do Mestre (cf. João 4.34). Tanto que, se nos atentarmos aos relatos daqueles que O seguiam de perto, perceberemos que, em inúmeros momentos, Jesus Se retirava para passar tempo com o Pai e o Espírito Santo, em um lugar reservado e longe da multidão (cf. Lucas 5.15-16). A intimidade sincera e o relacionamento profundo com Deus eram essenciais ao estilo de vida de Cristo; e, uma vez que Ele nos deixou esse padrão, devemos segui-lo e buscá-lo constantemente. É por isso que, assim que acordo, coloco uma música de louvor e adoração, tenho o meu momento de *soaking*¹ e permaneço na atmosfera do Espírito Santo.

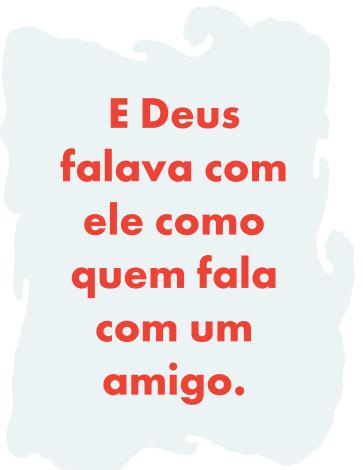
Muitas vezes, ainda deitado, oro em línguas e medito na Palavra, pois sei que o Espírito continuará ministrando ao meu coração durante todo o dia. O melhor de tudo é que ter uma vida de relacionamento íntimo com a Trindade torna esse contato ininterrupto. Isso significa que não precisamos esperar por um momento no culto ou limitá-lo a determinada hora em nosso dia: podemos estar constantemente ligados a Ele — seja quando estivermos em um *break*, sentindo-nos cansados e atarefados demais ou nos preparando para ministrar, por exemplo. É como um celular plugado na tomada: ainda que esteja com a bateria cheia, ao permanecer ali, não esvazia nem um por cento.

Para além do irrepreensível exemplo de Jesus, a devoção e zelo pela presença de Deus também são evidenciadas na vida de Moisés, que conversava face a face com o Pai. Ele não media

esforços para se encontrar com o Senhor e, segundo as Escrituras, sempre que erguia uma barraca longe do acampamento — a tenda do encontro —, Sua presença se manifestava como uma coluna de nuvem, e Deus falava com ele como quem fala com um amigo (cf. *Êxodo 33.7-11*). A devoção e entrega também eram parte do estilo de vida de Daniel, Ana, Abraão, dos Apóstolos, de Davi e de todos aqueles que fizeram história com Deus.

Embora as grandes manifestações do poder divino em comunidade — como cultos,退iros e conferências — sejam momentos incríveis para contemplarmos e desfrutarmos de Sua glória, elas não substituem o relacionamento que construímos individualmente. Todos temos a honra de usufruir do caminho aberto pelo sangue do Cordeiro e não devemos negligenciá-lo. A partir do momento em que Jesus Se torna nosso intermediador, não há mais a necessidade de que outras pessoas façam uma conexão entre nós e o Pai. Em todo tempo e lugar, podemos e devemos buscar a Sua presença.

Precisamos aprender a ir mais fundo, seguindo o exemplo de Moisés e, sobretudo, o estilo de vida de Jesus. Alcançar esse nível certamente requererá que abandonemos o leite e nos fortaleçamos com alimento sólido (cf. *Hebreus 5.12-14*) por meio de oração, jejum e leitura da Palavra — cientes de que ela é a verdade absoluta e imutável. Muitos estão há anos como parte do Corpo, mas não amadurecem nem evoluem na fé de modo que possam discipular pessoas e nações, conforme Jesus nos ordenou.



**E Deus
falava com
ele como
quem fala
com um
amigo.**

O processo para chegar à maturidade implica renunciarmos a nós mesmos, tomarmos a nossa cruz, submetermo-nos e obedecermos (cf. Lucas 9.23). Se desejamos ser amigos de Deus, cabe a nós zelarmos por esse relacionamento e, a despeito do frenesi de nossas rotinas, sentimentos ou vontades, priorizarmos um firme, constante e íntimo relacionamento com o Pai, como Cristo fez.

O FLUIR DE ÁGUAS TRANSFORMADORAS

Graças à Nova Aliança, estabelecida a partir do sacrifício de Jesus, o mesmo Espírito que O ressuscitou dentre os mortos passou a habitar em todos aqueles que recebem o Novo Nascimento (cf. Romanos 8.11). Conforme a Bíblia descreve, é como se rios de águas vivas fluíssem de nosso interior (cf. João 7.38); ou seja, somos vivificados no espírito pelo relacionamento que temos com a Trindade. Quando inteiramente transformados, transbordamos para além das margens — de modo semelhante a qualquer rio que se encontra cheio — e passamos a impactar o que está ao nosso redor.

A manifestação palpável do Espírito Santo, quando Ele permite que nos aproximemos da Sua glória e natureza divina, é umas das sensações mais arrebatadoras e transformadoras que podemos experimentar. A presença de Deus nos muda. No Novo Testamento, por exemplo, a Palavra traz o relato do dia de Pentecostes, momento em que os discípulos de Cristo se reuniram em oração e experimentaram o derramar do Espírito Santo (cf. Atos 2.2-4). Já no Antigo Testamento, essa presença densa se manifestou na história de Salomão, no dia da inauguração do Templo (cf. 2 Crônicas 7.1-3).

Buscar a adrenalina de presenciar um milagre ou uma cura, somente pela emoção da experiência, não significa viver a plenitude da vontade de Deus, pois Ele deseja que nossa aspiração primordial seja amar e viver em Sua presença (cf. Salmos 91.14-16). Obter aquilo que o Senhor pode fazer nunca será o suficiente; precisamos d'Ele.

FORNALHA

Houve um momento, depois de já estarmos um pouco mais estruturados como Dunamis Movement e planejando diversas ações, em que percebi que gastávamos um tempo excessivo tentando elaborar estratégias com nossas próprias habilidades. Subtilmente, havíamos passado a contar mais com os nossos talentos e experiências do que com a própria direção do Espírito Santo. Lembrei-me, então, de quando Darlene Cunningham, esposa de Loren, disse que a queda de um ministério acontece quando as reuniões de planejamento substituem as reuniões de oração.

Sentia-me bastante incomodado com o rumo que estávamos tomando e entendi que necessitávamos de mais momentos de oração e busca do Espírito em unidade. Apenas mergulhando na presença de Deus poderíamos realinhar nossos caminhos conforme os Seus planos. Recordei-me das inúmeras vezes nas quais, em nossas reuniões de planejamento, fomos completamente envolvidos com a presença do Espírito Santo — para mim, ter a nossa programação interrompida por Ele sempre foi o medidor de que estávamos no caminho certo.

Foi nesse contexto que surgiu o Fornalha, que ganhou certa notoriedade, anos mais tarde, ao tomar o formato de tour, contando com a participação de músicos e ministros cheios

do Espírito Santo, que propagavam a paixão pela Presença por meio da adoração ao redor do Brasil.

O Fornalha começou nas reuniões de oração do escritório Dunamis; foi organizado com o intuito de buscarmos a Deus e Seus propósitos juntos, consolidando a identidade do movimento. Depois de certo tempo, sentimos a necessidade de adorar ao Senhor com nossas próprias músicas e, assim, orávamos, pregávamos e cantávamos o que estava na Palavra — tínhamos o costume de orar textos bíblicos e, freqüentemente, o fazíamos com o livro de Salmos. Os encontros fluíam organicamente; não tínhamos um script, apenas deixávamos o Espírito nos conduzir. Às vezes, revezávamos o microfone e orávamos por pautas específicas, ou simplesmente passávamos um tempo em silêncio, ouvindo o que Ele queria revelar e meditando em Suas palavras; outras vezes, ainda, acontecia de alguém cantar exatamente algo que havíamos acabado de orar, gerando refrões marcantes para nós.

Tudo isso ocorria em nosso escritório, em São Paulo. Entretanto, algumas pessoas aliançadas ao movimento, que moravam em outras localidades, nos pediam pelo *livestream* das reuniões, então passamos a usar o Skype para que elas pudessem participar remotamente. A cada edição, mais pessoas se somavam às reuniões e, quando nos demos conta, estávamos inspirando milhares de cristãos a simplesmente passarem tempo na presença do Senhor. Aos poucos, aprimoramos nosso cenário e equipamento de transmissão, e, do *livestream*, partimos para as gravações de vídeos que foram publicados no YouTube e se tornaram disponíveis permanentemente para quem quisesse assistir e desfrutar da atmosfera que era gerada ao buscarmos a face de Deus em unidade.

Começamos a entender que nossos momentos no Fornalha deveriam ser cada vez mais intencionais, de modo que inspirassem outros a adorar com intensidade e liberdade. Com o crescimento do que estávamos fazendo, ficou claro para a liderança que deveríamos levar essa experiência de adoração para outros lugares do Brasil. Foi assim que surgiu o Fornalha Tour. A vivência de viajar para outras cidades e adorar de maneira intensa com pessoas diferentes foi muito marcante para nós. Temos inúmeros testemunhos de atmosferas sendo transformadas e milagres acontecendo.

Até hoje o Fornalha nos ensina imensamente sobre adoração, rendição completa ao Senhor e a importância de O exaltarmos por quem Ele é, reconhecendo o Seu caráter, soberania e amor. Deixamos de realizar o Fornalha Tour há alguns anos, ao recebermos um novo direcionamento do Espírito, porém seguimos reunindo todo o staff Dunamis diariamente, antes de nosso expediente, apenas para buscarmos a face de Deus juntos; só então damos início a quaisquer outras atividades.

O FIRME FUNDAMENTO

Sempre buscaremos a Deus porque O amamos. Isso implica conhecê-lo verdadeiramente, e não somente desfrutar de Sua glória de forma esporádica. Em virtude disso, devemos colocar as Escrituras acima de toda fonte de sabedoria ou qualquer outra dita “verdade”.

Quando ainda era menino, minha mãe me incentivava a ler a Bíblia e decorar versículos. Além de fazer com que a Palavra permanecesse constantemente dentro de mim, essa disciplina me tornou completamente apaixonado por ela. Hoje,

tenho uma rotina para leitura bíblica: começo o dia lendo um trecho do Antigo Testamento; depois, medito em alguma passagem do Novo Testamento, e finalizo a leitura com um livro poético, como Salmos, por exemplo. Então me questiono o que entendi naquele dia e quais foram as palavras que chamaram a minha atenção de modo mais profundo. Talvez, seguir um modelo semelhante a esse o ajude, mas, seja como for, o importante é que a leitura bíblica seja prioridade todos os dias.

Aliada ao apreço e estudo das Escrituras está a oração incessante (cf. 1 Tessalonicenses 5.17), uma arma poderosa em qualquer batalha e parte crucial do nosso dia a dia como cristãos. Existem dois tipos de oração: em entendimento e em Espírito. A primeira diz respeito às nossas conversas com Deus; quando proferimos, em nossa língua materna ou em algum idioma no qual tenhamos fluência, os nossos agradecimentos, petições ao Senhor ou simplesmente o que está em nosso coração. A oração no espírito, por sua vez, acontece no instante em que falamos em línguas angelicais, deixando que o Espírito interceda por nós. Os dois tipos de oração são importantes e devem fazer parte da nossa busca diária (cf. 1 Coríntios 14.15).

Nós nascemos para conhecer a Deus e amá-lo e, nessa jornada, devemos revelá-lo ao mundo e glorificá-lo. Não tenho dúvidas de que a transformação em grande escala das estruturas sociais em nosso país e nas demais nações está profundamente relacionada a um posicionamento individual, por parte dos cristãos, com relação às disciplinas espirituais — oração, leitura bíblica e jejum. Se cada um de nós abrir espaço para o fluir das águas vivas do Espírito onde estamos presentes, testemunharemos a transformação de famílias, cidades e nações pelo poder de Deus. Onde quer que estejamos inseridos,

devemos ser aqueles que lideram a transformação (cf. Mateus 5.13-16).

Todavia, isso não acontecerá enquanto delegarmos nosso compromisso a outros. Conhecer aquilo que foi dito por Deus e nos alimentar das Escrituras são nossa responsabilidade, e não de nossos pastores e mestres de ensino. O avanço e crescimento devem ser constantes, não apenas aos domingos. Para que possamos ser agentes de mudança e reforma, de fato, precisamos ter consciência de que nossa conduta tem de carregar uma esência pautada na Palavra, e que jamais devemos negociar os valores do Reino.

A verdade é que não importa quão boas sejam nossas estruturas, canções e pregações, só faremos a diferença quando vivermos exatamente aquilo que a Bíblia ensina, permanecendo santos, irrepreensíveis e cheios do Espírito Santo.

Posso afirmar que a cultura da paixão pela presença do Senhor e o embasamento bíblico têm nos conduzido, como ministério, a trilhar caminhos sobrenaturais, superiores a qualquer experiência ou aventura meramente humana. Não existe ambiente mais propício para um mover poderoso do Espírito Santo do que um ajuntamento de pessoas que carregam rios espirituais fluentes, que impactam até a vida daqueles que ainda não creem no Evangelho.

DUNAMIS: FUNDAMENTOS E LIFESTYLE

Atuando como missionário nas Filipinas, senti meu coração queimar pelos universitários e me lembrei do grupo cristão da minha faculdade, que era triste e sem a presença transformadora do Espírito Santo. Eu desejava ser cada vez mais



apaixonado por Jesus, mas não queria que isso parasse em mim; o meu anseio era ver os universitários carregando essa mesma paixão, vivendo de forma intensa na Sua presença, em vez de simplesmente aceitar uma existência monótona e sem transformação. Entendi que deveria dar o meu melhor para que esse quadro mudasse; eu desejava ver jovens com corações apaixonados e cheios da presença de Deus, vivendo sinais e maravilhas que seriam resultado da intimidade com a Trindade, assim como em Atos.

O avanço e crescimento devem ser constantes, não apenas aos domingos.



Nós acreditamos que o mesmo Espírito Santo que agia na época dos apóstolos de Cristo, atua hoje e deseja Se mover em nosso meio; Ele anseia realizar milagres, sinais e prodígios através das nossas mãos. Estar disponível para operar Seus desígnios é parte crucial do que desenvolvemos como Dunamis lifestyle, que é fundamentado nos passos de Jesus e nos demais relatos bíblicos. Viver esse estilo de vida requer estarmos completamente disponíveis a cumprir radicalmente a vontade e os propósitos do Pai, sendo canais do Seu poder, amor e verdade, que fluem em nós e através de nós para a transformação das sociedades.

Contudo, mais do que curas ou outras manifestações sobrenaturais, somos apaixonados por Deus. Ele é o nosso maior anseio, e, por isso, desejamos que outros possam receber do Seu amor, valorizar a Sua presença e ser encontrados por Ele como fomos e continuamos sendo dia após dia.

Creamos que, nessa jornada, à medida que O contemplamos, submetemo-nos a um intenso processo de santificação (cf. Salmos 119.9-10), que nos leva a conhecer quem Ele é e a viver uma transformação.

Compreendemos que esse é o desejo mais profundo da existência humana e somos movidos apenas por uma coisa: buscar a Sua face (cf. Salmos 27.4) acima de qualquer estratégia, sonho, planejamento ou compromisso. Temos plena convicção de que jamais conseguíramos manifestar o Reino dos Céus na Terra se não estivéssemos em contato com Aquele que o fundamentou e construiu; sem Ele, não podemos fazer nada (cf. João 15.5). Ele direciona nossos passos, segundo a Sua vontade, e nos revela os caminhos que nos levarão a gerar frutos eternos (cf. João 15.16).

Não é preciso ser arquiteto ou engenheiro para saber que toda construção, por menor que seja, tem de passar por diversas etapas até ser concluída. Qualquer projeto demanda investimento de tempo, dinheiro e talento, bem como uma equipe que se esforça para realizá-lo, desde o desenho da planta até os últimos retoques na fachada. O próprio Jesus ensinou esse princípio a Seus discípulos:



Pois qual de vocês, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não acontecer que, tendo lançado os alicerces e não podendo terminar a construção, todos os que a virem zombem dele, dizendo: “Este homem começou a construir e não pôde acabar”. (Lucas 14.28-30)

A mesma lógica aplica-se ao que entendemos ser o chamado divino para todos os cristãos. Depois de receber a visão que o

Senhor tinha para nós e dar os primeiros passos, não podíamos perder o ritmo; precisávamos manter o padrão que Deus nos havia ordenado com as ferramentas que Ele nos entregara.

Na época em que começamos os cultos Dunamis, já havíamos testemunhado inúmeros milagres absolutamente surpreendentes, e, pela graça de Deus, continuamos contemplando o poder explosivo do Espírito Santo ser manifestado constantemente em diversas esferas. Assim, mesmo quando os cultos ainda aconteciam na igreja, havia sempre uma chama ardendo em meu coração, que me fazia querer experimentar avivamentos e manifestações do poder de Deus, especialmente por meio dos universitários.

Por isso, acredito que a transição do culto Dunamis para o auditório do Centro Universitário Ítalo Brasileiro (UniÍtalo) foi algo profético. Percebemos que despertar uma geração inteira para Cristo, revelando o Reino Celestial, era apenas a primeira parte do nosso chamado. Afinal, todos os cristãos são convocados para viver e encarar o sobrenatural de forma natural em suas vidas, e esse é um processo que está completamente relacionado à nova e poderosa natureza que recebemos de Jesus quando somos batizados no Espírito Santo.

Existem quatro palavras no grego para se referir a poder: *exousia*², que remete à autoridade delegada; *ischuros*³, que diz respeito à força física; *kratos*⁴, que está relacionada ao domínio; e, por fim, *dunamis*⁵, o poder explosivo, que carrega o sentido de energia, grande força e habilidade, muitas vezes descrito como o poder vindo de um outro mundo em atividade na Terra. Em outras palavras, é o poder explosivo do Espírito Santo evidenciado através de milagres e maravilhas, como o relato em Atos 4.33, versículo base do movimento: “Com

grande poder [*dunamis*], os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça” (acríscimo nosso). Esse poder é liberado quando vivemos em obediência e entrega diária, e é o estilo de vida que nós, como Dunamis, buscamos ter.

O CHACOALHAR DOS OSSOS

Lembro-me de certa vez, quando fui marcado por uma experiência sobrenatural. Ao final de um culto em que havia pregado, Zach, um garoto americano de dezesseis anos, filho de pais missionários que moravam no Brasil, fora à frente do púlpito a fim de ser ministrado. Ele jogava beisebol como *pitcher*⁶ e já fazia um bom tempo desde a sua última partida. Por conta de uma lesão no ombro, havia parado de jogar e, mesmo depois de ter sido submetido a seis cirurgias para reconstruir o ombro, mal conseguia mover o braço.

O menino compartilhou comigo que não acreditava em nada do que eu acabara de pregar no culto, mas, diante da insistência de seus amigos, decidiu pedir uma oração. Aquilo me pareceu quase uma afronta. Ainda assim, orei por ele, e, subitamente, ouvi o Senhor me direcionando a esperar por alguns instantes. Lembro-me de pedir que o garoto continuasse de olhos fechados em posição de espera, porque logo o Espírito Santo o tocaria. Eu não sabia o que estava acontecendo de fato, muito menos o que viria a seguir; porém, durante dois ou três minutos, apenas permaneci aguardando com ele e seus amigos, conforme Deus havia me orientado.

De repente, percebi que o adolescente começou a transpirar muito. Alarmado, abriu os olhos, claramente sem entender

o que estava sentindo. Apontando para o ombro, ele disse, em um tom aturdido, que um calor inexplicável tinha tomado toda a região lesionada. Tivemos convicção de que se tratava do agir do Espírito Santo, e, enquanto clamávamos por mais de Deus, agradecendo-O pelo que já fizera, aquela sensação foi potencializada. Seu ombro tremia bastante e logo o tremor se tornou um movimento frenético, fazendo aquele garoto se chacoalhar tão violentamente, que todos os presentes puderam escutar o barulho de seus ossos. Enquanto tudo acontecia, seus amigos começaram a rodeá-lo ao mesmo tempo em que suas amigas choravam.

Transpirando excessivamente, o jovem jogador chorava muito diante do milagre que estava acontecendo, e tanto seus amigos quanto eu éramos testemunhas daquilo. Quando os ossos se aquietaram, perguntei se ele conseguia movimentar o ombro; naquele instante, era necessário um passo de fé. Uma pessoa trouxe um objeto para que ele arremessasse e assim o fez. Imediatamente, começou a realizar movimentos que não conseguia antes. Louvamos a Deus pelo milagre de cura que acabara de ocorrer, e o garoto voltou para casa maravilhado por ter experimentado algo daquela dimensão.

Comigo não foi diferente; fiquei totalmente extasiado pelo que vi Deus fazer em minha frente e decidi jamais abrir mão de viver, naturalmente, o sobrenatural. Três dias depois desse culto, Zach já estava treinando com seu time novamente, a despeito do diagnóstico que recebera de que nunca mais conseguiria sequer lançar uma bola de beisebol. Naquele dia, certamente vimos o poder da oração e o mover de Atos 4.33 diante de nossos olhos.

FESTA NA RUA

Temos caminhado debaixo do mover sobrenatural constantemente e podemos atestar que viver os milagres e maravilhas do Senhor continua nos causando empolgação. Na verdade, é essencial termos cuidado para jamais encarar o agir de Deus com apatia; devemos celebrar cada um dos testemunhos que Ele tem nos permitido contemplar. Além do mais, presenciar o poder explosivo do Espírito Santo é o que, muitas vezes, leva pessoas a crerem no Senhor e, consequentemente, entregarem suas vidas a Ele. Desse modo, cada vez mais pessoas poderão levar essa realidade miraculosa a suas casas, empregos, universidades e onde mais estiverem.

Digo isso, porque, uma vez que experimentamos, de fato, o mover do Espírito Santo e passamos a conhecê-lo, compartilhamos Suas maravilhas com aqueles que estão ao nosso redor. Foi o que aconteceu com Henrique Nunes, que convidou seu irmão do meio, Eduardo Nunes, a visitar um culto Dunamis pela primeira vez.

Henrique, na verdade, é conhecido em nosso meio como “Caiçara”, pois ele e sua família vieram do litoral norte de São Paulo. A primeira vez que o vi foi em sua universidade. Naquela ocasião, percebendo que ele estava sob efeito de drogas, aproximei-me e o chamei para o Dunamis Pockets, afirmando que lá haveria uma “energia” (referia-me, na verdade, à manifestação palpável do Espírito Santo) diferente de tudo o que ele já tinha experimentado. Ele aceitou o convite e se converteu a Cristo em uma das nossas reuniões. Henrique passou a servir no Pockets, posteriormente, a trabalhar em nosso escritório e, anos mais tarde, foi ungido como pastor na Zion Church. Hoje, ele lidera

uma outra igreja, a qual fundou em 2022, em Ubatuba, sua cidade de origem.

Na época em que Caiçara começou a frequentar o Pockets, seu irmão, Eduardo, se encontrava afastado dos caminhos do Senhor. Ele tinha jogado futebol na Austrália por um tempo; no entanto, depois de machucar o tornozelo — o que o impedira de continuar treinando —, teve o contrato encerrado com o clube pelo qual jogava, e voltou ao Brasil. Caiçara o chamou para ir a um culto Dunamis e, depois de muita insistência, ele acabou aceitando. Durante o culto, um de nossos líderes recebeu uma palavra de conhecimento: ali havia um jogador de futebol que teve de interromper a carreira por conta do seu tornozelo direito. Rapidamente, o Eduardo se identificou, recebeu oração e foi curado. Naquela mesma noite, ele voltou para Jesus.

Duas semanas depois, o Eddie me acompanhou a uma conferência em Londrina, onde eu pregaria. Enquanto o último louvor era ministrado, perguntei se ele sabia o que era uma palavra de conhecimento e ele me respondeu que não. Aproveitei o momento para explicar rapidamente do que se tratava: ele poderia orar a Deus pedindo por uma informação, e o Senhor lhe revelaria detalhes de situações às quais ele não tinha acesso, para que, assim, pudesse orar a respeito do que lhe fora revelado, trazendo a realidade celestial sobre alguma circunstância terrena.

Quando terminei a explicação, a música acabou e me pediram para ir ao palco. Subi, apresentei-me e, em seguida, chamei o Eddie. Assim que ele subiu, eu disse à igreja que ele tinha várias palavras de conhecimento para compartilhar. Mesmo completamente em choque com o meu convite, ele foi à frente, compartilhou o que o Espírito Santo lhe revelou e orou conforme Sua direção. Assim começou o seu ministério de cura:

simplesmente dando um passo de fé. Isso evidencia, para mim, que o Senhor procura pessoas que estejam dispostas a caminhar em obediência à Sua voz, ainda que não estejam enxergando terra firme debaixo de seus pés.

Hoje, Eduardo Nunes é pastor da Zion Lisboa e se move no dom da palavra de conhecimento e de cura, colecionando inúmeros testemunhos. Ele compartilhou comigo sobre uma de suas viagens missionárias, à qual foi com sua esposa, Kristin, e outras duas pessoas à cidade de Itatinga. Ao chegarem lá, participaram de um evento chamado Festa na Rua, uma das iniciativas da 27 Million⁷ que tem o intuito de alcançar a realidade de vítimas do tráfico humano justamente em zonas em que a prostituição é mais intensa. Naquele ambiente, eles abordaram duas mulheres e pediram para orar por elas; a princípio, ambas relutaram, mas, por fim, acabaram aceitando receber uma oração.

Eddie e sua equipe deram as mãos a elas, e ele convidou o Espírito Santo para vir com poder e fazer a Sua vontade ali. Em poucos segundos, teve a impressão no espírito de que o filho de uma das mulheres por quem estavam orando tinha o sonho de ser cientista. Entendendo que essa revelação vinha do Espírito Santo, compartilhou com ela a sensação e perguntou se aquilo fazia algum sentido. Assustada, ela respondeu que sim e, então, Eddie e a equipe entregaram algumas palavras proféticas e de conhecimento a respeito do menino. O Senhor afirmava que tinha dado a ele uma grande sabedoria e inteligência, e que suas habilidades seriam usadas no Reino de Deus.

Ao testemunhar o que acabara de acontecer, a outra mulher perguntou se ele interpretava sonhos, e o Eddie respondeu que, se o Espírito Santo lhe revelasse algo sobre o que ela contasse, ele lhe diria. Sem hesitar, ela relatou que tivera um sonho

no qual uma cobra entrava em sua casa e picava o seu filho, que secava e morria. Enquanto a ouvia, ele se lembrou de algumas experiências que teve na África, onde comentavam que esse animal representava o envolvimento com feitiçaria. Então, perguntou à mulher se ela tinha alguma ligação com macumbas ou bruxaria. Totalmente espantada, sua amiga, que ainda chorava pelo filho, virou-se e disse: “Falei que era isso! Você não pode ficar mexendo com essas coisas!”.

A segunda mulher, então, confirmou o envolvimento e questionou o que precisaria fazer para que fosse liberta de toda tentativa do Maligno contra a vida de seu filho; a resposta do Eddie foi que deveriam orar. Antes de iniciar a oração, ela pediu que esperassem até que buscassem seu filho e, dez minutos mais tarde, voltou com o menino. A equipe orou por eles e a presença de Deus veio intensamente sobre aquele lugar. Em seguida, anunciaram sobre Jesus e lhes contaram o plano da salvação, e elas decidiram recebê-lo como Senhor e Salvador de suas vidas. Glória a Deus, que nos resgatou das trevas para Sua maravilhosa luz.

O AVIVAMENTO NO RESTAURANTE

Eu me recordo de um episódio, que aconteceu por volta de 2011, quando o Titus⁸, o Gus — meu primo, Gustavo Hayashi —, o Fuller — Victor Yuhara — e eu estávamos a caminho de uma igreja para ministrar. Saímos de Brasília em direção ao interior e paramos em um famoso restaurante de fast-food para comer; uma pessoa do grupo notou que, em uma das mesas, havia um casal e uma menina com o joelho engessado. Tomados pelo anseio de ver a manifestação do *dunamis* de Deus, nós nos aproximamos e, conversando com eles, descobrimos que aquela era a

filha do casal e havia sofrido uma queda de um ônibus, ocasionando o deslocamento da patela e lesão nos ligamentos.

Ao perguntarmos se poderíamos orar por ela, a família concordou e logo passamos a interceder, declarando cem por cento de cura. No instante em que começamos a orar, a garota sentiu a patela reencaixar em seu joelho. Então, pedimos permissão aos pais para cortar o gesso que envolvia a perna da menina; eles nos autorizaram e, depois de removê-lo, ela pôde andar normalmente. Levantou-se e caminhou pelo restaurante, atestando uma miraculosa cura instantânea. Foi uma cena impressionante!

Impulsionadas pelo que haviam acabado de ver, muitas pessoas que estavam no estabelecimento aproximaram-se e pediram orações. Eu cheguei, inclusive, a pegar o microfone do local e convidar quem mais quisesse a receber oração de nosso grupo. Vários funcionários do restaurante receberam a Jesus como único e suficiente Salvador naquela noite. Uma simples parada em um restaurante foi transformada em um culto de milagres. O Reino dos Céus invadiu aquele lugar e nós saímos de lá com ainda mais convicção sobre aquilo que está escrito em Mateus 10.8:



Curem enfermos, ressuscitem mortos, purifiquem leprosos, expulsem demônios. Vocês receberam de graça; portanto, deem de graça.

Carregamos o poder de Deus e o dever de pregar o Evangelho, curar os enfermos e expulsar demônios no nome de Jesus. Recebemos esse privilégio sem que nos fosse cobrado nada, e de graça também devemos compartilhar. Cada um de nós caminha com a possibilidade de viver e realizar milagres operados por

Deus; é nossa escolha dizer “sim” a essas aventuras e ajudar a estabelecer o Seu Reino na Terra.

De modo algum enxergamos o Dunamis como a única visão estabelecida por Deus para gerar transformação genuína na sociedade. Sabemos que o Senhor tem Se movido ao redor do globo através de diversos movimentos e ações, mas cremos que essa é a visão que Ele confiou a nós e, desde que a abraçamos, temos presenciado e experimentado eventos extraordinários da liberação desse poder através de nossas vidas.

No decurso de todos esses anos, tenho sido abastecido com a certeza de que, para o Senhor, nada é impossível (cf. Lucas 1,37); não há nada complexo demais que Ele não possa resolver. Por graça e misericórdia, o Espírito Santo tem fluído através de mim, de cada membro do movimento e de nossa comunidade local, levando cura, esperança e verdade às pessoas; porém, uma coisa é fato: ainda melhor do que a sensação de ser usado por Deus e participar do que Ele está fazendo pelo mundo, é, sem dúvidas, estar aos Seus pés.

**Uma simples
parada em um
restaurante foi
transformada
em um culto de
milagres.**



Capítulo 6

CAMPUS EM CHAMAS

Campus em
chamas

Campus em chamas

Pouco depois de compreender que cumprir a Grande Comissão (cf. Marcos 16.15-16; Mateus 28.18-20) não se resumia a apenas atravessar o mundo pregando o Evangelho com uma mochila nas costas, mas também incluía levar um impacto palpável à sociedade, entendi com mais profundidade o chamado de Deus para atuar nas universidades — entendendo essa compreensão para os resultados que um avivamento e uma reforma são capazes de trazer para uma nação. Afinal, um país que segue os princípios de Jesus e aplica Seus preceitos vive um avivamento sustentável, com seus cidadãos sendo transformados e a sociedade reformada.

Não por acaso, a vida do Dr. Bill Bright, fundador da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, instigava-me. O ministério estudantil interdenominacional desse grande evangelista norte-americano foi iniciado em 1951, quando ainda era um seminarista e preparava-se para uma prova de grego. Eu me identificava com ele. O Dr. Bill recebeu uma visão inusitada de Deus para o cumprimento da Grande Comissão, e entendeu claramente que deveria dedicar sua vida para que o Evangelho do Reino fosse pregado em todo o mundo, em especial, em meio aos estudantes universitários.

Foi Bright quem escreveu, certa vez, as seguintes palavras a respeito de tal atuação:



Milhares de estudantes são levados ao conhecimento de Cristo e discipulados por nossa equipe nas universidades. Estes homens e mulheres dedicados, estão comprometidos com o objetivo de ajudar a cumprir a Grande Comissão nesta geração, **e sabem que as universidades representam a maior fonte de força humana disponível para atingir este alvo.** (BRIGHT, 1985, p. 87 – grifo nosso)¹

Era uma revelação semelhante a essa que me movia. Em 2008, comecei reuniões de discipulado no campus da Universidade Mackenzie, em São Paulo, a fim de pregar o Evangelho aos próximos líderes influentes da nação, pois sempre acreditei que, conquistando as universidades para Cristo no presente, poderíamos conquistar, também, a sociedade no futuro. É justamente na faculdade que desenvolvemos ou repensamos uma parte significativa da nossa cosmovisão, isso significa que, se tivermos a mente renovada conforme os princípios imutáveis da Palavra de Deus, traremos alinhamento entre os Céus e a Terra à medida que trabalhamos em nossas respectivas áreas de atuação (cf. Romanos 12.2).

Tudo começou quase simultaneamente aos cultos Dumanis, enquanto discipulava um grupo de jovens e os treinava a se moverem sobrenaturalmente em suas universidades. Certa noite, como resposta às orações que vinha fazendo, um jovem compartilhou comigo seu desejo de despertar os estudantes cristãos da faculdade que cursava, a fim de promover encontros entre Jesus e aqueles que não O conheciam, ou mesmo que estavam afastados da Sua presença. Naquela época, eu já recebia incontáveis testemunhos do que Deus estava fazendo nas universidades e percebi a necessidade que tínhamos de estabelecer

reuniões fixas com os estudantes. Então, propus que esse jovem liderasse reuniões semanais do Dunamis no campus.

Eu permanecia na função de discipular, direcionar e treinar a equipe, além de trabalhar ao lado delas no estabelecimento da visão no ambiente estudantil, aplicando as estratégias que o Senhor nos dava ao longo desse processo da melhor forma possível. Analisando as possibilidades de como estabelecer nosso projeto, concluímos que, antes de mais nada, deveríamos orar e jejuar juntos para buscar direções divinas mais específicas a respeito das futuras reuniões.

Ao passo que estávamos engajados em jejum e oração, compreendemos a necessidade de nos conectartermos melhor aos cristãos daquela universidade. Buscamos, então, o suporte da reitoria para a realização dos encontros; para nós, era importante honrar as figuras de autoridade daquele lugar, obtendo o seu respaldo. A possibilidade de não conseguirmos autorização era, com certeza, grande; no início, realmente nos deparamos com algumas negativas, contudo procurávamos estar alinhados à liderança universitária sempre que possível, a fim de cooperarmos juntos para o avanço do Reino de Deus. O passo prático seguinte foi convidar nossos amigos para o primeiro encontro — mesmo que ainda não tivéssemos detalhes mais extensos a seu respeito.

Conscientes de que carregávamos uma fé não apenas racional, mas também experimental — afinal, a Bíblia atesta que sinais e maravilhas seguirão aqueles que creem em Jesus Cristo

**A Bíblia atesta
que sinais e
maravilhas
seguirão aqueles
que creem em
Jesus.**



(cf. Atos 4.33; Marcos 16.17) — e nutridos de expectativa, declarávamos verdades da Palavra sobre os encontros universitários que ocorreriam. Ansiávamos estar cem por cento sensíveis à voz do Espírito Santo para realizar tudo quanto Ele nos direcionasse a fazer no campus.

TESTEMUNHAS NA SALA DE AULA

Certo dia, pouco tempo após o início das nossas reuniões de discipulado, um de nossos líderes, ao entrar na sala de aula e perceber a ausência da professora, pôs-se a orar em línguas silenciosamente, a fim de não escandalizar seus colegas de classe. Naquele momento, o Espírito Santo falou ao seu coração por meio de uma palavra de conhecimento², que, embora fosse simples, era também muito específica: o Senhor lhe disse que estava cuidando do irmão de sua professora. Não demorou muito e a docente chegou à sala.

Dando um passo de fé, o jovem foi até ela e compartilhou o que sentia em seu espírito. Espantada, a mulher se emocionou dizendo que tudo o que acabara de ouvir fazia sentido, pois, devido a um câncer, o seu irmão estava internado em uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Enquanto entregava a palavra à professora nessa renomada universidade, o nosso líder era assistido por seus colegas. Guiado pelo Espírito, ele orou com a docente, que, no mesmo dia, recebeu a notícia de que a saúde do seu irmão, milagrosamente, havia melhorado.

Esse testemunho se tornou público, e creio que Deus permitiu que isso acontecesse justamente para que todos pudessem ver o que Ele começaria a realizar naquele lugar.

A SALA 367

Após experimentarmos um pouco do agir de Deus em algumas salas universitárias, sentimos a necessidade de ocupar um espaço físico no campus. Era hora de iniciarmos nossas reuniões por lá. Por isso, um de nossos líderes decidiu conversar com a coordenação da universidade e solicitar uma sala. Lembro-me de que, naquele dia, eu e toda a equipe nos reunimos e intercedemos intensamente, esperando ansiosos por uma resposta. Para a glória de Deus, recebemos uma ligação ao fim do dia, o jovem relatou que, ao ser questionado sobre o motivo de sua requisição, contou acerca do sonho Dunamis para o gestor da sua faculdade, que cedeu a sala 367 do prédio de uma das faculdades do campus para realizarmos os encontros semanais.

Eu quase não podia acreditar. Nossa influência expandiu a ponto de testemunharmos o sobrenatural impactar o natural: conquistamos um espaço físico no campus, para além do que já tínhamos ganhado no âmbito espiritual e relacional, por meio de oração e do ensinamento a respeito das maravilhas do Evangelho. É verdade que todos estávamos empolgados, mas eu, particularmente, encontrava-me em um real estado de êxtase, já que, finalmente, algo plantado por Deus em meu coração, há anos, começava a se concretizar.

Àquela altura, tínhamos ganhado o território espiritual e físico, faltava apenas um nome para os encontros. Conversamos e oramos bastante entre os membros da equipe e, finalmente, chegamos a um consenso: nossa reunião se chamaria “Universitários Dunamis”.

Desejava que pudéssemos promover o maior número de encontros com Deus naquele lugar, além de trazer uma visão

bíblica a respeito de reforma na sociedade pelo poder do Espírito e com base nas Escrituras. Quando o dia da primeira reunião finalmente chegou, orei com os líderes do time e fiz questão de reafirmar a visão que o Senhor me entregara sobre o Dunamis: somos embaixadores dos Céus nas universidades, chamados para impactar gerações com o poder explosivo do Espírito Santo.

Além da liderança — que até aqui havia se expandido e passou a ser constituída por oito jovens cristãos, sendo sete evangélicos e um que professava a fé católica cristã — contamos com a participação de mais trinta universitários. Naquela primeira reunião, o Felippe Borges compartilhou a Palavra, outros membros da liderança oraram pelas pessoas, de modo que cada indivíduo presente foi impactado; testemunhamos curas físicas e, além disso, três jovens entregarem suas vidas ao Senhor Jesus. Tudo para a honra e glória do Seu nome.

Na semana seguinte, quarenta e duas pessoas estiveram conosco e cada vez mais jovens iam às reuniões. Quando chegamos ao final do semestre, pela graça de Deus, os encontros lotavam uma sala de aula com mais de setenta estudantes. A sucessão de milagres que vivíamos era eletrizante, e ver os frutos do nosso “sim” ao chamado do Senhor era, verdadeiramente, maravilhoso.

Tivemos alguns desafios durante a jornada, mas permanecemos confiantes em Suas palavras. Isso demandou firmeza de nossos alicerces, convicção nas Escrituras e perseverança na oração e no jejum. Fortalecidos pelo Espírito, continuamos com a dedicação e excelência de sempre para realizar as reuniões, mesmo que contássemos com a presença de um ou dois participantes, ou somente de nossa própria equipe. Nos dias de

encontro na sala 367, a rotina era sempre a mesma: o time de líderes chegava antes do horário marcado, organizava o local e fazia tudo conforme o Senhor lhes direcionava. Nesse período, desenvolvemos o que chamamos de “regra dos 20”, pois nossos encontros tinham uma hora de duração e os fracionávamos da seguinte maneira: a reunião se iniciava com um tempo em adoração, depois a Palavra era compartilhada e finalizávamos orando uns pelos outros, de modo que cada um desses momentos possuía a extensão de vinte minutos.

Passado aquele semestre, recordo-me das diversas conversas que tivemos, a fim de nos alinharmos como equipe, debaixo da direção do Espírito Santo para aquele novo tempo, e assim nos preparamos para o próximo período de aulas. Tentávamos elaborar estratégias diferentes para reverter a situação do semestre que havia findado e entender em que ponto havíamos falhado até ali. Evidentemente, seguíamos orando e jejuando, todos em completa atenção à voz do Senhor.

Começamos o período seguinte a todo vapor e, em meio às nossas súplicas pela estratégia certa, o Espírito Santo nos conduziu a fazer um evangelismo sobrenatural na universidade, chamado de “Caça ao Tesouro”. Basicamente, orávamos pedindo-Lhe que nos revelasse características específicas, como se fossem “pistas”, relacionadas à aparência e ao comportamento dos estudantes que deveríamos abordar. Esse é um tipo de evangelismo que promove experiências marcantes com o amor do Pai através de palavras de conhecimento e revelações muito singulares.

Deus nos direcionou exatamente àqueles “tesouros” que Ele havia nos mostrado de antemão. No mesmo dia também, o Espírito Santo abriu nossos olhos para que percebêssemos que,

inconscientemente, havíamos focado muito na quantidade de pessoas que participavam das reuniões, e não nos dávamos conta de que a nossa efetividade não podia ser medida somente por meio daqueles números. O Senhor nos lembrou, exatamente como no primeiro encontro, de que não fomos chamados apenas para organizar ajuntamentos, mas, sim, para sermos embaixadores dos Céus em toda a universidade e por onde quer que fôssemos.

Entendemos, de uma vez por todas, que nossa missão ali era pregar o Evangelho do Reino de forma real e simples, manifestando o poder sobrenatural de Deus e promovendo encontros verdadeiros com Ele; tanto na sala 367, como na lanchonete, nas ruas, em nossos lares e por todo canto, em tempo e fora de tempo (cf. 2 Timóteo 4.2). Assim, provando que tudo girava em torno de um plano muito maior do que nossa mente humana poderia conceber, o Espírito soprava continuamente sobre aquele local. Por fim, mediante de um novo romper sobrenatural, os Universitários Dunamis voltaram a crescer numericamente em 2009, no nosso terceiro semestre de atuação.

Como em um piscar de olhos, a sala 367 já não comportava mais todos que participavam dos ajuntamentos semanais e passamos a ocupar espaços cada vez maiores na universidade: primeiro a capela e, logo depois, o auditório principal. Dois anos após o início das reuniões no campus, fomos inspirados a realizar o primeiro culto de avivamento, que contou com mais de mil e quinhentos estudantes no auditório principal da universidade. Depois daquele dia marcante, seguimos organizando eventos esporádicos para além dos encontros semanais. Tanto os cultos Dunamis como as reuniões nas universidades continuaram em crescimento.

BOLSOS DE AVIVAMENTO

Assim como relatado em Atos, a presença de Deus afetava todos os que se achegavam àqueles encontros, de modo que ficavam cheios de alegria e do poder do Espírito (cf. Atos 13.52). Por meio do Seu poder explosivo, o Senhor continuou transformando e invadindo o campus, até que, em 2013, quatro anos depois do início do Universitários Dunamis, o Senhor me revelou que era hora de alargar as tendas e partir para outros lugares.

No fundo, sempre desejei e esperei que caminhássemos para isso, principalmente graças às visões e profecias que tínhamos recebido em relação ao Dunamis. Até aquele momento, havíamos aprendido, coletivamente, a superar os dias maus e a celebrar cada avanço que víamos na expansão do Reino de Deus; individualmente, tínhamos enfrentado muitas de nossas próprias fraquezas e pendências emocionais.

Portanto, o primeiro passo para a expansão dos Pockets para além do Mackenzie foi reorganizar o nosso projeto inicial e rebatizar esses encontros universitários com o nome profético de Dunamis Pockets, pois eu via esses ajuntamentos como pequenos bolsos de avivamento dentro dos centros acadêmicos.³ Nós continuaríamos pregando o Evangelho do Reino com demonstração do poder sobrenatural do Espírito Santo, disseminando a Sua cultura e estimulando unidade entre os estudantes dentro dos *campi*, mas, agora, em proporções maiores.

Diante dessa reestruturação, tive de buscar alguém para liderar aquela expansão do Dunamis Pockets na linha de frente comigo. Por se tratar de um plano ousado, eu sabia que precisaria de uma pessoa com essa mesma característica. O Senhor, então, direcionou-me até um jovem chamado César Bianco,

membro da minha igreja local e dono de uma lanchonete dentro de um campus universitário.

César era um jovem que demonstrava temor a Deus e grande amor por almas. Lembro-me de que, quando eu lhe expliquei sobre o sonho de impactar as universidades para discipular as nações, ele abraçou a visão de imediato. Inclusive, foi um dos primeiros a realizar reuniões do Pockets em uma universidade diferente, vivenciando experiências surreais na mesma proporção que víamos no primeiro campus.

Uma história específica me vem à memória quando penso nos primórdios do Pockets; é a de quando o Gus foi convidado



O Espírito Santo, então, começou a tocar os estudantes reunidos ali com Seu poder.

para ministrar a palavra na universidade do César. Os encontros nesse novo local também duravam, em média, uma hora, e reservavam igualmente vinte minutos para o louvor, a palavra e a ministração final. O local das reuniões não era tão grande, tinha janelas lacradas, as portas tinham de permanecer fechadas e apenas um ar-condicionado refrigerava todo o ambiente. O lado bom é que qualquer interferência externa era impossível, garantindo mais tranquilidade aos participantes para se derramarem na presença de Deus. Contudo, naquela ocasião, desde o início, já se sentia que algo diferente estava para acontecer.

O Espírito Santo, então, começou a tocar os estudantes reunidos ali com Seu poder. A atmosfera de glória era tão densa, que as pessoas se rendiam, ajoelhavam-se e choravam, sendo ministradas pelo Senhor.

Os vinte minutos iniciais se passaram depressa e logo seria o momento de iniciar a ministração da palavra. Porém, sentindo que teriam de continuar dando espaço ao fluir do Espírito Santo, César e Gus entenderam que valeria a pena estender o louvor por mais cerca de vinte minutos, conforme seus cálculos. À medida que o terço final da reunião se aproximava, a manifestação palpável da presença de Deus se intensificava.

César pensou que aquela seria uma boa hora para que o Gus assumisse o microfone, aproveitando o ambiente cheio da Glória para encerrar a reunião com chave de ouro, mas bastou parar por mais um instante observando o local para perceber que havia mais uma porção da Glória a ser derramada. Ao fim, aquele encontro terminou sem que houvesse pregação alguma, tendo sido constituído inteiramente de louvor, adoração e um intenso mover do Senhor. Algumas pessoas foram curadas fisicamente; outras, emocionalmente; mas todas impactadas pela presença de Jesus. Tão irresistível era aquela atmosfera, que até uma funcionária da faculdade decidiu participar da reunião.

Faltando poucos minutos para que tivessem de encerrar o encontro, César subiu ao palco para fazer a oração final e, antes de dizer qualquer palavra, percebeu um detalhe na pessoa que tocava violão: havia uma pena branca em seu ombro. Ele a tomou em sua mão, deslumbrado com aquele sinal tangível do mover sobrenatural, e a mostrou a todos os presentes. A manifestação divina foi claramente abundante, contando até mesmo com presenças angelicais. A pena provava isso, pois as janelas e portas estiveram fechadas, e ninguém entrou ou saiu da sala naquela última uma hora.

César se mostrou, cada vez mais, temente a Deus, apaixonado e zeloso pela Palavra. Portanto, direcionado pelo Senhor,

eu o convidei a coordenar o Pockets; não apenas liderar a reunião de sua universidade, mas gerenciar a organização geral de todos os encontros que aconteceriam nos diversos *campi*. Para a minha surpresa e alegria, sua resposta foi um entusiasmado “sim”. Sua disposição e obediência geraram frutos absurdos e, em um ano e meio, ele amplificou o projeto de tal forma que, o que havia começado com a primeira reunião dos Universitários Dunamis, multiplicou-se em trinta e cinco novos grupos em outras universidades espalhadas ao redor de todo o Brasil.

Diante dessa expansão, anunciamos nas redes sociais a busca por novos líderes para as reuniões dos Pockets em outros *campi* e, de modo impressionante, a nossa caixa de mensagens lotou com relatos de jovens universitários que desejavam participar dessa expansão. O crescimento ultrapassou o que imaginávamos, de modo que passamos a alcançar não apenas os centros acadêmicos, como também escolas e escritórios corporativos.

Contudo, por mais incrível que fosse a quantidade de pessoas interessadas em integrar os Pockets, o Espírito Santo nos lembra constantemente de que o nosso foco deveria ser qualidade, e não apenas a quantidade. Por esse motivo, nós analisávamos cada perfil atenciosamente e, durante todo o processo, clamávamos por discernimento para saber quem o Senhor desejava selecionar para liderar naquela fase.

Os novos líderes precisavam atender aos seguintes requisitos: serem radicalmente apaixonados por Jesus; crerem no mover sobrenatural do Espírito Santo; congregarem em uma igreja local, servindo e sendo acompanhados por um líder; terem corações ensináveis e bom testemunho como universitários e profissionais. Caso contrário, não estariam aptos para suportar os desafios que a liderança de um Pocket traria,

e não poderiam ser bons mordomos da influência que Deus lhes confiaria.

Em muitos casos, tivemos de encorajar alguns interessados a dedicarem os próximos meses de suas vidas a estreitarem seus relacionamentos com Jesus, e a buscarem um discipulado um pouco mais próximo com os pastores de suas igrejas locais. Só então, depois de um tempo de amadurecimento, passariam pela seleção novamente.

Creio firmemente que, como filhos de Deus, todos nós temos responsabilidade na Terra (cf. Gênesis 1.26-28) e, por isso, precisamos ser bons mordomos. Acontece que, se não estivermos com o nosso corpo, alma e espírito preparados, acabaremos sofrendo as consequências da falta de maturidade. Por isso, entendo que intimidade com Deus e discipulado são centrais para assumirmos qualquer posição de grande responsabilidade, uma vez que tanto um quanto o outro são fundamentais para um crescimento espiritual saudável e para a “manutenção” da nossa fé. Esses são requisitos que prezamos dentro do Dunamis até hoje.

ROMPENDO FRONTEIRAS

Como efeito de tudo o que o Senhor estava fazendo nos Pockets, nós já recebíamos muitas pessoas de diferentes lugares do mundo que queriam conhecer o Dunamis de perto. A essa altura, o Pockets já havia saído do Brasil, quando um estudante da Unicamp recebeu uma bolsa para fazer mestrado em Torino, na Itália, e quis iniciar as missões universitárias por lá. Esse foi um dos motivos que nos fez perceber a necessidade de pensar de maneira mais ampla e multicultural, e não atuar apenas em nossa nação.

Decidimos romper as fronteiras, e o primeiro lugar ao qual enviamos um grupo estruturado foi o Paraguai, pois o ingresso nas universidades era fácil e muitos brasileiros que estudavam lá já nos conheciam.

Diante da fidelidade do Senhor, aos poucos, começamos a entrar nas principais universidades do Brasil e a alcançar outros continentes também. No primeiro semestre de 2014, o Reino de Deus se espalhava pelos *campi* brasileiros através de mais de cem Dunamis Pockets, e a outras nações, levando-nos, além do Paraguai, aos Estados Unidos, à Bolívia, Argentina e Portugal.

Eu me recordo de que, certa vez, uma equipe do Pockets fez uma viagem missionária para Buenos Aires, em setembro de 2016 — quando foi possível visualizar, talvez pela primeira vez, a proporção do impacto da visão Dunamis. Em um dos locais onde ministraram, um jovem, que fora baleado no pescoço, aproximou-se. Ele conseguia andar, mas, por causa do incidente, estava com a clavícula do lado direito quebrada, então não podia levantar o braço. Além disso, passou a usar um colar cervical para sustentar o pescoço.

No instante em que um dos integrantes da equipe, Daniel Simão⁴, começou a orar por ele, todos os que estavam perto escutaram um estalo em seu ombro. Instantaneamente, aquele jovem foi curado da clavícula quebrada. Foi surpreendente! Os integrantes dos Pockets que estavam presentes continuaram a orar, impondo as mãos no lugar da lesão, para que os músculos de seu pescoço se fortalecessem, crendo que Jesus operaria a cura por completo. Naquele dia, ele voltou em perfeito estado para casa, e todo o grupo viveu um romper impressionante do Espírito, percebendo o peso da glória de Deus sendo manifestada entre eles.



**Instantaneamente,
aquele jovem
foi curado
da clavícula
quebrada.**



Em nossos encontros, pela graça divina, vimos inúmeros estudantes descobrirem que suas futuras carreiras eram tão importantes para o avanço do Reino de Deus na sociedade quanto um pastor ou um missionário que pregava pelas nações; que manifestar o Reino através de um estilo de vida sobrenatural dentro da Bolsa de Valores, por exemplo, era tão espiritual e importante quanto pregar o Evangelho para povos que nunca tinham ouvido falar do nome de Jesus.

Muitos universitários deixaram de acreditar na falácia de que, para seguir a Deus de todo o coração, era necessário que abandonassem suas faculdades e carreiras. Por meio dos Pockets, eles foram incentivados a terminar os seus cursos e entender qual era o propósito específico do Senhor para suas vidas.

Ainda hoje, os Pockets são como embaixadas do Céu dentro das universidades, e tudo o que exercemos e vivemos é com o objetivo de compartilhar a eternidade que habita dentro de nós; é ela que faz com que não sejamos conformados apenas com a salvação que um dia recebemos. Pelo contrário, a salvação, sendo a porta de entrada do Reino, é o que nos possibilita promover encontros com o Único que é digno e capaz de restaurar indivíduos, sistemas e nações.

Olhando para trás, seria uma farsa afirmar que foi fácil dar o primeiro passo para o *start* do Dunamis, principalmente porque eu mesmo não sabia muito bem como começaria a fazer o que Deus estava me ordenando. Mas, independentemente dos receios ou incertezas, confiei cem por cento nas palavras que o Senhor havia me dado ao longo de todo o tempo em que semeou

o Dunamis em meu coração, e decidi ser fiel à visão que tinha me sido entregue.

Há mais de uma década, permanecemos fiéis a essa visão, testemunhando curas, maravilhas e salvações exatamente onde o Senhor nos plantou — sempre seguindo a direção do Espírito e agindo conforme a Sua vontade, não importa o quão desafiador seja.

REFORMANDO AS ESTRUTURAS

No ano de 2020, o Senhor nos orientou a uma desafiadora reforma de nossa estrutura organizacional para que pudéssemos executar as nossas ações de maneira ainda mais excelente. Nós já atuávamos em diversos países, mas entendemos que traduzir o que falávamos para outros idiomas não era o suficiente para alcançar as nações. A partir disso, fomos direcionados a nos dividirmos em grupos com pessoas específicas, que pensassem conforme cada um destes lugares: América Latina, Europa e Estados Unidos.

Nós nos submetemos ao desafio e, assim, o Pockets se tornou o escritório mais multinacional dentro do Dunamis, com pessoas de diferentes lugares do Brasil e do mundo trabalhandoativamente para a expansão do Reino de Deus nas universidades. Hoje, pela graça de Deus, somos o movimento de missões universitárias mais influente do mundo e estamos em diversas nações — Estados Unidos, Equador, México, Paraguai, Peru, Argentina, Chile, Portugal, Rússia —, com mais de trezentos Pockets. O nosso alcance mensal tem uma média de 9.250 pessoas.

Existem grupos com quatrocentos membros, outros com dez, temos universitários que se reúnem em grandes auditórios

e os que se encontram em praças de alimentação e salas de aula. Alguns grupos são apoiados pelo corpo docente, enquanto outros são perseguidos dentro dos seus centros acadêmicos. Contudo, uma coisa é certa: independentemente do contexto, todos os Pockets pregam a Bíblia, adoram a Deus, servem ao próximo e demonstram, de maneira palpável, o poder do Espírito Santo.

Mais do que nunca, entendemos a necessidade de nossa posição nas universidades. Sabemos que participar de um Pocket faz muita diferença. Conhecemos e ouvimos inúmeros testemunhos incríveis de pessoas que tiveram suas vidas radicalmente impactadas por Deus em um de nossos grupos de diversas maneiras. Alguns receberam provisões financeiras em questões específicas, obtendo bolsas de estudos e oportunidades de emprego; outros foram curados física ou emocionalmente; outros, ainda, tiveram revelações da parte do Senhor acerca de seu chamado e, assim, alinharam-se à Sua soberana vontade. Conforme a porção reservada a cada um, o Senhor tem feito abundantes maravilhas em nosso meio, para a honra e glória do Seu santo nome.

OS CAMPI ESTÃO EM CHAMAS

Creamos em um Evangelho dinâmico e poderoso, e, por ele, nós nos movemos (cf. Atos 17.28). Acreditamos em seu caráter transformador e na promessa de que as nações serão alcançadas pelo amor incomparável de Cristo (cf. Romanos 14.11). Baseados nisso, em 2022, sob a liderança de Mateus Alexandre, com o objetivo de pregarmos essa mensagem em todas as regiões do Brasil e em onze países diferentes, dividimos o time dos Pockets em grupos — cada um correspondia a um país —, e nos

engajamos em oração, jejum e envio em prol do que chamamos de Revival Tour.

Era um sonho ousado, mas estávamos certos de que o Senhor proveria tudo o que fosse necessário, e não foi diferente: vivemos inúmeros romperes sobrenaturais desde o primeiro momento das mobilizações para a arrecadação dos recursos financeiros. Lembro-me de que, durante o Immersion⁵, nós levantamos mais de um milhão de reais — aproximadamente cento e noventa mil dólares na época —, apenas para essas viagens missionárias. Foi impressionante! E milagres como esses aconteceram até o dia anterior ao embarque dos grupos.

Enviamos grupos de jovens universitários cheios do Espírito Santo para onze países diferentes. Um deles foi os Estados Unidos, onde um grupo entrou na universidade de Harvard — uma das mais importantes do mundo e originalmente cristã, impulsionada pelo pastor John Harvard, o primeiro grande benfeitor da instituição. Em ambientes acadêmicos como esses, encontramos muita resistência a tudo o que envolva espiritualidade de modo geral. Mesmo assim, o Espírito Santo nos trouxe estratégias e nos entregou as palavras certas para pessoas específicas, e testemunhamos o amor de Deus tocar corações naquele campus.

Nós também enviamos times para a Europa, sabendo que o contexto do continente é, de fato, muito diferente dos outros locais, já que o número de ateus e agnósticos é crescente entre os europeus, especialmente os da Europa Ocidental.⁶ Contudo, a nossa missão é justamente alcançar universitários de todas as nações com o fogo de Deus, que está acima de qualquer frieza espiritual, e foi isso o que experimentamos em absolutamente todos os lugares para onde fomos.

Certo grupo que estava indo para Portugal viveu algo extraordinário antes mesmo de chegar ao seu destino. Enquanto faziam conexão na Alemanha, dois integrantes foram parados na imigração. A equipe passou doze horas preocupada sem saber onde estavam os dois ou o que acontecia. Isso sem contar o fato de que não entendiam o idioma local, ou seja, não conseguiam se comunicar com facilidade para tentar encontrá-los.

Eles começaram a orar e, enquanto isso, a dupla que tinha sido parada na imigração entendeu que existia um propósito para aquilo tudo, principalmente por terem ficado por tanto tempo “detidos”. Eles responderam a todas as perguntas que os policiais fizeram, entregaram tudo o que pediram e, mesmo assim, não foram liberados.

Os dois meninos já estavam esperando por muito tempo, quando perceberam a presença de uma mulher que parecia brasileira na sala. Eles pediram que ela os ajudasse com aquela situação complexa, já que não falavam alemão, e a moça, que era, de fato, brasileira, começou a traduzir para eles; até que o Espírito Santo lhes revelou que a razão de tudo aquilo era porque Ele tinha uma palavra para a tradutora.

Sabendo que precisavam ser ligeiros, eles esperaram por um momento-chave para entregar a palavra a ela. Começaram a conversar com a mulher, e o Espírito Santo lhes disse que ela já conhecia o Senhor, mas estava afastada naquele momento. Tudo aconteceu de forma sobrenaturalmente rápida, assim que terminaram de entregar a palavra, foram imediatamente libertados para seguir viagem. Era difícil acreditar na veracidade dos acontecimentos; parecia um sonho absurdamente inexplicável.

Outro episódio fantástico aconteceu com o time que estava em Genebra, na Suíça. Eles perceberam que a maioria dos

universitários não acreditava em Deus e também não se sentia confortável em falar sobre religião nenhuma; muito menos receber oração. Quando palavras como “igreja” ou “Jesus” eram mencionadas, a reação das pessoas era sempre algo como: “Cara, esse lugar não é apropriado para você falar sobre isso”. Porém, o Senhor quebrou todas as barreiras de forma extraordinária naquela nação.

Em um ponto de ônibus da cidade, algumas pessoas do grupo perceberam um jovem de muletas, esperando o transporte com a sua namorada. Eles falaram que gostariam de orar pelo pé do garoto e ele respondeu que até poderiam, mas o problema era que o ônibus já estava chegando. Um dos integrantes disse que só precisava de cinco segundos e, então, orou: “Jesus, cure ele agora, por favor. Amém”. Logo em seguida, o jovem verificou se o seu pé havia melhorado, soltou a muleta e simplesmente começou a andar.

Ele ficou em choque, sem entender nada do que estava acontecendo. A sua namorada, que era agnóstica — ou seja, não acreditava em Deus, mas em “energias” —, também ficou impressionada. Enquanto ainda tentavam processar a situação, um outro integrante da nossa equipe entregou uma palavra de conhecimento para os dois e eles sentiram ainda mais o amor do Senhor. No fim, ambos entregaram suas vidas para Jesus.

Esses são só alguns dos testemunhos que vivemos ao longo desses anos, e é nesta reforma na qual acredito: jovens profundamente impactados pelo poder explosivo do Espírito Santo que abalam o mundo por meio de uma obediência radical a Ele.

Com a implantação dos Pockets acontecendo em diversas nações, levando o movimento a novas proporções, e com um número cada vez maior de pessoas chegando para fazer parte

disso conosco, entendemos que deveríamos treiná-las e capacitá-las com mais intencionalidade e excelência. Por isso, passamos a investir na realização de退iros e treinamentos, que inicialmente se dariam em espaços alugados. Contudo, não sentíamos que esse era o cenário ideal, necessitávamos do nosso próprio local e, então, começamos a profetizar e cultivar esse sonho em oração. Pela graça de Deus, fomos respondidos alguns anos mais tarde.

Viver para contribuir com a expansão do Reino e alcançar proporções tão massivas dentro do nosso campo missionário é realmente muito gratificante. Desde o início, a nossa história foi sobre passos de fé e obediência. Assim chegamos até aqui, e assim seguiremos em direção ao futuro, dizendo “sim” e “amém” para o Senhor (cf. 2 Coríntios 1.20).

O Senhor
quebrou todas
as barreiras
de forma
extraordinária
naquela nação.



Capítulo 7

RISCO E FÉ: DUNAMIS FARM

Risco e fé:
Dunamis Farm

Risco e fé: Dunamis Farm

Ao longo da minha história, pude perceber que os milagres de Deus frequentemente acontecem quando não temos outra saída senão confiar que Ele fará conforme prometeu. A essa altura, você já deve ter notado que, sempre que nos dispomos a cumprir a vontade perfeita do Pai para as nossas vidas, temos de depender unicamente d'Ele. Cabe a nós clamar — como instruídos em Filipenses 4.6 — e fazer o que está ao nosso alcance, ao mesmo tempo em que nos mantemos em paz, por compreender que Ele é fiel à Sua palavra e jamais falhará. Provavelmente, não saberemos como Suas promessas se cumprirão, porém, dando passos de fé em obediência, e abrindo espaço para que o Senhor faça aquilo que só Ele é capaz de realizar, é certo que seremos testemunhas de uma história sobrenatural. Foi justamente isso o que ocorreu conosco.

Na Conferência Dunamis de 2012, tínhamos Bob Hazlett¹ como um dos preletores convidados. Ele é um grande profeta, a respeito do qual Randy Clark, um de meus mentores, afirmou em certa ocasião: “Você precisa trazer este homem ao Brasil”. Fiz conforme sua indicação e, aqui, Bob profetizou sobre minha vida, entregando-me palavras vindas diretamente do coração de Deus. Além de confirmar o chamado do Senhor para mim, acerca de missões universitárias, declarou algo inesperadamente instigante.

Cheio do Espírito Santo, afirmou: “Deus deu ao Dunamis autoridade para entrar nas universidades, mas chegará o tempo em que Ele dará ao Dunamis a sua própria universidade”. Lembro-me de que meu semblante mudou na mesma hora. A surpresa foi completa. Ele revelou que via diversos *campi* ao redor do mundo: no Brasil, Ásia, Estados Unidos e Europa. Essa universidade viveria repleta da presença do Espírito Santo, e teria, como um de seus pilares, a excelência. Isso não a tornaria uma faculdade exclusivamente teológica, mas, com o DNA do Reino, formaria engenheiros, médicos, professores, arquitetos e inúmeros outros profissionais bíblicamente embasados e revestidos do poder do Alto.

Empolgado e com muita fé, guardei todas aquelas palavras sobre a Dunamis University, mas, no fundo, acreditava que elas começariam a se concretizar somente quando eu estivesse beirando os oitenta anos de idade. O que eu não sabia era que, a partir dali, Deus iniciaria um processo de aceleração.

UM NOVO AMIGO E A IDA AO HAVAÍ

Naquele mesmo ano, Dave Gibbons² — um pastor coreano-americano, a quem tenho como amigo e conselheiro — convidou-me para assistir ao Super Bowl³ na casa de alguns amigos dele, um costume bem típico dos americanos. Ao chegarmos lá, Dave me apresentou ao Andy Byrd, fundador do movimento Fire & Fragance, um braço da JOCUM. Durante nossa conversa, soube que Andy era um dos líderes da Universidade das Nações em Kona — onde eu havia estudado anos antes. Foi incrível como nos conectamos de imediato. Na realidade, era bizarro não termos nos conhecido antes, sendo que tínhamos tanto em

comum. Sentia como se fôssemos amigos de longa data, mesmo tendo acabado de conhecê-lo. Andy e eu conversamos por horas naquele dia e, com o tempo, tornamo-nos de fato grandes amigos.

Em meados de junho de 2013, Junia e eu fomos visitá-lo no Havaí. Ao chegarmos à base da Jocum, em Kona, comecei a me recordar de quando eu, com vinte anos de idade, lavava as janelas da casa de Loren Cunningham⁴, cofundador e coordenador geral da JOCUM, o maior movimento de missionários em atividade hoje — além de um dos grandes nomes na história do cristianismo no que se refere a evangelismo. De vez em quando, depois que eu e outros jovens terminávamos o trabalho, ele nos trazia cookies e limonada, e rapidamente compartilhava algumas reflexões conosco, no terraço de sua casa.

Voltar àquele ambiente em 2013 foi muito especial. Esse período que eu e Junia passamos no Havaí nos proporcionou muitas oportunidades de nos reunirmos com os líderes daquele movimento, o que instigou uma imensa fé em nós.

À PROCURA DE UMA FAZENDA

Depois de um desses encontros, Junia e eu decidimos aproveitar o curto intervalo que tínhamos, entre duas reuniões, para dar um passeio de *scooter* à beira da praia e desfrutar de nosso tempo em Kona. O contraste do azul cristalino do Pacífico junto às rochas vulcânicas enegrecidas e o verde vívido dos arbustos tornavam o cenário um verdadeiro privilégio aos espectadores.

Enquanto contemplávamos aquela paisagem paradisíaca, o barulho estrondoso do motor impossibilitava qualquer



Ouvir aquela promessa divina me deixou em completo estado de choque.

diálogo, o que me fez aproveitar a ocasião para orar em línguas. Ao pararmos diante do sinal vermelho do semáforo, lembro-me perfeitamente de ter escutado, de forma quase audível, o Senhor falar comigo. Ele me disse: “*I'll give you a farm, and it will be called Dunamis Farm, the home of Dunamis University*” (“Vou

dar a você uma fazenda e ela se chamará Dunamis Farm, o lar da Universidade Dunamis”).

Na mesma hora, um arrepiô percorreu toda a minha espinha. Ouvir aquela promessa divina me deixou em completo estado de choque. Comecei a tremer, dei meia volta e retornei ao lugar onde estávamos hospedados para, em um ambiente mais silencioso, conseguir compartilhar com a Junia as palavras do Senhor. Escutando aquilo, ela ficou tão entusiasmada quanto eu e, a partir daquele momento, firmamos o compromisso de orar por aquela promessa, crendo que o Senhor, em Sua fidelidade, terminaria o que havia começado (cf. Filipenses 1.6).

Depois de alguns dias, voamos para a Califórnia. Estávamos de mudança ao Brasil, após morarmos por onze meses fora, nos Estados Unidos, tempo em que Junia realizava um curso de formação acadêmica e eu passava por um período sabático, antes de assumirmos a liderança sênior da Zion Church. Em nossa última semana por lá, passei pela cafeteria da Bethel Church para pegar um café, quando, de repente, enquanto aguardava na fila, um senhor tocou em meu ombro e me perguntou: “Você é o Téo Hayashi do Brasil?”. Surpreendido por sua abordagem, sorri e respondi positivamente.

Ao se apresentar, ele disse que se chamava Michael Brodeur e que era parte da equipe pastoral daquela igreja. Explicou que tinha ido a uma conferência em Nova York, na qual eu havia ministrado a Palavra, e que se recordava de mim. Conversamos brevemente e, antes de nos despedirmos, trocamos nossos contatos. Nas poucas palavras que compartilhamos, não mencionei nada relacionado à fazenda, universidade ou algo parecido. Tudo o que ele sabia era que eu retornaria ao Brasil e assumiria a liderança de uma igreja.

Curiosamente, mas não por acaso, duas semanas depois que retornamos ao Brasil, recebi um e-mail dele. A mensagem dizia: “Sei que não nos conhecemos tão bem, mas estou simplesmente seguindo a direção do Espírito Santo. Envio este e-mail em obediência a Deus. Estava dirigindo na estrada, perto de São Francisco, quando me aproximei de um caminhão e ouvi a voz do Espírito Santo me dizendo para que eu desacelerasse e deixasse um caminhão branco chegar mais perto do meu carro. Senti que deveria tirar uma foto e enviá-la para você”. A foto em questão, anexada ao e-mail, mostrava a lateral do caminhão na qual se via o slogan de uma fazenda: “Y. Hayashi and sons — *Our farm to you*”; que quer dizer: “Y. Hayashi e filhos — nossa fazenda para você”.

Michael mal me conhecia e por isso não poderia imaginar o significado daquilo para mim, mas sua obediência ao Espírito Santo o levou a enviar aquele e-mail, que causou um alvoroço em meu coração. Eu estava em meu escritório, na Zion Church Morumbi, em São Paulo, e, ao olhar para aquela imagem, não pude me conter e comecei a gritar ali mesmo. Naquele instante, eu soube: já tínhamos ganhado uma fazenda.

Eu gritava tão alto no escritório, que todos em volta foram à minha sala para checar o que acontecera. Uma dessas pessoas

**Naquele
instante, eu
soube: já
tínhamos
ganhado uma
fazenda.**

foi o Gustavo Hayashi, a quem chamávamos de Gus, o responsável pelo setor financeiro do Dunamis na época. Espanhado, ele perguntou se eu estava bem, ao que lhe respondi com toda a segurança: “A gente ganhou uma fazenda!”. Nós dois começamos a gritar e celebrar a conquista, exaltando o nome do Senhor. Então, Gus parou, enxugou as suas lágrimas e perguntou onde ela se localizava. Disse-lhe que não sabia. Sem entender, Gus me olhou parecendo preocupado e até assustado, como se eu estivesse louco ou fora de mim.

Podia até soar como um delírio, mas, ao receber aquele e-mail, eu tive certeza de que aquilo era uma confirmação concreta de Deus acerca do que Ele havia dito por meio de Bob Hazlett e no tempo em que estive com Junia no Havaí. No espírito, a fazenda já era nossa. A foto enviada por Michael me trouxe uma convicção absoluta e inabalável de que era apenas uma questão de tempo até termos o endereço e a documentação da nossa fazenda. Por isso, olhei para o Gus e propus: “Vamos orar e Deus nos mostrará o local”.

Por mais insano que parecesse, a realidade é que eu estava bastante sóbrio. Afinal, a própria Palavra nos instrui que as coisas espirituais são espiritualmente discernidas (cf. 1 Coríntios 2.10-14) e eu estava convencido de que havia sido o Espírito Santo quem tinha nos revelado os planos do Pai acerca da fazenda e da futura Universidade Dunamis. Além do mais, aprendi desde cedo, com minha mãe, que antes de ver algo se concretizar no mundo físico, é necessário captá-lo no espírito e gerá-lo em oração.

A FAZENDA

Desde o dia em que fui agraciado com a palavra que Deus havia colocado em meu coração, em julho de 2013, orei pela fazenda sem ter qualquer noção do local onde ela se encontrava, e gerei no espírito a concretização dessa promessa. Apenas nutria a completa convicção de que o Senhor cumpriria o que havia prometido (cf. Números 23.19), enquanto regava cada palavra em oração.

No mesmo período, pensando acerca de onde estaria essa propriedade, o Espírito Santo passou a falar comigo sobre a minha herança espiritual e, sem entender, eu me questionava o porquê disso. Envolto nessa questão, também indagava o motivo de o meu avô não ter deixado uma herança terrena para sua família. Afinal, ele viera de uma linhagem muito rica e, ainda que tivesse sido deserdado, eu acreditava que deveria ter lutado pelo que era seu por direito. Sempre imaginei como esses bens poderiam ser usados para a expansão do Reino.

No início do ano de 2014, pela primeira vez, tive um norte em relação ao local onde a propriedade poderia ficar. Enquanto orava, senti, em meu espírito, que ela se achava em Registro, no Vale do Ribeira, em São Paulo. Nunca tinha ido àquele lugar, apenas passado por lá quando viajava para Curitiba. Tratava-se de uma região totalmente desconhecida para mim. Comecei a pesquisar a respeito do município e descobri que era um polo de imigração japonesa.

Ao longo das buscas, eu me lembrava de todos os questionamentos a respeito da herança do meu avô, no momento em que ouvi a voz de Deus me dizendo: “A sua herança espiritual está em Registro, no interior de São Paulo”. Esperava uma

herança terrena, porém recebi a promessa de algo muito superior. Guardei essas palavras, e resolvi, então, ligar para uma imobiliária e verificar se existia alguma terra à venda por lá.

Em uma manhã comum de segunda-feira, em abril de 2014, acordei com um incômodo em meu coração e senti o Senhor me dizendo: “Vá e pegue a sua fazenda”. Havia se passado um ano desde que ouvira, naquela moto, a voz de Deus me prometendo uma fazenda, e eu não tomara nenhuma atitude além de ligar para a imobiliária. Então, decidi entrar em contato com eles outra vez para agendar uma visita ao Vale do Ribeira e, na quinta-feira daquela mesma semana, meu primo Gus, meu tio Mauro e eu fomos até Registro para avaliar algumas propriedades.

Como queria ser fiel ao que Deus havia dito, pesquisei qual era o tamanho necessário para que uma terra fosse considerada, de fato, uma fazenda. Foi então que descobri que, no estado de São Paulo, um terreno só é considerado fazenda se tiver no mínimo vinte cinco alqueires⁵. A partir dessa informação, liguei para o corretor e pedi para visitar todas as propriedades com a extensão mínima de uma fazenda.

Como cresci na cidade de São Paulo, não entendia nada sobre fazendas, por isso minha estratégia para descobrir se encontrara o local certo era simples: eu entraria, oraria em línguas enquanto caminhava pelo território e checaria se havia paz ou não em meu coração (cf. Colossenses 3.15). Assim fiz em cinco propriedades diferentes de Registro, uma após a outra. Eu sinalizava para o Gus e ele conduzia o corretor imobiliário a outras extensões do terreno, afastadas de mim, permitindo-me passar cerca de dez minutos em oração e, caso eu não tivesse paz, deixávamos o lugar.

Mas algo curioso foi que, antes mesmo de começarmos essa busca, mais precisamente, três meses antes da visita a Registro, ministrei em uma igreja na cidade de Blumenau. Enquanto andava por lá, reparei nas construções com uma arquitetura suíço-alemã, e tive a ideia de construir casas naquele mesmo estilo, de madeira e tijolos, na futura fazenda que teríamos.

Na estrada, após cinco visitas e com um corretor imobiliário frustrado ao nosso lado, eu continuava orando e sempre tinha a mesma visão, lembrando-me das casas de Blumenau, feitas com tijolos alaranjados. O corretor já estava nervoso, pois, além de não sabermos exatamente o que queríamos, permanecíamos somente por cerca de dez minutos nas fazendas e íamos embora. Não inquiríamos sobre as terras ou possibilidades de plantio ou construção; apenas deixávamos o local todas as vezes em que o Senhor não confirmava em meu espírito que aquele era o lugar prometido. Já era tarde, mas o corretor — chamado Coelho — perguntou-nos se poderíamos passar em uma fazenda próxima, na qual um amigo dele era gerente. Explicou que não o via há muito tempo e que, por estar na região, gostaria de aproveitar a oportunidade para visitá-lo.

Àquela altura, já havíamos nos afastado bastante da imobiliária, por isso concordamos com a proposta e seguimos viagem. Entramos na fazenda e, enquanto caminhávamos, algo parecia familiar. Estávamos em Pariqueira-Açu, um município de Registro.

Assim que entramos na fazenda, avistei algumas casas no local. Imediatamente, fiquei sem fala. O estilo arquitetônico era exatamente o de Blumenau: casas suíço-alemãs feitas de tijolos e madeira. A euforia, naquele momento, tomou conta de mim, e aguçou a minha curiosidade. Pedi ao corretor: “Coelho,

conte-me mais sobre esse lugar". Sem hesitar, ele retrucou dizendo que aquelas terras eram "muita areia para o nosso caminhãozinho". Procurávamos uma propriedade com cerca de vinte a trinta alqueires. Aquela tinha duzentos e sessenta.

Seguimos a visita conhecendo o local, e depois de termos entrado na fazenda, eu me retirei e comecei a orar. Desde que havíamos chegado, o Espírito Santo testificava em meu espírito que aquela era a fazenda que Deus havia reservado para nós. Comecei a chorar, sem entender muito o porquê. Lembro-me de ter dito: "Deus, eu sou pastor, acabei de me casar e sou da cidade. O que vou fazer com uma fazenda desse tamanho?". No mesmo instante, o Espírito Santo falou comigo, dizendo que o Senhor reservava aquela propriedade para nós há vinte anos.

Mesmo impactado com toda aquela situação, eu me recompus e reencontrei o restante do grupo pouco depois. Abordei o corretor e lhe perguntei sobre o que havia acontecido naquele local. Coelho, então, narrou brevemente a história do dono do lugar: era um suíço que havia se casado com uma brasileira na década de 1960. Eles tinham outra fazenda, produtora de café, em Marília; porém, decidiram começar a produzir chá e assim foram para o outro lado do estado, adquiriram aquele imenso território e iniciaram um novo negócio. Tudo corria bem na empreitada até que, em 1991, foi declarada a vitória de Fernando Collor para a presidência da república, e o proprietário, tendo ciência do plano de Collor acerca das sanções econômicas no país, previu que aquilo não terminaria bem e decidiu vender a fazenda antes que seus negócios fossem à ruína.

Os compradores eram um grupo de empresários de São Paulo; eles mantiveram as operações ativas na fazenda por poucos anos, até cessarem as atividades por conta da crise

econômica que o plano Collor instalou no Brasil. Aquela tinha sido a segunda maior fazenda produtora de chá do país e, desde que fora desativada, em 1994, encontrava-se à venda, sem receber nenhuma oferta ou contar com um possível comprador; se fizéssemos a proposta, seríamos os primeiros. No instante em que Coelho mencionou “1994”, fiz os cálculos e percebi que se tratava de exatos vinte anos. Essa era a confirmação de que necessitava para adquirir aquela fazenda. Na mesma hora, senti uma mistura de medo, fé e empolgação em meu coração.

Isso se intensificou ainda mais quando, conversando com o corretor, soubemos que aquelas terras eram avaliadas em cerca de seis milhões e trezentos mil dólares e estavam sendo vendidas por quatro milhões, novecentos e cinquenta mil; ele, porém, nos sugeriu apresentar uma proposta de três milhões e cem mil dólares em dinheiro, à vista. Assim, provavelmente, os donos aceitariam, uma vez que tentavam vendê-las há vinte anos.

Na volta para São Paulo, não conseguíamos dizer uma palavra sequer. Tínhamos convicção de que aquele era o lugar, mas não sabíamos como deveríamos proceder a partir dali. De repente, o Gus quebrou o silêncio e compartilhou: “Ouvi de Deus uma coisa. Vou negociar essa fazenda pela metade do preço que o corretor nos sugeriu”. Eu não estava tão certo assim de que conseguiríamos comprar a propriedade por um milhão e quinhentos e setenta mil dólares, mas respondi: “Gus, se você tem essa fé, seja livre para iniciar a negociação”.

Na mesma hora, senti uma mistura de medo, fé e empolgação em meu coração.

Um mês se passou e ele me comunicou que havia negociado a fazenda diretamente com os donos, pelo exato valor que Deus havia dito. O acerto realizado previa o pagamento daquela quantia em dinheiro, no prazo de dois dias e, naquela noite, iríamos à casa dos proprietários para conhecê-los. Fiquei atônito diante das informações que acabara de receber e, embora estivesse extremamente feliz com o quanto havíamos avançado até aquele instante, era nítido e urgente que precisávamos de um milagre para quitar o pagamento.

À noite, o Gus, o Titus e eu fomos até a casa de um dos donos da fazenda e, lá, conhecemos os três sócios — sendo o Sr. Luís, o majoritário —, todos acompanhados de suas esposas, e respectivos advogados. Um dos donos se interessou a nosso respeito e queria entender o que pretendíamos fazer com aquele território. Na hora, senti o Espírito Santo me impulsionando a contar meu testemunho. Na realidade, já tinha elaborado todo o discurso para me mostrar como um homem de negócios, contudo, imediatamente, o Espírito Santo me confrontou dizendo: “Você não é apenas um homem de negócios, você é um homem

de Deus. Conte o seu testemunho”.

**“Você não é
apenas um homem
de negócios, você
é um homem de
Deus. Conte o seu
testemunho”.**

Fiz conforme Sua direção; comecei contando a respeito da vinda dos meus avós ao Brasil até o tempo em que estive nas Filipinas; falei dos meus dias na favela muçulmana na Índia e terminei tratando sobre a minha volta à nação brasileira, cujo objetivo era treinar jovens líderes para atuarem como missionários nas sete esferas da sociedade,

discipulando nações, anunciando e vivendo o Evangelho do Reino. Por fim, expressei meu sonho de construir uma universidade naquela fazenda, focada em capacitar profissionais excelentes que carregariam o DNA do Reino.

Quando terminei, vi um dos sócios da fazenda enxugar as lágrimas que escorregavam pelo canto de seus olhos. Em tom saudoso, ele contou sobre a sua trajetória, relatando que havia abraçado a carreira na área dos negócios pautado pelo desejo de seu pai, que sonhava que ele fosse engenheiro e fizesse bastante dinheiro. Ele mesmo gostaria de tornar-se um padre jesuítico, porém, em obediência ao pai, seguiu no ramo da engenharia e, desde então, carregava uma culpa, pois sentia que seu chamado específico era atuar no ministério. Àquela altura, com seus setenta e poucos anos de idade, questionava-se sobre o valor de todo o patrimônio que construíra até ali e qual, de fato, seria o legado que deixaria na Terra. Desejava que sua existência transcendesse os bens materiais.

Ainda consigo relembrar da cena exata ao vê-lo suspirar, olhar em meus olhos, e dizer que gostaria muito de vender suas terras a nós, pois acreditava na visão e na causa que eu compartilhara com eles. Afirmou que, de todas as suas propriedades, sentia que aquela fazenda era a única que tinha de ser usada para uma causa nobre. Nessa hora, sua esposa se levantou e, igualmente emocionada, expressou seu desejo de que comprássemos as terras. Disseram que bastava darmos um sinal de dez por cento do valor naquele momento, que já poderíamos considerá-las nossas.

Teríamos de entregar cento e cinquenta e sete mil dólares e, evidentemente, não tínhamos aquela quantia em nossa conta bancária, fato que nem por um segundo cruzava a mente

daqueles sócios. Num ímpeto de fé, afirmei que entregariamos o valor acertado. Contudo, como parte do montante viria de fora do país, precisaríamos de alguns dias para entregá-lo. Ficou acordado que eles nos dariam toda a documentação pendente e, assim, nós faríamos o pagamento. Pedi a nosso advogado, Thiaguinho, que solicitasse a maior quantidade possível de documentos, para que ganhássemos tempo de obter o dinheiro; porém a cada solicitação, eles diziam já ter os papéis prontos a serem entregues. No fim, eles tiveram de ir atrás de alguns documentos e nós ganhamos alguns dias para obter a quantia.

Saímos da reunião parte extasiados, parte preocupados. Afinal, aquele valor precisaria surgir o quanto antes. Passamos a orar e jejuar intensamente, até que, pouco tempo depois, de maneira surreal, descobrimos que na semana anterior, a Monte Sião havia recebido uma casa como oferta, vinda de uma família. A propriedade, não por acaso, valia exatamente cento e cinquenta e sete mil dólares. Sabendo que eu precisava daquela quantia para selar a negociação da fazenda, o conselho da igreja decidiu doá-la para investir no sonho da Dunamis Farm.

Impossível descrever minha sensação naquele momento. Deus abriu uma porta onde não havia sequer a mínima esperança natural de resolução. Fizemos o pagamento dos dez por cento de entrada da fazenda e celebramos intensamente naquele dia. Agora, considerando o valor total negociado, somado aos tributos, que aumentavam o valor das parcelas, faltava um milhão e quatrocentos e cinquenta mil dólares para quitarmos a propriedade.

Nesse meio tempo, liguei para o Dave Gibbons; ele já havia trabalhado na construção de igrejas enormes, então decidi pedir seu conselho a respeito desse processo. Ao ouvir todo o meu relato, ele me instruiu a listar as pessoas mais ricas que eu

conhecia, sendo o número um o mais provável de realizar uma doação e o décimo, o mais improvável; todas elas deveriam ser tementes a Deus. Aconselhou-me ainda a montar um plano de apresentação de negócio, para que as pessoas pudessem ter clareza a respeito de seu investimento. Assim que desligamos, segui sua orientação.

Feita a lista, telefonei para cada um dos nomes com extrema expectativa, conversei com eles, expliquei sobre o sonho da Dunamis Farm e o que pretendíamos fazer com ela. A maioria acreditava na visão e se interessava em ajudar, mas, em quase todos os casos, algo acontecia, impedindo que a doação fosse efetivada. Todos na equipe Dunamis permanecíamos orando, jejuando e confiando no Senhor, enquanto fazíamos tudo ao nosso alcance para angariar os recursos de que precisávamos.

Na época, senti que alguns intercessores tinham de ir conigo para a fazenda. Completando quatro carros, pegamos a estrada com o time inteiro rumo à propriedade. Com azeite, eles ungiram e oraram pelo lugar, ao mesmo tempo em que eu continuava acionando meus contatos em busca do dinheiro. Fizemos tudo o que podíamos, porém estávamos plenamente cientes de que necessitariamo de um outro milagre. Não passou muito tempo, os intercessores começaram a receber visões divinas sobre o brilhante futuro que teríamos ali e, cheios de fé, declaravam: “A fazenda é nossa!”. O Senhor continuava enviando sinais dos Céus e enchendo os corações de convicção a respeito do cumprimento de Sua promessa.

Depois de intercedermos, todos entramos nos carros para voltar a São Paulo. No caminho, paramos em um lugar para tomar café e, lá, a tia Antônia, que liderava a intercessão, contou-nos a visão que tivera na fazenda.

Eu estava realmente preocupado, afinal todos tinham muita fé, e a última coisa que eu queria era que se frustrassem caso as negociações não tivessem sucesso. Como todos os intercessores, tanto do Dunamis como da Zion, estavam intensamente envolvidos no processo de aquisição da fazenda, gerando isso no espírito, sentia que, se o milagre não acontecesse, a moral dos intercessores e da própria igreja cairia de tal modo que eu teria de “catar os cacos” até que nos recompuséssemos. Foi diante dessa situação que pedi mais um sinal ao Senhor.

Eu tomava café e escutava o que todos compartilhavam sobre o momento de intercessão na fazenda, quando abaixei a xícara e vi escrito dentro dela: “Porque para Deus nada é impossível” (Lucas 1.37 – ARC). Na mesma hora, compartilhei aquilo com a tia Antônia, que me disse que sua xícara carregava o primeiro versículo de Salmos 23: “O Senhor é o meu pastor; nada me faltará”. Então perguntei às outras pessoas se havia versículos em suas louças também, mas responderam que não. Compreendi que as palavras, somente nas duas xícaras, eram o sinal que eu havia pedido, e fiquei verdadeiramente maravilhado com o agir de Deus.

Restava um último possível investidor na lista, um amigo que atuava no mercado financeiro. Esperançoso, apresentei o projeto e fiz o *pitch* para ele, que, para a minha surpresa, sem hesitar, respondeu ao ver os nossos números: “Posso dar um conselho? Pule fora desse negócio. Sei que você não quer voltar atrás por conta do sinal que deu aos sócios, não é? Não tem problema, posso colocar os meus advogados para ajudá-lo com isso e você recuperará o dinheiro entregue. Mas pule fora, porque esse é um passo maior do que a sua perna”. Ao escutar aquelas palavras, retruquei confiantemente: “Eu não vou pular fora

disso". Ele, em contrapartida, replicou: "Tudo bem"; pausou por um momento, respirou fundo e continuou: "Passe os dados da sua conta, que eu vou depositar duzentos e vinte e cinco mil dólares agora". Glória a Deus!

A fazenda era composta por quatro matrículas; duas já estavam regularizadas e seriam passadas para o nosso nome. Por conta dos parcelamentos e tributações, o acordo foi efetuarmos o pagamento de cento e cinquenta e sete mil dólares de entrada somado a mais duas parcelas de setecentos e sessenta e cinco mil dólares. Portanto, com a doação de duzentos e vinte e cinco mil dólares, só necessitávamos de quinhentos e quarenta mil dólares para acertar a primeira parcela.

Nós tínhamos apenas dois dias para conseguir o restante do dinheiro, e eu me encontrava bem estressado. Todos da equipe estavam engajados em jejum e oração, buscando uma resposta no Senhor e, por mais que confiasse no sobrenatural, desejava saber o que eu tinha de fazer no natural.

Naquele mesmo dia, estava em meu escritório quando, de repente, avisaram-me que um pastor procurava por mim na porta do prédio da Zion Church. Não tínhamos marcado uma reunião, mas ele insistia em falar comigo. Diante de sua persistência, eu o recebi em minha sala. Ele se apresentou, explicando que, há alguns anos, eu havia profetizado na vida dele e as palavras se concretizaram. Gastara seis horas para ir, de carro, da sua casa até a zona sul de São Paulo, e, como estava na região por conta de uma consulta médica de seu pai, decidiu me procurar para agradecer.

Enquanto conversávamos, ele percebeu certa inquietação em mim e perguntou o motivo. Embora tenha relutado um pouco para respondê-lo, pensei: "Talvez Deus tenha enviado

esse pastor até aqui para que eu possa desabafar, já que não consigo fazer isso com minha equipe". Assim, expliquei sobre a compra da fazenda e, para a minha surpresa, ele disse que poderia me ajudar.

Além de pastorear uma igreja em uma cidade interiorana, aquele homem também administrava negócios e, simplesmente, agenciava o jogador de vôlei mais bem pago do mundo. O pastor me explicou que o atleta era cubano e casado com uma brasileira, que frequentava o grupo de jovens de sua igreja. Ele tentou contatar o jogador na hora, mas, sem obter sucesso, voltou com uma outra proposta: "Se você colocar a fazenda no nome da nossa empresa, eu depositarei esse dinheiro agora para você". No mesmo instante, o Espírito Santo me alertou a não aceitar e, mesmo sabendo que poderia perder aquela oportunidade de captar o dinheiro necessário para efetuar o pagamento da fazenda, recusei sua proposta.

Terminamos a conversa e ele foi embora chateado comigo. A verdade é que senti que havia uma avareza de sua parte e que sua atitude não estava fundamentada no lugar correto. Mesmo angustiado por dentro, antes de ele ir embora, eu lhe disse: "Não estou precisando do seu dinheiro; você é quem precisa pôr o seu dinheiro aqui para ser abençoado. Sei que este projeto não é algo meu, e, sim, um sonho de Deus, e Ele trará a provisão".

Ao chegar à minha casa, naquele dia, compartilhei tudo com a Junia. Oramos juntos em relação ao que acontecera e fomos dormir. No dia seguinte, véspera da data em que o prazo se encerraria, ela acordou dizendo que o Senhor havia lhe dado um sonho em que o Gus e eu entrávamos em uma sala, e um homem nos perguntava qual era a quantia de dinheiro de que precisávamos. Respondíamos, ele assinava um cheque

com o valor exato, e o entregava em nossas mãos. Meu coração ficou repleto de esperança ao ouvir aquelas palavras, então começamos a interceder para que acontecesse conforme o Senhor revelara à Junia.

Lembrei-me de que um dos primos do Gus morava em Curitiba e era dono de vários restaurantes. Pensei que aquele homem pudesse ser o mesmo do sonho da Junia; por isso, depois de ligarmos para ele, dirigimos até sua cidade para mostrar o nosso plano. Enquanto eu fazia a apresentação, via o Gus mexendo no celular e saindo para atender a ligações. Eu não sabia o motivo de ele não estar focado, mas descobriria minutos mais tarde.

Assim que finalizei, perguntamos ao seu primo se ele tinha interesse em investir, contudo ele nos disse que, embora se tratasse de um lindo projeto, não gostaria de participar naquele momento. Foi então que o Gus respondeu: “Tudo bem se não quiser doar o dinheiro. Não precisa, nós já recebemos tudo o que faltava”, e, virando-se para mim, continuou: “O jogador cubano concordou em nos dar o dinheiro de que precisamos”.

Durante a reunião com seu primo, o Gus recebeu a notícia de que, enquanto aquele pastor voltava para sua cidade no interior, ao longo das seis horas de estrada, o Espírito Santo lhe trouxera convicção de que ele estava errado em tentar pôr a fazenda em seu nome; entendeu que seu coração não se encontrava no lugar certo. Diante dessa revelação, ele se arrependeu imediatamente e logo ligou outra vez para o jogador cubano, Oreol Camejo, a fim de tentar envolvê-lo na compra da fazenda. Quando, por fim, o atleta atendeu sua ligação, o pastor lhe contou a respeito da Dunamis Farm.

Oreol Camejo não conhecia o Dunamis, porém explicou que, no início daquela semana, sua sogra, que era uma mulher de oração, recebeu uma outra intercessora em sua casa, enquanto ele e sua esposa também a visitavam. Quando a intercessora estava saindo de lá, após um tempo conversando com a sogra dele na cozinha, parou na sala, onde o casal se encontrava, e pediu para desligarem a televisão para que pudessem orar juntos. Conduzida pelo Espírito Santo, entregara-lhe a seguinte palavra: uma empreitada do Reino chegaria até ele e tratava-se de uma grande área verde de fazenda; se ele pusesse suas finanças naquele lugar e abençoasse essa iniciativa, ele e suas futuras gerações seriam abençoadas. Terminando de proferir essas palavras, ela saiu da casa.

Isso se deu em um domingo. Assim que a intercessora os deixou, Oreol olhou para sua esposa e disse: “Precisamos orar para que Deus nos traga essa empreitada do Reino!”. Na quarta-feira daquela semana, o pastor, no retorno de São Paulo à sua cidade, ligou para ele, convidando-o para uma reunião, a fim de tratar sobre o investimento na fazenda. Conforme o plano que eu havia compartilhado com ele, em sua visita à minha sala, o valor de que precisávamos era de setecentos e sessenta e cinco mil dólares.

O jogador concordou em conceder a quantia, porém disse que havia um problema: quinhentos e quarenta mil já estavam no país, só que os duzentos e vinte e cinco mil restantes estavam fora e demorariam para chegar ao Brasil. Entretanto, considerando a doação do outro investidor, somada a essa, já tínhamos

**Deus realizara
mais um milagre
na hora H.
Agradeci, chorei e
louvei o nome do
Senhor.**

exatamente o valor completo da primeira parcela, bem a tempo de ser entregue na segunda-feira seguinte. Pouco depois, entraram os duzentos e vinte e cinco mil do jogador, e algumas outras doações que completaram a segunda parcela para quitarmos o pagamento da fazenda.

Deus realizara mais um milagre na hora H. Agradeci, chorei e louvei o nome do Senhor. Nesse processo, entendi duas coisas. A primeira é que mais importante que testemunhar o milagre é aquilo que Ele forja dentro de nós desde o início da jornada até o seu desfecho. Durante os oito meses de negociação, fui instigado a um novo nível de fé e confiança no Pai Celestial. A segunda compreensão que o Senhor me trouxe foi que, se Ele não permitisse que a solução chegasse no último instante, provavelmente outra pessoa surgiria com a resolução, e eu poderia acabar acreditando que esta teria sido a fonte da nossa provisão, e não o próprio Deus.

Aquele, certamente, foi o momento em que eu mais me encontrei desesperado e totalmente dependente do Pai em toda a minha vida. Tive a minha fé provada e aprendi que estar nessa posição de extrema dependência forja o nosso caráter e suprime a arrogância dentro de nós, ensurdecendo toda falsa ideia de que somos autossuficientes. É exatamente quando chegamos nesse ponto que a fé amadurece dentro de nós. Carecemos dela se quisermos agradar o coração do Senhor (cf. Hebreus 11.6) e viver o sobrenatural na Terra. Isso, porque, quando estivermos no Céu, diante da manifestação total da Sua gloriosa presença, adorando-O sem absolutamente nenhuma limitação, a fé já não será mais necessária.

Esta é uma história de fé. Fé, obediência, confiança em Deus, e muitos, muitos milagres. A circunstância e o tamanho

do que precisamos enfrentar é irrelevante ao nos depararmos com a grandeza do nosso Deus, e depositarmos nossa confiança e expectativa n'Ele, pois, como a Palavra diz: “[...] as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam” (1 Coríntios 2.9 – ARC).

A HERANÇA

Além das provisões extraordinárias e do cuidado intenso do Senhor em todos os momentos da aquisição da fazenda, pouco depois Ele me lembrou de uma palavra específica acerca daquela situação, que mexeu muito comigo quando me dei conta de Sua soberania em trabalhar de forma tão personalizada e especial em nossa vida.

Foi em um almoço de família que o Senhor confirmou mais uma vez as palavras que tinha me entregado em 2014 sobre o local onde a fazenda seria estabelecida. Na ocasião, a minha tia mais velha, Sumiko, que sempre teve um grande carinho por mim, aproximou-se e começou a conversar sobre a aquisição da Dunamis Farm. Demonstrou querer saber mais sobre a propriedade e, enquanto eu a descrevia, ela perguntou se o espaço era perto do Chá Ribeira — o nome da única fazenda de chá que restava na região.

De cara, não assimilei muito bem a relação, mas ela começou a contar a história do local, dizendo que a fazenda havia sido fundada por um imigrante japonês, Okamoto San. Quando a família Okamoto se mudou para o Brasil, vieram no navio Maru — o mesmo que trouxera minha família até aqui —; saindo do Japão, a embarcação parou no Sri Lanka, e seguiu rumo ao porto de Santos. No Sri Lanka, Okamoto San pegou algumas

sementes de chá e as colocou dentro de um pão. Chegando ao Brasil, com essas sementes em mão, fez uma fusão entre o chá extraído delas e o chá preto que já existia aqui. Essa mistura gerou um resultado único, que fez com que o gosto da bebida fosse diferente de tudo o que já havia sido produzido antes. Um chá diferenciado foi a chave para o sucesso do Chá Ribeira.

Na década de 1940, a notícia logo se espalhou entre a comunidade nipônica de São Paulo, e chegou até o meu avô e a essa minha tia. Eles, então, foram ao encontro de Okamoto San e explicaram que o propósito da vinda deles à nação brasileira era anunciar sobre Jesus aos japoneses imigrantes. Contaram o plano de salvação para aquele homem, que foi tocado e entregou sua vida a Cristo. O produtor de chá convidou meu avô para implantar uma igreja em sua fazenda e, todo mês, este ia até lá com minha tia. Eles ensinavam a Palavra, faziam cultos e treinavam os líderes locais.

Enquanto minha tia contava toda a história, um filme passava em minha mente ao lembrar do que o Senhor havia me falado anos atrás acerca de legado, sete esferas, o testemunho dos meus antepassados e todas as promessas que Ele havia me feito. Finalizou seu relato, dizendo: “Existe uma semente que foi plantada naquele lugar pelo seu avô, uma herança que você não sabia que tinha”. Essa fazenda, Chá Ribeira, localiza-se ao lado da Dunamis Farm.

Vez após vez, o Senhor reafirmava que, de fato, aquele lugar fora separado por Ele para nós; Ele a guardou por vinte anos. O processo desse milagre marcou a minha vida, e a de todos que acompanharam tudo isso de perto, para sempre.

Honestamente, pensamos que a parte mais complexa da realização do sonho da Dunamis Farm seria a quitação do

território. Mas descobrimos, na verdade, que tinha sido a mais simples, afinal, ainda assim teríamos de construir, reformar e desenvolver a estrutura de que precisávamos. A adequação para que a fazenda se tornasse o que Deus havia planejado segue em andamento até hoje, e temos trabalhado incessantemente conforme a visão divina que nos foi dada: a de que aquela fazenda será um centro de treinamento para líderes que trarão os Céus para a Terra.

O alinhamento da nossa visão para essa direção teve início ativamente quando Loren Cunningham veio ao Brasil e quis conhecer a fazenda. Assim que pisou naquelas terras, começou a abençoar o lugar e perguntou qual era o tamanho total do território. Diante da minha resposta, ele afirmou: “É dez vezes o tamanho do nosso campus da Universidade das Nações em Kona”. Enquanto conversávamos, Loren me disse que, para chegarmos ao objetivo de nos tornarmos uma universidade, antes seria necessário implantar outras escolas ali.

Ele decidiu abrir uma exceção e permitir que tivéssemos treinamentos missionários e outras escolas de líderes na Dunamis Farm, com o currículo da JOCUM, mesmo não sendo uma de suas bases. Por também acreditar na visão que tínhamos estabelecido, Andy Byrd facilitou essa parceria Dunamis—JOCUM, intermediando os processos necessários para iniciarmos as aulas na fazenda.

O PRIMEIRO FIRE AND FRAGRANCE

Desde 2017, com o início dos treinamentos, o Dunamis já enviou mais de cinco mil jovens para nações do mundo. No início daquele ano, abrimos o CNPJ da Faculdade Dunamis e, logo

em seguida, no ano de 2018, realizamos o primeiro Fire & Frangrance na fazenda (Escola de Treinamento e Discipulado, o Discipleship Training School, DTS, da YWAM). André Tanaka foi quem liderou essa primeira turma, com a Izabella Bodini.

Após serem capacitados teoricamente durante três meses, os missionários decolam às nações para pregar o Evangelho do Reino, operando sinais e maravilhas, que é a parte prática do curso, e tem duração de três meses também. Essas escolas têm sido marcadas pelo agir sobrenatural de Deus, inclusive com incontáveis testemunhos da provisão miraculosa do Senhor.

O André me contou que, certa vez, precisavam levantar uma quantia altíssima para que todos os alunos realizassem essas viagens missionárias, e recorreram a Deus em intercessão. Um dia, enquanto ele orava, no banho, notou que uma moeda de dez centavos caiu perto dos seus pés. Levou um susto, pensando que talvez alguém a tivesse jogado pela janela, mas logo se deu conta de que não havia a menor possibilidade de isso ter acontecido, já que esta tinha uma tela protetora.

Na mesma hora, ele reconheceu que poderia ser o Senhor lhe enviando um sinal. Pediu que Deus confirmasse, e, em seguida, mais uma moeda caiu; agora, de cinco centavos. Abismado com aquilo, constatou que as duas moedas que tinha em mãos eram tudo de que precisava, pois Aquele que havia começado a obra, trazendo tantos romperes sobrenaturais, era o mesmo que iria concluir com perfeição (cf. Eclesiastes 7.8; Filipenses 1.6).

Sem muitas explicações lógicas, continuaram em oração e fazendo a parte deles e, pouco depois, receberam ofertas com os valores exatos das viagens missionárias. No fim, todos os alunos, sem exceção, foram para a parte prática de seus cursos.

O PRESENTE

Atualmente, há diversos cursos que ocorrem na Dunamis Farm, os quais seguem capacitando jovens a manifestarem o Reino de Deus nas nações por meio das sete esferas da sociedade, levando transformação e reforma. Essas atividades, além de colaborarem para o crescimento espiritual dos alunos, também começaram a amparar a comunidade local e auxiliar no seu desenvolvimento. A movimentação na cidade de Paríquera-Açu, por conta dos treinamentos, afetou o comércio local e atraiu os moradores a participarem dos cultos e terem encontros com Jesus. Além disso, os estudantes da Farm, muitas vezes, realizam evangelismos sobrenaturais pela cidade.

A fazenda tem gerado transformação econômica e social na região, impactando diretamente centenas de vidas. Infelizmente, o Vale do Ribeira apresenta o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado de São Paulo, cenário que temos em vista mudar radicalmente.

O FUTURO

Nosso sonho, segundo a palavra que recebemos de Deus, é fundar uma universidade na Dunamis Farm. Ansiamos ver jovens sendo instruídos e direcionados a partir dos planos do Senhor para suas vidas, e desejamos que a Dunamis University seja um canal para capacitar pessoas que impactarão todas as esferas da sociedade com o poder e agir do Espírito Santo. Nós temos fé de que veremos jovens espalhar os princípios do Reino Celestial nas Artes, na Ciência, no Governo e em cada lugar que Deus os colocar.

Sabemos que existe um espaço a ser apropriado pelos cristãos e estamos nos levantando para ocupá-lo. A responsabilidade de dar continuidade ao que Jesus começou é nossa. Em parceria com o Pai, mudaremos o mundo e, ainda que o sonho pareça grande demais, que ousemos acreditar em Suas palavras e promessas, porque Ele, sim, é quem fará tudo acontecer exatamente conforme prometeu.

Ainda que o sonho
pareça grande
demais, que
ousemos acreditar
em **Suas palavras e**
promessas.



Capítulo 8

ATIVANDO UMA GERAÇÃO

Ativando uma
geração

Ativando uma geração

Conforme estabelecido pelo conselho da Zion Church — antes mesmo de Junia e eu assumirmos o posto de líderes seniores —, a cada sete anos, sempre tiraríamos um ano sabático. Fizemos isso em 2021, passando todo aquele período na Universidade das Nações em Kona, no Havaí, com os nossos filhos.

Estar em ambientes que remetem ao passado, especialmente ali, onde a visão do Dunamis foi gerada em meu coração, com novas perspectivas e vivências que acumulei por anos, foi como voltar no tempo para contemplar a fidelidade de Deus. Ao sair daquela cidade pela primeira vez, havia um plano em minha mente, que começou a se concretizar com a fundação do Dunamis. Hoje, tenho o privilégio de liderá-lo e acompanhar sua solidificação.

A decisão de irmos para Kona durante o ano sabático foi motivada pelo meu desejo de passar tempo perto de Loren Cunningham novamente. Sempre aprendi ricamente ouvindo suas histórias, bem como as de seus amigos que atuam com ele no ministério; esse grupo é composto por generais do Corpo de Cristo. Eu me lembro de que, dessa vez, em uma de nossas conversas, Loren me contou sobre um amigo seu, o pastor sul-coreano Yonggi Cho, fundador da Igreja do Evangelho Pleno de Yoido, considerada por anos a maior igreja evangélica do

mundo. Ele afirmou que, por cinco ou seis décadas de amizade com Yonggi Cho, presenciou um avivamento na Coreia do Sul.

Todas as vezes em que foi à sua igreja, Loren pôde observar um grande crescimento numérico. Os cultos eram realizados, praticamente, vinte e quatro horas por dia, a fim de que todos os irmãos em Cristo que ali congregavam pudessesem participar, ao menos, uma vez por semana. Contudo, na última vez em que havia visitado a igreja sul-coreana, algo chamou a sua atenção: Loren percebeu que essa expansão não incluía a nova geração.

O fundador da JOCUM presenciou um povo entrar e sair de um avivamento em uma velocidade surpreendente. Preocupado, ele compartilhou comigo o seguinte dado: após o crescimento épico, que chegou a 30%¹ da quantidade populacional da nação em menos de cem anos, a geração cristã envelheceu, sem passar adiante o legado de fé de forma expressiva. Isso acarretou um declínio significativo no número de jovens cristãos na Coreia do Sul.

O objetivo de Loren ao fim de nossa conversa foi demonstrar e me alertar de que, se não engajarmos as gerações mais jovens a conhecer e viver a Palavra de Deus, sendo cheios do Espírito Santo, será inviável vivermos um avivamento sustentável.

Com isso, não enfatizo que um crescimento numérico de cristãos seja o fator mais crucial para vivermos o Reino de Deus na Terra. Mais do que quantidades estratosféricas de pessoas que afirmam crer no Senhor, é necessário que Seus filhos passem os princípios celestiais para a próxima geração e transmitam o legado de fé. Assim, as mudanças vividas no avivamento continuarão a acontecer, e a cultura do Reino continuará a ser estabelecida por todos os lugares, independentemente do contexto.

A NOSSA RESPONSABILIDADE

Infelizmente, percebo que em diversas nações ainda há pessoas crendo que levar outros à salvação é o suficiente para o cumprimento da Grande Comissão. Porém, na verdade, para que esta seja cumprida de forma efetiva, também é necessário discipular os novos convertidos e ensiná-los sobre a responsabilidade que temos de cooperar com a expansão do Reino de Deus na Terra. É assim que passaremos adiante um legado de fé e viveremos um avivamento que gera transformação genuína.

O apóstolo Paulo confronta firmemente essa ilusão — de que cumprir a Grande Comissão se resume a pessoas serem salvas — por meio de sua carta aos colossenses. Ele diz que, assim como recebemos a Cristo, devemos também andar em cordância com Seus preceitos (cf. Colossenses 2.6-7), ou seja, é necessário que permaneçamos arraigados em Jesus dia após dia. Melhor dizendo, o Senhor não nos convenceu de nossa natureza pecaminosa somente para assegurarmos uma vaga no Paraíso. Sua intenção era nos fazer representantes de Seu Reino no meio dos homens, manifestando o Seu caráter e Suas características de maneira recorrente e cotidiana.

Ser multigeracional é justamente uma dessas características do Senhor. Muitas vezes, quando as pessoas elogiam meu avô em relação ao seu ministério, ele respondia: “Muita calma nessa hora! Só veremos se o meu ministério é frutífero, de fato,



**É necessário
que os Seus
filhos passem
os princípios
celestiais para
a próxima
geração.**

na geração dos meus netos. Se eu verdadeiramente fizer um bom trabalho, eles servirão ao Senhor". Segundo ele, não apenas a geração seguinte, seus filhos, comprovariam uma boa frutificação, mas, sim, os filhos de seus filhos. Até porque, ele sempre nos ensinou a respeito de como Deus Se importa com gerações.

Ao longo de toda a Bíblia, encontramos muitas menções a Ele como o "Deus de Abraão, Isaque e Jacó" (cf.Êxodo 3.6). As Escrituras revelam que Abraão deixou um legado de fé, responsabilidade, obediência e conhecimento para Isaque, que atribuiu o legado para sua descendência, Jacó. Por meio desses homens, Deus Se revelou e alcançou o povo de Israel (cf.Êxodo 3.15). É possível perceber o impacto dessa herança no Evangelho de João, séculos depois, quando a mulher samaritana faz referência a Jacó ao questionar se Jesus era o Messias: "Por acaso o senhor é maior do que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como os seus filhos e o seu gado?" (João 4.12).

O poço nesse trecho de João 4.12 é uma perfeita simbologia do legado dessa família, que matou a sede de outras famílias e animais. Afinal, eles não receberam apenas uma visão para oferecer água do seu poço às pessoas à sua volta, mas foram chamados para ser bênção em toda a Terra (cf. Gênesis 12.2-3). Por obediência e fé, esse legado alcançou a sua descendência e outros que nada tinham a ver com sua família, e por meio de Jesus chega até nós (cf. Gálatas 3.13-14). Esses grandes homens de Deus nos ensinam acerca da necessidade de sermos intencionais em passar a herança adiante e não nos ocuparmos somente em influenciar essa geração, mas também as próximas. Para isso, temos de compreender não apenas a nossa responsabilidade, como também o Mandato Cultural e a importância de sermos bons mordomos do que o Senhor nos confiou.

ATIVANDO A BOA MORDOMIA

Desde Adão, o princípio da mordomia está sobre a humanaidade e foi estabelecido quando Deus comissionou o homem ao Mandato Cultural (cf. Gênesis 1.26-28). Alguns teólogos chamam esse episódio de “a Primeira Comissão”, visto que, ali no Jardim, Deus deu ordens — e autoridade — ao homem para frutificar, multiplicar, encher e governar a Terra, tornando-nos mordomos, ou seja, responsáveis pela Sua criação (cf. Gênesis 2.15; 2.19).

A palavra “mordomo” vem do latim e significa “administrador da casa”.² Ele, então, é responsável por tudo o que é do seu senhor como se fosse seu, e precisa prestar contas constantemente a respeito da gestão desses bens. Da mesma maneira, tudo o que temos, na verdade, vem de Deus e pertence a Ele, como o apóstolo Paulo escreve aos colossenses:



Pois nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. (Colossenses 1.16)

Essa autoridade sobre a Terra, que nos foi concedida no capítulo 1 de Gênesis, é perdida logo no capítulo 3 (cf. Gênesis 3.14-19), com a Queda do Homem. Contudo, Jesus, por intermédio de Seu sacrifício, não só a reconquistou para nós, como trouxe uma nova linguagem ao que chamamos de Mandato Cultural por meio da Grande Comissão. A ordenança de discipular indivíduos (cf. Marcos 16.16-18) e nações (cf. Mateus 28.18-20), então, revitalizou o nosso propósito original, que é de sermos bons mordomos da Criação de Deus.

Desde então, essa é uma jornada progressiva. Basta pensar que, agora, estamos vivendo algo que vem sendo construído há milhares e milhares de anos. Desfrutamos, atualmente, do que foi semeado pelos discípulos de Cristo, pelos nossos irmãos da Igreja Perseguida, pelos grandes reformadores, pelos mártires, por nossos avós, pais e mães, e tantos outros heróis da fé que vieram antes de nós. Por isso, precisamos, primeiramente, atestar se estamos engajados na continuação desse legado, para que, então, nós nos certifiquemos de passar o bastão para as próximas gerações.

Dentro disso, vale lembrar que de modo algum a boa mordomia significa apenas cuidar do que nos foi entregue como responsabilidade; ela implica frutificar, gerando frutos que permanecem. De acordo com a Bíblia, não se trata de manutenção, muito menos subtração, mas multiplicação. Isso quer dizer que não podemos devolver algo para Deus do mesmo jeito que recebemos d'Ele. Precisamos gerar melhorias e passar adiante tudo o que Ele nos entregou. Em outras palavras, temos de gerar um impacto genuíno no lugar onde o Senhor nos colocou, de modo que não afetaremos apenas as pessoas que ali estiverem, mas alcançaremos o futuro.

LIDERANÇA MULTIGERACIONAL

Agora, para sermos bons administradores daquilo que nos foi confiado pelo Dono de todas as coisas, também não podemos nos mostrar alheios às mudanças sociais e culturais estabelecidas com o passar dos anos. A responsabilidade de influenciar por completo todas as áreas da sociedade, em meio às mudanças, está sobre cada cristão. Nascemos para governar. E



De acordo com a Bíblia, não se trata de manutenção, muito menos subtração, mas multiplicação.



essa liderança dada pelo Senhor e reconquistada na cruz do Calvário tem de surtir o mesmo efeito da luz e do sal, que influenciam todas as coisas ao seu redor (cf. Mateus 5.13-15).

Contudo, um dos nossos maiores desafios como líderes que buscam manifestar o Reino de Deus é pensar de forma progressiva e em longo prazo. Muitas vezes, um dos grandes erros que cometemos é justamente ter uma visão na qual tudo o que construímos é pensado apenas para a nossa própria vida ou para a nossa geração. Não é raro, por exemplo, vermos líderes que se esforçam muito para construir algo que é bom, bem-intencionado e até mesmo abençoado por Deus, mas que não tem uma natureza multigeracional.

ATIVANDO A VISÃO MACRO

Deus tem um plano geral e um plano específico para cada um de nós e para cada tempo. O plano geral, Ele nos deu a partir da nossa concepção (cf. Gênesis 1.28). Logo em seguida, deu autoridade ao homem sobre todas as Suas demais criações (cf. Gênesis 1.29-30; 2.15). Porém, cada um de nós também tem um plano diferente tecido pelo Senhor (cf. Jeremias 29.11). Ele, que é o Criador de tudo que existe, fez cada coisa com um propósito específico (cf. Provérbios 4.16; Colossenses 1.16).

Por esse motivo, precisamos ser fiéis ao que o Senhor nos entregou como propósito particular, em nosso raio de influência, mas tendo em mente que este faz parte de algo maior. A

meu ver, o êxito de um líder está intrinsecamente relacionado à sua consciência acerca desse conceito e papel. Quando Deus nos faz uma promessa ou compartilha um dos Seus sonhos, mais do que nos abençoar, Ele também quer abençoar os que virão depois de nós, pois a obra do Reino é sempre progressiva.

O próprio conceito de herança, instituído por Deus através da família, ilustra bem a importância dessa consciência. Por meio dele, somos ensinados sobre algo deixado para aqueles que virão depois de nós, de modo que eles não tenham de começar do zero, mas possam usufruir do que já fora construído anteriormente (cf. *Êxodo 32.13*). Nesse sentido, realizar um planejamento de décadas é um bom exercício. Talvez você não o cumpra da forma que imaginou, porém exercitar esse pensamento o ajudará a desenvolver a mentalidade necessária para construir em longo prazo. Assim, também estará cada vez mais próximo de alinhar-se aos ensinamentos do Senhor, que nos instruiu a ter nossos olhos voltados não apenas ao nosso tempo, mas à natureza atemporal do Reino de Deus.

Um parâmetro para sabermos se estamos com o coração no lugar certo é analisar se o nosso sonho ou plano contempla apenas a nossa realidade ou se é maior do que a nossa própria existência. A resposta pode ser um grande indicador da maneira como sonhamos, planejamos e lideramos, e do que pode ser adaptado.

Ter visão do Alto é crucial para que nós não apenas saibamos o que Deus deseja que façamos, mas, também, para que consigamos identificar os pontos-chave que devem ser mudados em nossas vidas ou organizações, e o modo como devemos mudá-los. Estamos falando de uma mentalidade estratégica, que analisa o cenário atual, compara-o com o modelo desejado e identifica o que falta para que o padrão seja alcançado.

Um dos exemplos mais relevantes de algo fundamental para que alcancemos as próximas gerações é a cultura. Se conseguirmos criar um sistema composto por valores e princípios do Reino, essa cultura pode durar por décadas depois que formos embora desta Terra. Isso porque os princípios e valores de Deus são atemporais. Tudo vai depender do quanto forte ela é e do quanto é capaz de se manter firme com o passar dos anos.

Porém, um detalhe fundamental é que, ainda que identifiquemos o que precisa ser mudado e haja ação para que essa modificação se concretize, não podemos pensar que uma mudança pontual será suficiente. Será necessário bastante atenção para sempre corrigir os desvios e garantir que aquilo que está sendo construído não se desvirtue ao longo dos anos. Sim, isso requer muita intencionalidade e desconforto, mas é a única maneira de garantir que a essência de algo perdure por décadas.

Quando falamos sobre uma cultura que permanece por gerações, é imprescindível prezar por sua sustentabilidade. Talvez a organização tenha se formado em cima de um padrão ou de uma filosofia que não é saudável para os envolvidos; ou tenha uma influência maior que sua fundamentação. Em contrapartida, um organismo sustentável é construído de dentro para fora, sendo muito mais forte em suas raízes do que em sua folhagem. Isso diz respeito a desenvolver caráter, identidade, valores, princípios bíblicos, paixão pela presença de Deus, conhecimento e experiência, tanto no âmbito individual quanto no corporativo.

O problema é que muitos querem o crescimento rápido e externo, e não estão dispostos a investir tempo em desenvolver seus fundamentos, o que muitas vezes é um processo que acontece no anonimato, além de não ser glamoroso e confortável. Porém, é justamente essa que muitas vezes será a diferença entre

Deus já estava fazendo algo antes de existirmos e continuará Sua obra quando voltarmos ao pó.

aqueles que “explodem” em um dia e desaparecem no outro e aqueles que permanecem com o passar dos anos. Lembre-se: a vida não é um tiro de cem metros rasos, mas é uma maratona. O verdadeiro desafio não é começar bem, e sim terminar bem.

Geralmente, o que nos impede de pensar de forma macro, sabendo que outros virão depois de

nós, é o fato de que aprendemos a centralizar o agir de Deus apenas em nossas vidas. Gastamos todos os esforços para que a vontade do Senhor seja feita em nosso dia a dia, mas criamos a ilusão de que o plano d'Ele é tão somente focado na nossa própria satisfação e perspectiva, quando, na verdade, Deus já estava fazendo algo antes de existirmos e continuará Sua obra quando voltarmos ao pó. Somos apenas inseridos em uma realidade que sempre esteve em movimento, a qual é a manifestação do Reino de Deus na Terra.

Obviamente, precisamos estar sensíveis à urgência do Espírito Santo. No entanto, também devemos nos manter em alerta para não a confundirmos com a ambição humana de querer centralizar o agir de Deus apenas em nós, e assim vermos a completeza do Seu plano em uma só geração — tanto o plantio como a rega e a colheita.

Como líderes, devemos começar a impulsionar a próxima geração ao passo que corremos a nossa própria corrida, sem medo de vermos pessoas indo além de onde já fomos. Jesus nos ensinou isso pela maneira como liderava seus discípulos (cf. João 14.12).

Enquanto corria a corrida que estava à Sua frente, preparou os líderes que continuariam construindo depois de Sua partida, incentivando-os a fazerem obras ainda maiores do que as que Ele estava realizando. É dessa forma que devemos exercer a nossa liderança, tendo sempre em mente que não é sobre nossas conquistas pessoais, mas, sim, em prol do Reino de Deus.

EQUIPANDO-SE COM FERRAMENTAS ETERNAS

Deus é poderoso para fazer abundar em nós toda a graça necessária e suficiente para enfrentarmos os desafios desta vida (cf. 2 Coríntios 9.8). Lembro-me de quando eu era apenas um membro da minha igreja e, de segunda a sábado, dedicava-me somente — e inteiramente — ao Dunamis. Ao assumir a liderança da Zion em 2013, com minha esposa, deparei-me com uma tensão, até então desconhecida por mim. Eu tinha de ser integral e excelente tanto de um lado como do outro.

O Senhor, então, mostrou-me que havia uma graça sendo derramada sobre nós para darmos conta de ambas as responsabilidades. A Zion é uma igreja local; o Dunamis é um ministério paraeclesiástico; e os dois precisam estar em movimento. Afinal, a Zion carrega uma unção apostólica, que visa capacitar cada um de nossos membros para levarem o Reino de Deus às esferas da sociedade.

Atuando em níveis tão abrangentes, é notória a importância de trabalhar em prol de um impacto inabalável, de modo que não haja um sufocamento de propósito em nenhum dos dois ministérios. O resultado da manifestação dos filhos de Deus não será suppresso, se o ensino do exercício pleno do chamado pautado na Palavra for progressivo e transmitido de maneira

persistente e intencional. Aliás, as Escrituras nos direcionam claramente quanto a esse aspecto:



Estas palavras que hoje lhe ordeno estarão no seu coração. Você as inculcará a seus filhos, e delas falará quando estiver sentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se. (Deuteronômio 6.6-7)

Se associadas aos valores celestiais, as ações intencionais nas diferentes esferas da sociedade causarão mudanças significativas aos nossos sucessores, que, por sua vez, experimentarão as belezas de uma nação transformada. A fim de atingirmos essa realidade, é crucial nos tornarmos um povo que vive genuinamente engajado nas Escrituras. Digo isso, pois não é difícil encontrar cristãos que não só não se relacionam com a Palavra de Deus intencionalmente, como nunca finalizaram sua leitura pelo menos uma vez na vida.

Andrew Murray, pastor e escritor sul-africano,³ relatou certa vez sobre um avivamento que presenciou em todo o continente africano, quando negros e brancos experimentaram juntos o poder do Espírito Santo, cena inconcebível diante dos costumes da época. Porém, devido à escassez de traduções da Bíblia em zulu, uma das onze línguas oficiais da África do Sul, os efeitos daquele despertamento não perduraram.⁴ Hoje, quarenta anos mais tarde, é perceptível a baixíssima influência do avivamento entre os falantes do idioma.

Enquanto o relato africano nos alerta, o que aconteceu a partir do advento da prensa de Gutenberg incita em nós esperança e a valorização do que temos em mãos. Em 1997, a revista Life-Time nomeou essa invenção como o maior advento dos últimos

mil anos. Johannes Gutenberg (1398-1468) revolucionou o mundo ao criar uma prensa e decidir que a Bíblia seria o primeiro livro impresso em larga escala. Ele foi um dos responsáveis por fazer a Palavra chegar ao homem comum, além de muitos outros importantes nesse processo, como Martinho Lutero, tradutor das Escrituras a um idioma mais usual em seu tempo, por exemplo.

A partir do momento em que a Bíblia chega ao homem comum, que se dispõe a viver os seus princípios em todas as áreas da sua vida, a sociedade começa a experimentar o poder da Palavra de Deus, que transforma realidades. Somente uma geração engajada nas Escrituras é capaz de trazer luz à corrupção ideológica e a tantos outros males sociais. Creio ser urgente assumirmos nossa responsabilidade de cumprir aquilo que o Senhor designou a cada um de nós, bem como levantar sucessores devidamente habilitados a darem continuidade ao legado de fé que lhes confiamos, sendo eles comprometidos com a Palavra e movidos pelo Espírito Santo de Deus.

Além da Bíblia, como principal ferramenta, também podemos nos apropriar de meios, como a documentação da História, para conseguir passar adiante tudo o que vivemos em cada tempo. Seja com o auxílio de escritos ou imagens, a documentação do que temos semeado — e colhido — é um dos aparatos que temos hoje para inspirar aqueles que virão e gerar entendimento do quanto carregam em seu tempo.

Com isso, criar mecanismos de passagens de cultura é pensar em como subsidiar e sustentar a nossa descendência. O povo de Israel prezava por esses costumes (cf.Êxodo 16.25-29; Êxodo 31.16), por exemplo, e continuam fazendo até hoje, através do *shabath*⁵, não permitindo que se perca o senso de uma construção milenar de fé e cultura.

O PERIGO DO IMEDIATISMO E A INDÚSTRIA GOSPEL

Cheguei a essas conclusões ponderando, em especial, acerca da juventude evangélica, ao perceber que um dos maiores entraves para a construção de planos com visão a longo prazo é o conceito que denomino como “tirania da urgência”. Em uma geração conduzida pelo imediatismo, além da busca contínua pelo próximo *hype* nas redes sociais, existe a tendência de agir conforme vigências e conveniências, e não de acordo com o propósito pessoal designado pelo Senhor a cada um.

A gana por algum tipo de significância e a obtenção de resultados imediatos é, na maioria dos casos, destrutiva, pois impossibilita as pessoas de passarem por um processo de maturação. Como consequência, alguns objetivos são atingidos com certa rapidez, mas, após curto período, são esquecidos ou deixados para trás; justamente por não terem sido fundamentados em bases sólidas que assegurariam o êxito.

É necessário que nossa visão seja fortalecida, de modo que se encontre em completo alinhamento ao coração do Pai, e então nos certifiquemos de que a edificação na qual trabalhamos ocorre conforme Seu tempo e direção, ainda que tais caminhos sejam naturalmente ilógicos.

No Reino de Deus, a comprovação de sucesso não é atingir o ápice da caminhada aos vinte ou trinta anos de idade, e sim construí-lo progressivamente, culminando no pleno cumprimento da carreira designada pelo Senhor, guardando a fé, até o fim de nossos dias na Terra (cf. 2 Timóteo 4.7). Essa conquista inclui deixar um legado à geração seguinte: uma construção durável, a ponto de ser uma base forte ao que eles edificarão.

Um mal ainda pior e sutil é o modelo de negócio da indústria gospel. O déficit na fiscalização desse segmento, enquanto ele não possuía o grau de influência atual, fez nascer uma cultura quase irresistível à idolatria a ministros de louvor e pregadores contemporâneos.

O design original de Deus para o Brasil é o de uma nação adoradora, mas Ele deveria ser o único alvo da nossa devoção. Se nos desviarmos desse propósito divino, direcionando adoração a meros ministros — ou a um partido político, um time de futebol, entre tantos outros ídolos contemporâneos —, nós nos tornaremos um povo idólatra. As consequências desse comportamento são notadas cotidianamente, em pensamentos e produtos culturais esvaziados de sentido ou mesmo de uma causa digna.

O agente imunizante capaz de combater um vírus de tamanhas proporções no cenário cristão encontra-se na capacitação e liderança mútua entre pastores e líderes, multiplicando a ênfase acerca da responsabilidade ministerial e espiritual dessa função. A melhor força motriz para um encargo como esse é investir na juventude cristã, que já é ou se tornará a futura liderança nas esferas.

Não à toa, a primeira epístola de João discorre sobre os atributos dos jovens, que são fortes, carregam a Palavra de Deus e são habilitados por Ele para vencer o Maligno (cf. 1 João 2.14). No momento em que se apossarem dessa identidade com comprometimento, nada será obstáculo para a transformação cultural da nação a longo prazo, por meio da aplicação dos princípios do Reino.

O EXEMPLO DE DANIEL

O jovem Daniel, sendo apenas um cativo em meio a tantos outros príncipes do seu povo e um estrangeiro no império

babilônico (cf. Daniel 1.1-7), comprovou o poder desse posicionamento. Apesar de recordarmos sempre o seu nome quando o assunto é o cativeiro dos hebreus, também devemos fazer menção aos seus amigos, jovens que se destacaram na seleção dos ministros de Nabucodonosor, corroborando para o forte conceito de toda uma geração apta para influenciar a sociedade de sua época.

Um dos adjetivos que melhor descreve o comportamento de Daniel em todo o seu período a serviço da corte babilônica é a autorresponsabilidade. O jovem israelita, a despeito de todos os seus atributos e sabedoria, tinha convicção de seu papel naquela conjuntura. Essa lucidez a respeito de si mesmo e do Deus a quem servia foi a chave para seu sucesso em meio aos inimigos de seu povo. Ainda que leis passíveis de morte afrontassem sua fé e cultura, ele não cedeu à pressão externa, sendo guardado pelo Senhor em meio às provações e, por fim, tendo seu Deus reconhecido como verdadeiro, até mesmo pelo rei da Babilônia (cf. Daniel 2.47).

Na vida de Daniel, o Senhor não era apenas mais uma das diversas áreas com que se preocupava, mas o ponto central e exclusivo. É um erro não O priorizarmos. Tudo que fizermos precisa girar em torno dessa premissa inegociável, sem a qual não existe mais nada — nem transformação pessoal e, muito menos, efeitos no âmbito nacional e geracional. Qualquer transformação genuína, independentemente do seu nível de complexidade, necessita obedecer a esse paradigma caso o nosso desejo seja alcançar o êxito; algo que também parte de uma conduta ousada e decidida, como o jovem hebreu nos ensinou: “E Daniel **propôs no seu coração** não se contaminar com a porção das iguarias do rei [...]” (Daniel 1.8 – ACF – grifo nosso).

A partir de seu posicionamento, ele impactou os corações dos meninos hebreus, e, então, estando os quatro jovens diante de Nabucodonosor, tornaram-se instrumentos do Senhor; Sua glória se manifestou através do livramento na fornalha, o que acarretou um decreto nacional (cf. Daniel 6.1-27). Tudo, porém, começou no coração de um jovem, Daniel. Portanto, a gênese da transformação nacional é o coração do homem ou da mulher que Deus escolhe. O avivamento que tanto ansiamos ver em nossa nação parte de um firme propósito estabelecido pelo Senhor em nós.

Resistir a todo contexto desfavorável e culturalmente oposto aos preceitos do Reino, assim como Daniel, não é apenas necessário como, também, urgente. Não devemos nos acuar ou acreditar em mentiras de que compartilhar a nossa fé é ofensivo, por exemplo. Carregar esse encargo, de discipular nações e pessoas ao nosso redor, faz parte da nossa missão como cristãos. Não por acaso, essas foram as últimas palavras que Jesus proferiu aos Seus discípulos aqui na Terra, e que se estendem a todos os Seus seguidores, transpondo gerações.

Com nossos olhos e corações direcionados e enraizados na boa mordomia do que o Senhor nos confiou e presenteou, nossas habilidades, características, dons e bens serão potencializados, e a vida que transbordará de tudo o que fizermos será capaz de ultrapassar as linhas que definem o espaço e o tempo. Para mais, ao ampliar a nossa visão, resultando na Mensagem sendo propagada por toda a Terra, não só a nossa geração como todas as seguintes serão enternecidadas pelo poder de Deus.

**Não devemos nos
acuar ou acreditar
em mentiras de
que compartilhar a
nossa fé é ofensivo.**



Capítulo 9

**CHEGOU A
SUA HORA,
BRASIL!**

Chegou a
sua hora,
Brasil!

Chegou a sua hora, Brasil!

O mundo jaz no Maligno (cf. 1 João 5.19). Isso significa que, como parte de uma sociedade fundamentada na falsa soberania do Homem, na busca pelo controle e prazer fugaz, e envolta por inúmeras ideologias antibíblicas, não podemos baixar a guarda e permitir que distrações nos entorpecam ou extraviem do nosso propósito. O problema é que, se não temos ciência dos estratagemas malignos — naturais e espirituais —, não seremos capazes de combatê-los. Da mesma maneira, se não tivermos conhecimento e revelação da Palavra de Deus, seremos levados por qualquer vento de doutrina, bíblica ou não (cf. Efésios 4.14). E é justamente aqui que nos preparamos com a cosmovisão.

Todo ser humano possui uma cosmovisão, ainda que jamais tenha parado para refletir a respeito ou sequer tenha dimensão do que isso queira dizer. Essa, por sua vez, nada mais é do que uma visão de mundo apreendida por meio de ensinamentos, criação, estudos, influências, senso comum; ou, no nosso caso, como cristãos, regida pela Bíblia, e não por nossas convicções pessoais ou quaisquer correntes de pensamento vigentes na atualidade.

A cosmovisão dirige a nossa vida e dita exatamente o que, como e por que pensamos e agimos da maneira como fazemos. Em geral, esse conceito envolve um sistema de crenças que,

grosso modo, propõe-se a discorrer acerca de cinco áreas fundamentais da vida e suas respectivas questões centrais.

- 1. Divindade** — Deus existe? Qual a natureza de Deus?
Existe um só Deus?
- 2. Universo** — Qual a relação entre Deus e o Universo? O Universo é eterno ou foi criado?
- 3. Conhecimento** — Qual o papel da fé e da razão? O conhecimento integral sobre o mundo pode ser obtido?
- 4. Moralidade** — Existem leis morais universais que governam a vida humana ou elas são subjetivas?
- 5. Humanidade** — O homem foi feito à imagem e semelhança de Deus? De onde veio? Os homens são livres? Até que ponto? Somos apenas seres materiais ou a alma existe?

Alguns defendem sete proposições, outros, quatro; mas, basicamente, a cosmovisão se dispõe a responder sobre a origem do Homem e do Universo, o sentido da existência humana e do mundo, se existe certo e errado, e qual é o destino de um indivíduo após a morte. Como filhos de Deus, é imprescindível termos as lentes apropriadas para analisar o mundo e discorrer acerca do que acreditamos em relação a temas tão caros ao ser humano. Precisamos conhecer e nos posicionar a respeito do que a Bíblia diz; essa é a garantia de que manteremos a nossa fé saudável e perseverando em longo prazo, e que teremos as respostas certas para lidar com cada situação.

A falta de preocupação com tais dilemas e o pouco conhecimento bíblico têm impedido a muitos de enxergar o mundo através das verdades eternas, e levado até mesmo cristãos a todo e qualquer tipo de ponto de vista ou teoria humana, na

tentativa de justificar as bases de sua existência e do universo que os cerca. É por isso que muitos desconsideram a ideia de um Deus Criador, do conceito objetivo de moralidade, da insuficiência humana; e, assim, defendem atrocidades, como a teoria de que nossa espécie evoluiu de animais, a noção de que não existe verdade absoluta, ou de que somos fruto do acaso. Essas são apenas algumas das mentiras e dos sofismas que distorcem o que, de fato, as Escrituras nos revelam.

**Precisamos
conhecer e nos
posicionar a
respeito do que
a Bíblia diz.**



Desde sempre, o mundo busca decifrar enigmas universais que apenas a Bíblia é capaz de esclarecer e dar sentido prático. Para combater os pensamentos humanistas, tanto na própria sociedade quanto dentro de nossas igrejas, é necessário apresentar a verdadeira cosmovisão bíblica para a próxima geração que, uma vez firmada nos princípios da verdade absoluta, poderá posicionar-se contra ideologias nefastas e anticeristãs. A novidade de vida possibilitada por Cristo necessita ser conhecida em profundidade para que, só então, possamos apresentá-la a outros familiarizados com os pensamentos terrenos.

Para isso, em primeiro lugar, temos de entender o tripé da cosmovisão cristã: Criação, Queda e Redenção. No princípio, quando o Senhor proclamou que houvesse luz, e os seres das mais variadas espécies surgiram, o homem foi formado à imagem e semelhança do Seu Criador (cf. Gênesis 1.26). Ao posicionar Adão e Eva no jardim do Éden, Deus deu à humanidade o mandato cultural (cf. Gênesis 1.28), que era justamente o mandato de multiplicar o que Deus lhes havia concedido no jardim, para que aquilo pudesse crescer e permeiar todo o globo terrestre.

Mesmo diante da possibilidade de escolha entre obedecer ao Senhor ou realizar sua própria vontade, nossos ancestrais decidiram provar do fruto do conhecimento do bem e do mal, condenando sua descendência a uma natureza pecaminosa e distante da intimidade com o Pai (cf. Romanos 5.12). Por séculos, o mundo tem sido degenerado pela maldade do homem, que teve sua intimidade com o Senhor relegada aos princípios cerimoniais e religiosos.

Contudo, por meio do sacrifício perfeito de Cristo Jesus, e Sua ressurreição dos mortos ao terceiro dia, fomos remidos, restaurados, encontrados e temos novamente acesso à presença do Pai, e a um relacionamento pessoal com Ele (cf. 2 Coríntios 5.18). Por intermédio da obra da cruz, agora aceitos em Sua família espiritual (cf. Romanos 8.17) e, portanto, parte da realeza celeste, somos chamados para propagar a mensagem do Evangelho e sermos Suas testemunhas pelo mundo (cf. Mateus 28.19-20), aguardando ansiosamente Seu glorioso retorno.

O NOSSO FOCO DEVE SER A VERDADE

Em contrapartida, sermos participantes de um privilégio tão singular nunca foi nem será um aval para imposição ou acusação dos perdidos. Enquanto esteve aqui, Cristo revelou, expandiu e encarnou os princípios do Reino de Deus através de Sua vida, fazendo dela o modelo no qual os homens poderiam se deparar com sua condição e alcançar arrependimento por meio da confissão e aceitação do Seu sacrifício. Quando nossas palavras ganham sentido e têm coerência com nossas ações, temos abertura para expor a verdade daquilo que acreditamos sem reservas ou medo de termos nossa fé distorcida por vãs ideologias.

Por isso, há uma necessidade urgente de não somente reconhecermos aquilo que Deus diz ao nosso respeito, mas também aprendermos sobre as armas utilizadas pelo Inimigo para nos desviar dessa nova realidade. Até porque, o Diabo é o pai da mentira e sua estratégia, portanto, é implementar inverdades em todos os segmentos aos quais ele consiga influenciar (cf. João 8.44). Uma compreensão tão simples como essa já muda por completo a forma como encaramos a batalha diária contra essas setas perversas, pois a nossa luta não é contra carne nem sangue, e sim principados e potestades (cf. Efésios 6.12), que se manifestam por meio de mentes dedicadas a implementar e defender ideias opostas às verdades das Escrituras.

Ainda assim, estar apenas alerta contra as artimanhas de Satanás não é um atestado de que as resistiremos quando se apresentarem a nós. Apenas nos tornando assíduos leitores da Palavra de Deus, por meio do engajamento bíblico intencional, é que estaremos verdadeiramente munidos das ferramentas necessárias para vencer a batalha contra as ideologias e filosofias mundanas. A Escritura é viva e eficaz, mais afiada que uma espada de dois gumes, capaz de penetrar a divisão entre alma e espírito, revelando as intenções por meio da sua verdade infalível (cf. Hebreus 4.12).

Acima de conceitos deturpados, governos totalitários ou correntes totalmente contrárias a qualquer expressão de fé, a Bíblia Sagrada tem o poder de libertar o homem, e fazê-lo participante de uma realidade celestial, ainda que as circunstâncias terrenas não sejam favoráveis. É por isso que temos de tornar a meditação dessas palavras uma parte inegociável dos nossos dias, bem como o desejo ardente de fazê-la conhecida a toda a criatura. Esse precisa ser um anseio de todo cristão.



Há anos, líderes da Igreja mundial têm entendido a necessidade de se compromissar com o aprofundamento do conhecimento das Escrituras em suas comunidades, e como realizar um despertamento acerca dessa temática em todo o Corpo de Cristo espalhado pelo mundo. Com isso, refiro-me a nada mais, nada menos do que ao engajamento bíblico. Quando uma pessoa é bíblicamente engajada, ela lê, entende e aplica a Palavra de Deus.

No ano de 1981, tivemos o registro de um dos primeiros documentos que visava a esse objetivo: a

Quando uma pessoa é bíblicamente engajada, ela lê, entende e aplica a Palavra de Deus.

Magna Carta Cristã. Idealizada por líderes da missiologia de várias partes do mundo, aos moldes do tratado original de 1215,¹ a nova declaração tinha como tema central a ênfase na necessidade de os crentes entrarem em ação por meio da obra missionária. Sob a tutela de Loren

Cunningham, o registro também norteia os princípios que deveriam mover agências missionárias globalmente, pontuando como direito fundamental de todo ser humano o acesso irrestrito à Bíblia Sagrada.

Isso implica em um esforço conjunto de toda a Noiva para a tradução das Escrituras à maior quantidade de idiomas possível. Apesar de parecer um esforço que beira o inalcançável, devemos refletir sobre a importância de uma declaração como essa, ainda mais levando em conta o cenário tecnológico e social da atualidade. Com as facilidades proporcionadas pelo desenvolvimento de softwares inteligentes, contato com povos até então inacessíveis via internet, e uma Igreja que cresce pulsante

ano após ano, fazer desse sonho uma realidade não parece algo tão distante assim. Inclusive, aquilo que tem sido feito para que o globo se torne bíblicamente engajado é acelerado a cada ano por conta de iniciativas de agências missionárias se unindo em prol desse objetivo. Desse modo, a curva de projeção que deliberamos para atingir esse propósito tem alcançado um crescimento exponencial.

Agora, pense por um instante em quantas mentiras poderiam ser quebradas, e na mentalidade madura que tomaria espaço na consciência de vários irmãos, se cada discípulo de Jesus, de fato, gastasse todas as suas energias em uma aliança dessa magnitude com a Palavra. O poder da verdade manifesto nas Escrituras aliado ao cumprimento da Grande Comissão é a chave para contemplarmos a transformação social global com a qual tanto sonhamos. Mas para que isso seja alcançado, a comunicação bíblica, mais do que nunca, precisa ser consolidada no interior daqueles que serão enviados.

Muito se fala hoje a respeito das esferas de influência da sociedade, e como elas são a base de sustentação para mudanças profundas e genuínas, além da evangelização massiva, em todo o planeta. Desde que essa estratégia passou a se disseminar dentro da Igreja, muitos líderes ministeriais pelo mundo começaram a se engajar e trabalhar para alcançar esses lugares de relevância na sociedade, levando os princípios do Reino Deus.

No entanto, o simples envio de pessoas a esses locais não é suficiente, caso elas não estejam verdadeiramente embasadas nas verdades bíblicas, e não conheçam a cultura onde serão inseridas. Pelo contrário, a maioria dessas pessoas, quando chegam a seu lugar de atuação sem embasamento bíblico, acabam se tornando vítimas do sistema que elas mesmas visavam

influenciar. Já escutei uma vez um pregador indagando: “Se Deus o fizer rico, Ele ganhará um investidor para o Reino ou perderá um filho?”. Essa é a questão.

Não importa o lugar para onde o Senhor nos levará, cumprindo a Grande Comissão nas nações ainda não alcançadas e com os povos mais fechados, trabalhando em grandes multinacionais, servindo na política ou nos dedicando integralmente ao ministério, nossa responsabilidade como testemunhas de Cristo deve permanecer a mesma: alinhada com a cosmovisão bíblica.

Sem isso, nossas famílias não alcançarão o padrão divino; a Igreja continuará envolta em escândalos e sem uma membresia madura e posicionada; a Educação, com seu antro de ideologias anticristãs, permanecerá como assunto de segunda categoria, sem a devida importância e investimento que merece; nosso Governo perdurará repleto de corrupção, sem vozes capazes de contrapor aquilo que tem atrasado nosso país; nossa Mídia continuará disseminando mentiras e conteúdos enviesados; as Artes e o Entretenimento não mais expressarão a beleza e os padrões de Deus; e a lista não tem fim.

Infelizmente, a Igreja de hoje parece se encontrar muito mais preocupada e dependente de encontros de avivamento, do que com o engajamento bíblico e sua cosmovisão. A Bíblia, aliada à ação do Espírito Santo, tem o poder de, primeiramente, nos transformar para que sejamos capazes de levar a transformação celestial às esferas da sociedade, indivíduos e nações. É impossível, portanto, cumprir plena e diligentemente a Grande Comissão deixada por Cristo se não tivermos conhecimento das Escrituras e, por consequência, uma cosmovisão cristã.

Claramente, existe uma chama do avivamento repousando sobre a nação brasileira, e, frente a isso, somos convocados

para estabelecer um compromisso pessoal de mantê-la viva e a espalharmos pelo Brasil e mundo afora. O avivamento, entretanto, não apenas cumpre o papel de despertar a Igreja e derramar o primeiro amor sobre seus membros, mas também de obedecer ao Ide e estabelecer uma reforma social na sociedade. E é exatamente dentro desse cenário que vejo o The Send como uma resposta para o contexto atual e como uma ferramenta para o despertamento de uma geração transformada para transformar.

THE SEND

Eu me lembro de quando fomos convidados, como Dunamis, para fazer parte da liderança do The Send antes mesmo que o primeiro evento em Orlando acontecesse. Na época, Lou Engle entendeu de Deus que era necessário transicionar aquele ajuntamento, até então conhecido como The Call, para um nome que expressasse melhor os próximos intentos divinos a serem realizados em escala global.

Foi assim que surgiu o The Send, um movimento internacional cuja finalidade é responsabilizar todo cristão a respeito da Grande Comissão e tirá-los da apatia, enviando-os como missionários em suas esferas de atuação e incentivando-os a pregar o Evangelho do Reino a toda criatura. Em obediência ao comissionamento de Jesus em Marcos 16.15, e com nosso destino muito claro, incentivamos todas as pessoas presentes a darem passos práticos para alcançar as nações para Cristo.

Não demorou para que Lou também comissionasse Andy Byrd para liderar o movimento e dar sequência ao que havia sido cultivado anteriormente. Depois de um período de oração, Andy compreendeu que a liderança do The Send não deveria

estar exclusivamente sob a gestão de uma pessoa ou ministério, mas ser colaborativa. Sendo assim, convidou alguns líderes do seu círculo de influência para fazer parte dessa nova empreitada, como Michael Koulianos, Daniel Kolenda, Todd White, Lou Engle e Brian Brennt.

Nesse ponto do planejamento, ele também me procurou. Éramos, então, a única organização não norte-americana. Mas, antes de aceitar aquela proposta, estabeleci apenas uma condição. Para que o Dunamis integrasse o comando do The Send, pedi que tivéssemos um poder de voz para agregar ao movimento atributos que representassem a cultura e realidade não norte-americana. Meu anseio era que o The Send fosse diversificado e dinâmico, englobando núcleos sociais e étnicos de diferentes origens, aproximando latinos, europeus e asiáticos. O engajamento da igreja afrodescendente também era de suma importância, e seria uma premissa para que entrássemos com segurança no projeto.

Durante a primeira reunião entre os líderes, olhei ao redor da sala e internamente questionei por qual motivo Deus havia me colocado naquele lugar de relevância. Em determinado ponto, tiramos um tempo para escutar o Espírito, e então recebemos os direcionamentos para cada etapa a ser cumprida — entre elas, as finanças.

A realização do The Send dependia de altos investimentos, devido à sua dimensão, portanto eram necessários grandes aportes de todos os envolvidos. Analisando os valores, alguém sugeriu que dividíssemos aquela quantia em sete vezes, para que os sete dirigentes contribuissem. Isso garantiria que o valor fosse arrecadado em oito meses, até o dia do evento. A parcela sugerida a cada um seria de duzentos e cinquenta mil dólares.

Sem hesitar, todos concordaram com a proposta e começaram a falar, por ordem, o quanto seria ofertado por eles, conforme o Espírito Santo lhes dizia. O primeiro contribuiria com trezentos mil dólares; o segundo, cinquenta mil; o terceiro, duzentos mil; e assim por diante.

Em meio àquele cenário, entrei em uma batalha interna. Uma voz me lembrou que o dólar, até então, era equivalente a quatro reais e cinquenta centavos; caro demais para a minha realidade. Também veio à minha mente o pensamento de que eu não deveria estar ali, já que era brasileiro. Felizmente, discerni que a voz maligna estava tentando me desencorajar. Por isso, com ousadia, a silenciei afirmando: “Contribuiremos com duzentos mil dólares!”.

Todos na sala me olharam completamente surpresos. Eles sabiam do valor do real comparado ao dólar, e talvez já esperassem que a doação de nossa parte fosse menor. Entretanto, o Espírito ministrou ao meu coração que nenhuma nacionalidade o limitava. Ele é soberano e realiza milagres independentemente da economia.

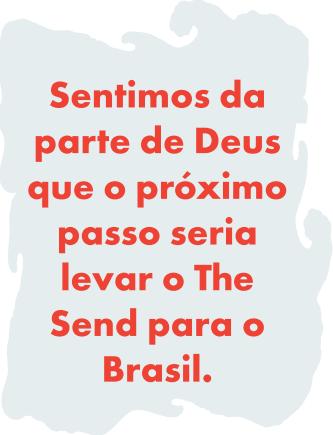
Crendo nisso, retornei ao Brasil, mas sem fazer ideia de como arcariam com aquela quantia. Um mês antes do prazo final, recebi uma mensagem de Andy Byrd perguntando se estava tudo certo para pagar a parcela. Ainda sem dinheiro algum, eu o tranquilizei dizendo que estava tudo sob controle. Em seguida, convoquei todos da liderança Dunamis para um tempo de jejum e oração. Precisávamos do valor e, até aquele momento, não tínhamos um real sequer. Era de extrema importância nos movermos em fé; esse era um desejo colocado por Deus em meu coração.

Então, dias depois, em um dos nossos momentos de oração, e a quarenta e oito horas do prazo final, um de nossos líderes

anunciou uma improvável notícia: ele recebeu um telefonema de um empresário que nos conheceu porque o Dunamis causou um grande impacto na vida de sua filha. Naquela manhã, durante seu devocional, ouviu um direcionamento do Espírito Santo. Ele havia fechado um negócio de alto faturamento, e estava pronto para investir o dinheiro em algo quando Deus lhe pediu para nos contatar e perguntar em qual iniciativa ele deveria ofertar duzentos mil dólares.

Uma vez feita essa oferta, tornou-se bastante evidente para nós que deveríamos entrar de cabeça nessa empreitada. As pessoas que estavam lá sentiram a mesma coisa. Assim, tivemos a primeira participação em Orlando, em 2019. O evento foi cheio do poder de Deus, sentimos a atmosfera mudar e pudemos experimentar coisas novas do Céu. Alguns norte-americanos pediam para os brasileiros orarem por eles, por entenderem que Deus havia derramado algo novo no Brasil. Enquanto estávamos lá, sentimos da parte de Deus que o próximo passo seria levar o The Send para o Brasil.

Em fevereiro de 2020, quando, finalmente, chegou a vez do Brasil sediar o The Send, tivemos um apoio massivo de diversas organizações, igrejas e lideranças evangélicas. Em junho de 2019, abrimos as inscrições e, em menos de seis horas, os ingressos para o estádio do Morumbi foram esgotados. Foi um recorde: nunca antes os ingressos para algum evento naquela arena tinham se esgotado tão rapidamente. Não estávamos esperando isso. Nós nos planejamos



**Sentimos da
parte de Deus
que o próximo
passo seria
levar o The
Send para o
Brasil.**

para conseguir encher um estádio em questão de meses, mas fomos surpreendidos quando, em poucas horas, os ingressos acabaram. A lista de espera foi tão imensa que fomos obrigados a alocar mais dois espaços: o Allianz Parque, em São Paulo — sendo que os cinquenta e cinco mil ingressos para o The Send neste local se esgotaram em quatro dias — e o estádio Mané Garrincha, em Brasília.

Pouco antes de acontecer, celebramos uma grande reunião em São Paulo, ocorrida na Zion Church, no Campus Butantã. Para mim, foi um momento histórico em termos de representatividade, pois grandes lideranças evangélicas do país, de denominações e igrejas distintas, participaram dessa assembleia, abraçando a causa. Entendemos juntos, como comunidade, que estávamos prestes a viver algo novo do Senhor no Brasil. Todos nós sabíamos do objetivo do evento, que era comissionar os brasileiros a irem e pregarem o Evangelho a toda criatura, discipulando nações e transformando sociedades. Nossos corações estavam alegres diante da expectativa do mover de Deus.

Depois de muito planejamento para decidirmos como faríamos um evento simultaneamente em diferentes estádios e contando com uma equipe que estava dedicada à concretização desse dia, pela primeira vez na nossa história, um evento foi realizado com um ajuntamento de cento e cinquenta mil pessoas, acontecendo em três estádios e dois estados diferentes, simultaneamente, com duração de doze horas.

Nós tivemos dois milhões e duzentos mil acessos na transmissão on-line, que ocorreu ao mesmo tempo que o encontro presencial. Evidentemente, contamos com uma logística supercomplexa em relação ao transporte, segurança e tudo o que se refere à organização de um evento dessa proporção. Ainda

assim, não deixamos de enfrentar alguns contratempas no dia, devido ao calor em excesso e a falta de água em alguns pontos. Em um dos estádios, chegamos a ser notificados pelo Corpo de Bombeiros, informando que se o problema não fosse resolvido, teríamos de encerrar o evento por insalubridade. A situação estava crítica, já que algumas pessoas começaram a passar mal.

O Andy Byrd se ajoelhou no palco e clamou a Deus por uma solução. Então, o Henrique Krigner², de repente, surgiu gritando e apontando para uma nuvem gigante que se aproximava ao estádio. Essa nuvem era oval e apresentava o exato formato do estádio, parecia que havia sido feita especialmente para nós. De imediato, as orações foram intensificadas e um milagre aconteceu: um forte vento soprou e uma chuva tomou conta de todo o espaço, de tal maneira que as quedas d'água pareciam cachoeiras, tamanha a intensidade da chuva. As pessoas começaram a sair dos locais cobertos, de onde estavam se escondendo do calor, para usufruírem daquela água sobrenatural, refrescando-se ao mesmo tempo que vibravam de alegria.

No momento, a equipe de louvor que ministrava continuou a tocar, e um mover de adoração tomou o estádio. Pouco tempo depois, um caminhão para abastecimento chegou ao local e todos foram contemplados. Esse foi apenas um dos sinais gloriosos que testificamos naquela data.

Após o The Send Brasil, acredito que o principal ponto com o qual fui surpreendido foi vislumbrar que a transformação da nossa nação é possível. Sem dúvidas, existe uma fome e um desejo genuíno por parte da geração atual — os Millennials e a Geração Z — em dar continuidade ao legado herdado por eles, e assim iniciar uma transformação que afetará a sociedade com o Evangelho do Reino sendo manifesto.

O The Send foi mais do que um evento. Nossa objetivo era transbordar o que viveríamos ali para outros lugares. Criamos várias iniciativas, como de engajamento bíblico, de missões e de adoção. Observar pessoas tão novas que, mesmo antes de iniciarem um relacionamento, estão se comprometendo com a adoção, por exemplo, indo além de serem apenas posicionados a favor da vida e contrárias ao aborto, mas também alinhados com a instituição familiar e a resolução do abandono de menores, preenche meu coração com alegria e esperança por aquilo que o Senhor ainda fará por meio deles.

Mais do que inúmeros sapatos levantados como um ato profético em resposta ao chamado de Deus, proclamando: “Eis-me aqui. Envia-me!”, vimos os resultados desse compromisso aparecerem no crescimento do engajamento bíblico, quando 73 mil pessoas disseram que iriam ler a Bíblia com constância e profundidade; 46 mil se comprometeram a investir seus recursos financeiros ou suas próprias vidas em missões transculturais; e ainda 40 mil iriam se dedicar às missões estudantis.

Alguns meses depois do evento, esse impacto foi sentido na prática, nas bases e campos missionários. O diretor da ETED no Brasil me relatou que um terço de seus alunos brasileiros se matricularam após o acontecimento do The Send. O diretor da Cruzada Estudantil do Brasil também disse que nunca antes houve tanta procura por parte de jovens para se envolverem em missões através da Cruzada. Outras agências missionárias também entraram em contato com a JOCUM e pediram que, em parceria com eles, começassem a treinar jovens, mesmo em meio à pandemia que assolou o mundo dois meses depois, e com a qual ainda hoje lidamos com alguns reflexos.

É HORA DE AGIR

Sim, Deus está operando algo grande e poderoso sobre a nação brasileira. Porém, é primordial estarmos atentos para não sermos levados por modismos ou “hype”. Confesso que, diante de tanta mobilização, torna-se fácil pensar que as coisas acontecerão rapidamente, e que não tardará para que nossa nação seja tocada em todos os sentidos. Mas aquilo que vivemos atualmente, de maneira alguma, pode ser episódico, ou parte de uma comoção generalizada.

Estou convencido de que através do comprometimento com a Palavra e a submissão de uma geração ao discipulado de maneira pessoal e constante, poderemos, com Deus, discipular indivíduos e nações, como Jesus nos instruiu e comissionou em Mateus e Marcos. Para isso, devemos focar nossos esforços na consolidação e planejamento das ações a serem efetuadas daqui em diante, para, somente então, atestarmos os resultados da transformação.

A nossa linha de chegada, como membros do Corpo, tem de ser o discipulado das nações, e uma reforma tão profunda em nossa sociedade a ponto de leis serem modificadas, e aspectos culturais em desacordo com os princípios do Reino serem extirpados do nosso meio. Somente dessa maneira, romperemos com toda imoralidade ideológica que distancia as pessoas dos ideais estabelecidos pelo Criador. Em contrapartida, para isso, é imperativo conhecermos e vivermos as Escrituras e a cosmovisão bíblica.

Repto: uma janela de favor do Alto está aberta sobre o Brasil. Todavia, necessitamos corresponder a essa dádiva à altura,

se é que realmente desejamos compartilhar com outras nações o fogo de avivamento legado a nós. O questionamento que devemos fazer ao Senhor a partir de agora não é: “Quando ocorrerá o próximo The Send no Brasil?”, mas, sim: “O que podemos fazer com aquilo que já fomos comissionados a realizar?”. Os campos estão fartos; a colheita está pronta (cf. João 4.35). Mas e você, está?

**Sim, Deus
está operando
algo grande e
poderoso sobre a
nação brasileira.**



Capítulo 10

O LEGADO: IMPACTO MULTIGERACIONAL

O legado:
impacto
multigeracional

O legado: impacto multigeracional

Um farol de sinalização náutica é uma estrutura provida de um equipamento luminoso e estabelecida em um ponto estratégico para iluminar milhas de distância e servir como meio de orientação a pescadores e marinheiros. Acontece que sua iluminação não permanece clareando fixamente todo o trajeto; ela indica um ponto, ao longe, para o qual o navegante seguirá, de modo que o marinheiro necessitará avançar até o local indicado usando outros recursos.

Um processo similar ocorre quando o Senhor compartilha uma visão com Seus filhos, assim como se deu comigo, quando recebi a visão Dunamis: é como se um farol revelasse o ponto ao qual devemos seguir, a quilômetros de distância. De modo semelhante ao dos navios em alto mar, nós conseguimos ter alguma noção do destino aonde chegaremos, sem sabermos necessariamente como será o trajeto até lá. Contudo, temos um recurso crucial a nos conduzir ao longo dessa jornada, a lâmpada para nossos pés: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos” (Salmos 119.105).

Quando o salmista escreveu esse verso, não se referia a uma lâmpada moderna como as que conhecemos hoje em dia, mas a uma lamparina, comum na época, com um alcance reduzido de iluminação.¹ Da mesma maneira, a Palavra de Deus



A Palavra de Deus ilumina nossos caminhos passo a passo.

ce, concedida pelo próprio Criador — o que também podemos chamar de destino profético —, bem como Sua voz a nos guiar pela jornada, é crucial a todo líder que busca cumprir o propósito divino de sua existência. Essa noção é válida tanto para líderes de imensas organizações, como para os que zelam por exercer uma boa liderança em menores proporções — em uma casa, por exemplo —, ou até para os que são líderes de si mesmos. Com uma direção certeira sobre aonde deve chegar, não será movido por conveniências momentâneas, mas somente pela Verdade, que o manterá firme nos propósitos do Senhor, sem desviar-se para a direita ou a esquerda (cf. Isaías 30,21).

Habacuque foi um homem que agiu mediante esse princípio, esperando pela voz do Senhor para então tomar qualquer iniciativa:



Pôr-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza e vigiarei para ver o que Deus me dirá e que resposta eu terei à minha queixa. O Senhor me respondeu e disse: Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo. Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará. (Habacuque 2,1-3)

Esse relato conta de que forma uma visão profética foi compartilhada para uma nação. A mensagem não foi confiada a qualquer pessoa, mas a um profeta, isto é, alguém que se dedicava a ouvir a voz de Deus e anunciar Suas palavras. Ele não se conformava com a iniquidade de seu povo e intercedia em favor deles, clamando por uma intervenção divina e pelo socorro àquela terra. Assim, buscando soluções para suas aflições, subiu até uma torre de vigia para descobrir qual direção o Senhor tinha para ele.

Habacuque nos deixa um modelo a seguir: só conseguiremos adquirir uma visão alinhada com a vontade de Deus se investirmos tempo no secreto com Ele. A torre de vigia na qual o profeta permaneceu até receber sua resposta simboliza um local de solitude, que faz referência ao lugar em que ficamos sozinhos com o Senhor, aguardando em Sua presença e meditando em Sua Palavra. Porém, esse espaço, onde ninguém nos vê, também está posicionado em um lugar alto, no qual somos capazes de enxergar os acontecimentos no horizonte por uma perspectiva distinta (cf. Efésios 2.6). Nesse local, estaremos sensíveis para compreender uma direção específica, tornando-nos capazes de exercer uma visão com excelência e temor a Deus.

A partir dessa busca em secreto pela voz do Senhor, veremos Sua ação em nosso meio, como a Palavra esclarece em Amós 3.7: “Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas”. Ele sempre compartilha Seus planos com aqueles que depositam confiança exclusivamente em Suas palavras e se dispõem a obedecer a Sua direção, ainda que sejam incompreendidos. Afinal, sendo os pensamentos do Pai mais elevados que os nossos,

e os caminhos d'Ele superiores aos que poderíamos traçar (cf. Isaías 55.9), isso certamente ferirá a lógica humana em diversas ocasiões. Na Bíblia, encontramos um padrão segundo o qual, recorrentemente, a pessoa com fé e visão espiritual ofende o incrédulo que apresenta uma visão carnal (cf. Atos 4.1-2; 1 Coríntios 2.14-15).

Portanto, precisamos habitar no secreto, na torre de vigia, onde ouviremos a voz do Senhor. No dia a dia, esse “lugar alto” pode ser nosso quarto ou um espaço afastado de qualquer distração. Lá, não haverá holofotes e não seremos prestigiados pelos homens, mas estaremos atentos a cada sinal que nos for comunicado pelo Espírito Santo e rumaremos ao cumprimento das obras que nos foram destinadas: “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Efésios 2.10).

Quando unimos a convicção de uma visão clara — conforme o coração do Pai — com a ousadia para cumpri-la, então caminhamos com enormes chances de sucesso. Não um sucesso segundo os padrões humanos, que garantirá admiração de pessoas, porém um que nos fará chegar ao fim da carreira convictos de que Seus desígnios foram concretizados por nosso intermédio e de que deixamos um legado de fé a nossos sucessores. Estes serão, então, responsáveis por darem seguimento à expansão do Reino Celestial na Terra, mesmo quando já estivermos na Glória junto ao Pai.

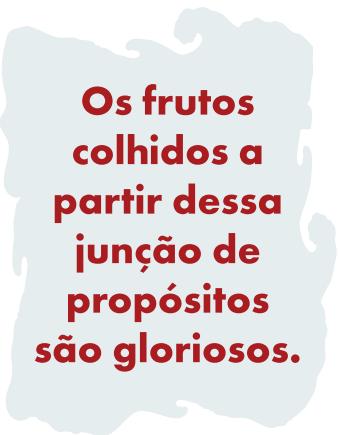
EXECUTANDO A VISÃO

Uma vez esclarecida a visão, é nossa incumbência agir de forma certeira e intencional. Esse posicionamento diante do

cumprimento de promessas divinas tende a acarretar passos práticos desconfortáveis. Abandonar minha chance de viver o sonho americano ou tomar a decisão de adquirir uma propriedade nas proporções da Farm, por exemplo, pareciam escolhas irracionais ou excessivamente arriscadas a olhos naturais. Porem, quando nos rendemos em total obediência ao Senhor, estamos suscetíveis a ter de arriscar tudo vez ou outra. Isso, por outro lado, gerará testemunhos em nossas vidas; histórias que comprovam Sua fidelidade e justiça em favor dos que depositam n'Ele sua confiança e não se apegam ao próprio entendimento ou às próprias forças.

Essas histórias, por sua vez, confirmam se estamos no trajeto certo e atraem outros a caminharem conosco em parceria, debaixo de um chamado maior do que nós mesmos. Os frutos colhidos a partir dessa junção de propósitos são gloriosos e extrapolam tudo o que poderíamos esperar no início da nossa jornada.

Andar junto aos que carregam visões consoantes à que o Senhor nos confiou é imprescindível para avançarmos na expansão do Reino na Terra. Na verdade, no momento em que o cumprimento de nosso propósito inicial encontra suas primeiras limitações, ter conexões divinas — isto é, as pessoas certas, designadas pelo Senhor a estarem ao nosso lado — é o que fará toda a diferença para irmos adiante e terminarmos nossa carreira bem. Isso sem mencionar que elas contribuirão com o estabelecimento e a propagação da visão, agregando novas perspectivas e dons e ajudando a espalhar a mensagem do



**Os frutos
colhidos a
partir dessa
junção de
propósitos
são gloriosos.**

Reino. Sozinhos podemos ir até certo ponto, mas juntos podemos diversificar e expandir ainda mais.

No Dunamis, isso começou a acontecer por meio da nossa loja, a Dunamis Store. Em 2008, quando ainda dávamos os primeiros passos como movimento, minha irmã, Zoe, começou a desenhar algumas estampas e, assim, iniciamos a produção de nossas camisetas. Ao longo dos anos, a demanda aumentou, e enxergamos nisso a oportunidade de despertar os cidadãos do Reino, estabelecer a sua cultura na Terra e transformar a sociedade por meio daquilo que confeccionávamos. Hoje, por meio da venda de roupas, livros e acessórios, temos um canal para compartilhar essa cultura e obter uma fonte de financiamento para parte de nossos projetos.

Algum tempo depois, após ter uma visão sobre uma grande onda na área das mídias, que causava uma reforma no cenário brasileiro, nasceu a Big Wave, nossa agência de comunicação. O projeto, idealizado em janeiro de 2013, com o objetivo de trazer soluções por meio da comunicação, atualmente, foi expandido e atende às demandas do Dunamis Movement e da Zion Church, assim como de alguns clientes e parceiros. Dirigida por Dennis Coelho, a equipe trabalha com um nível de excelência e inovação possível somente pela capacitação do Espírito Santo. Seu trabalho é indispensável para promover um alcance exponencial a tudo que realizamos na organização e garantir que a visão que Deus nos confiou seja comunicada amplamente e com clareza.

Também na área de comunicação — junto ao âmbito educacional —, notamos a necessidade de termos registros escritos a respeito do que acreditamos como organização, tendo como objetivo deixar um legado duradouro. Sempre acreditei

no poder da literatura e na influência multigeracional da documentação histórica, o que nos levou à fundação da Editora Quatro Ventos. Suas publicações, que seguem uma linha editorial protestante, preocupam-se, acima de tudo, em promover o pensamento crítico, a transformação e o desenvolvimento de seus leitores em todas as áreas. No futuro, desejamos expandir seu ramo de atuação para publicações não apenas com um viés religioso, mas também voltadas à ciência, à tecnologia, às artes e a outros temas relevantes na atualidade — ferramentas aliadas à Universidade Dunamis.

Hoje mesmo a editora já atua junto à nossa frente educativa, sendo responsável pelas apostilas dos cursos promovidos pela plataforma Dunamis Digital Solutions (DDS). A necessidade de consolidarmos nossa visão, não apenas aos membros do nosso staff, mas a outros irmãos espalhados pelas nações — que também creem e atuam com ideais bíblicamente embasados — nos levou à criação da Escola Dunamis, fundada por André Tanaka. Porém, o que começou como uma escola de ministério on-line, expandiu-se e culminou com a criação da plataforma de soluções digitais, DDS, com diversos cursos e projetos de capacitação.

Já no âmbito educativo presencial, dentre as escolas promovidas na Dunamis Farm, hoje, contamos com um programa de desenvolvimento e capacitação pessoal chamado Hangar, liderado por Helvécio Coimbra. Ao longo de três meses, são ministradas aulas sobre identidade, propósito, chamado e família, com um enfoque nas sete esferas da sociedade. Além disso, durante o curso, os participantes também servem à comunidade da Farm, colocando em prática os conteúdos ministrados diariamente.

Outro aspecto da visão que o Senhor nos confiou está fundamentado na paixão pela presença manifesta de Deus, e uma das formas pelas quais a buscamos diariamente é por meio da adoração. Desde o início do Dunamis, nossas canções e gravações têm sido uma manifestação genuína do que vivemos no dia a dia. Portanto, a fim de compartilharmos isso, criamos o nosso próprio selo musical. Assim nasceu o Dunamis Music, encabeçado por Titus Liu, com o intuito de estabelecer uma cultura de adoração verdadeira e inspirar cada cristão, especialmente líderes de louvor e adoração, a cultivarem uma vida de reverência e entrega a Deus. Tudo o que fazemos por meio dessa frente — escolas e workshops, participação em eventos, além de composição e gravação de canções — visa a esse objetivo.

Por fim, uma das nossas frentes mais recentes é o 1Luv, criado em meados de 2020. Percebemos uma lacuna presente nas escolas, e a necessidade de ocuparmos esse espaço. Foi então que conversei com o Gabriel Namorato sobre liderar a atuação nessa janela de oportunidade e sobre elaborarmos a organização de um novo braço voltado ao impacto estudantil, agora diretamente nos colégios. Nosso intuito é habilitar adolescentes para serem evangelistas no ambiente escolar, e transformar esses lugares em seus campos missionários, por meio de um treinamento on-line e de退iros.

Por acreditarmos na transformação social decorrente das sete esferas da sociedade — e nas universidades como um local estratégico para levantar reformadores com os preceitos do Reino de Deus —, cremos que, ao atuar também nas escolas, estaremos um passo à frente nesse processo. Isto é, se os adolescentes tiverem um encontro genuíno e transformador com Cristo, sendo direcionados ao destino que Ele reservou a cada

um, mais rápida e efetivamente começarão a impactar as diversas áreas da sociedade com o poder dunamis.

De maneira geral, compreendemos que ainda há um longo caminho a percorrermos como Dunamis Movement. A expansão de nosso alcance, junto aos inúmeros testemunhos de vidas transformadas e tocadas pelo Senhor, através de diversas frentes de atuação, é uma prova divina de que temos caminhado na direção certa. Porém, ao mesmo tempo, somos instigados a influenciar cada vez mais pessoas a viverem conforme a realidade celestial. Não à toa, tenho pensado estrategicamente no futuro da organização para os próximos anos e em um futuro ainda mais distante.

O GAP DO ESPÍRITO SANTO

Pensando em longo prazo, logo me atento a um ponto-chave nesse processo de planejamento futuro: sempre abrir espaço para o mover sobrenatural. Certa vez, estive em uma estação de trem na cidade de Londres, onde se lia o aviso “*Mind the gap*” (atente-se ao vão, em português), referindo-se ao espaço entre o trem e a plataforma. Quando vi essa recomendação, instantaneamente, o Espírito Santo me lembrou acerca da importância de me atentar ao vão, de cuidar para que eu sempre deixe uma lacuna que só Ele poderia preencher, em cada passo decisivo de minha caminhada com Ele.

A aquisição da Dunamis Farm foi vista como “um passo maior que a nossa perna”, mas, na verdade, contávamos com a mão de Deus levando-nos de um ponto a outro; jamais a alcançaríamos sem Sua intervenção. É a partir desse espaço, ao qual denomino “vão do Espírito Santo”, que testemunhamos

milagres, provisões e capacitações extraordinárias. O mesmo aconteceu ao longo da História, desde antes da vinda de Cristo. São diversos os relatos bíblicos de ocasiões em que, antes de iniciada a batalha, Deus já garantia a vitória ao Seu povo, mesmo em condições totalmente desfavoráveis. Isso fazia com que tivessem de ir ao campo de guerra e dar passos de fé, baseados na palavra do Senhor. Com essa mesma atitude e disposição devemos nos posicionar em meio a impossibilidades naturais, obedecer a Sua orientação e seguir confiantes na suficiência de Sua Palavra, ainda que isso fira a nossa lógica.

Assim foi com Gideão, que inicialmente contava com um exército de trinta e dois mil homens para enfrentar o povo oponente. Em obediência a Deus, reduziu suas tropas a dez mil e, então, a trezentos combatentes. Ao agir dessa maneira, evidenciava que sua confiança não estava nas próprias forças, tampouco em seus homens, e sim no Senhor dos exércitos. Orientado por Sua voz, deu espaço à intervenção divina, para que o poder e a força divinos fossem nitidamente demonstrados no meio da vulnerabilidade do ousado grupo de soldados que se lançou ao combate sob a liderança de um visionário homem de Deus (cf. Juízes 7.1-8). Sua história me faz relembrar que não basta seguir um rumo que soa interessante ou vantajoso, nosso compromisso deve ser a obediência radical ao Senhor e dependência d'Ele, custe o que custar.

Se nossa visão não agride o impossível, precisamos sair da zona de conforto e ampliá-la. Isso não quer dizer que será algo fácil de ser realizado. Muito pelo contrário, deixar um gap sobrenatural em cada projeto contraria totalmente a natureza humana, que busca controlar cada detalhe de sua história. Porém, nos momentos em que estamos mais vulneráveis,



e incapazes de obter solução por meios naturais, nós nos deparamos com o local mais seguro para habitarmos. Ao carecermos do que é impossível aos olhos humanos, somos empurados para o Senhor e Sua graça, além de permitirmos que Seu poder se aperfeiçoe em nossa fraqueza (cf. 2 Coríntios 12.9). O desconforto da dependência do sobrenatural admite o trabalho profundo de Deus em nosso coração, enquanto nos protege da autossuficiência e nos mantém humildes.

Existe uma necessidade em manter certa tensão entre realidade e visão. Para tal, precisamos nos questionar: trabalhamos, dentro das presentes circunstâncias, para alcançar nosso alvo, ou aquilo que almejamos é pequeno a ponto de se encaixar onde nos encontramos hoje? É nesse intervalo de tensão que a inovação e a criatividade surgem. A partir disso, conforme a realidade se aproxima da visão, esta deve ser esticada novamente, por meio da fé, de forma a sempre estar um passo adiante do que percebemos como algo naturalmente possível.

A disruptão desse processo deve ser continuamente buscada. Afinal, o mundo já está em constante movimento; o que nos resta é procurarmos discernir as mudanças que ocorrem e usá-las ao nosso favor para quebrar o *status quo*. Isso pode acontecer por vontade ou mera necessidade. Por outro lado, não devemos, de maneira alguma, renunciar os princípios fundamentais. As transformações em questão afetam tão somente os métodos e as ferramentas de implementação da

**Se nossa visão
não agride o
impossível,
precisamos
sair da zona
de conforto e
ampliá-la.**

visão, mas nossa missão deve permanecer inalterada. Para entender melhor essa dinâmica, é válido pensar acerca das seguintes questões: “o quê?”, “por quê?” e “como?”, em relação ao propósito e à execução de determinada visão. As respostas às duas primeiras perguntas não mudam, pois tratam dos princípios fundamentais — a essência — da organização. O que pode sofrer alterações são os métodos que usamos para realizar a nossa missão, de acordo com o que é mais coerente em cada momento.

Por mais desafiador que pareça e ainda que o aparente sucesso dos ímpios, muitas vezes, tente-nos a esmorecer, nosso compromisso deve permanecer com o Senhor e Seus planos. Aqueles que não estão verdadeiramente vinculados ao Reino de Deus podem até atingir seus objetivos, porém fracassam em longo prazo por não dedicarem tempo à construção do alicerce capaz de sustentar o sucesso, já que este não nos isenta de obstáculos. Como sabemos, é aquele que ouve as palavras de Jesus e as pratica que permanecerá inabalável diante de adversidades, assim como uma casa construída sobre a rocha ao ser atingida por chuvas e ventanias (cf. Mateus 7,24-25). Aliás, é em momentos assim que somos provados e temos a oportunidade de nos tornarmos mais perseverantes, a fim de que, então, sejamos encontrados perfeitos e íntegros (cf. Tiago 1,2-4).

Ao longo do tempo, a visão terá de ser lapidada e realinhada, nosso caráter constantemente tratado e os valores consolidados em uma preparação interna contínua. Desse modo, nossas construções permanecerão de pé até o fim — inclusive quando não estivermos mais aqui, por meio da geração que nos sucederá. O Reino caminha na direção oposta ao sucesso efêmero. Isso nos incentiva a construir progressivamente, para que,

ao passarmos o bastão, a edificação que fundamentamos esteja pronta a servir e treinar os remanescentes, construindo, assim, um legado.

Este, por sua vez, só pode ser construído se não desprezarmos os pequenos começos, mas nos mantivermos fiéis ao processo em que Deus nos colocou, lembrando-nos a todo momento de que nada podemos fazer sem Ele (cf. João 15.5). Deveremos garantir que sempre haja espaço para Sua intervenção em nosso favor, a qual demonstra que não chegamos a lugar algum por força própria, mas porque Deus nos levantou e somente Seu nome deve ser exaltado.

Seja qual for o tamanho da visão que o Senhor lhe confiou até o presente momento, honre-O e seja fiel à Sua direção. Não fique parado, mova-se em fé, e saiba que ao exercer uma boa mordomia do que já lhe foi entregue, por menor que seja, você será considerado apto a zelar pelas coisas mais elevadas (cf. Mateus 25.21).

UM PODER EM MOVIMENTO

Decerto, o líder entende que está em uma corrida contra o tempo. Minha mente está repleta de sonhos e possibilidades para tornar tudo isso realidade. No entanto, quanto mais contemplo a Eternidade, melhor percebo como as coisas terrenas me chamam menos a atenção. O importante, então, é cumprir o que fomos chamados para viver, confiando que o Deus que começou a boa obra será fiel para completá-la até o Dia de Jesus Cristo (cf. Filipenses 1.6). Convido você a fazer parte dessa história. Temos a missão de trazer o Reino de Deus à Terra, espalhar os princípios celestiais aos quatro cantos do

mundo e ser testemunhas daquilo que Deus pode e quer fazer no mundo. Somos comissionados a ir e falar a Verdade, pregar o Evangelho a toda criatura. Nossa dever é discipular pessoas e nações e, assim, veremos com nossos próprios olhos o poder em movimento.

**Somos comissionados
a ir e falar a Verdade,
pregar o Evangelho a
toda criatura.**



Notas

Capítulo 1 | Família Hayashi: o legado

¹ *Okāsan* significa “mamãe” em japonês. *OKĀSAN* (お母さん). In: DICIONÁRIO Universal Japonês - Português. Tokyo: Shogakukan, 1998.

² Holiness Movement é um movimento cristão iniciado no século XIX nas igrejas protestantes dos Estados Unidos, principalmente na Metodista, e é caracterizado por acreditar que a natureza humana pode ser completamente purificada pelo poder do Espírito Santo.

³ Kathryn Kuhlman (1907-1976) foi uma grande pregadora norte-americana reconhecida internacionalmente no século XX. Ela era popular pelos cultos de milagres, cheios de curas físicas realizadas pelo poder do Espírito Santo e de pessoas se entregando ao Evangelho por meio da Palavra de Deus.

Capítulo 2 | Amigo de Deus

¹ Neuza Itioka é doutora em Missiologia pelo Seminário Teológico Fuller. Fundou o Instituto Neuza Itioka, que dispõe cursos e oficinas de cura e libertação. É fundadora e líder dessa instituição e autora de diversos livros que tratam acerca do mundo espiritual.

² ABU é a sigla de Aliança Bíblica Universitária, uma organização missionária que existe com intuito de evangelizar, discipular e treinar estudantes universitários.

³ Significa “férias de primavera” em português. *SPRINGBREAK*. In: DICIONÁRIO Cambridge. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

⁴ Significa “pós-festa” em inglês. *AFTERPARTY*. In: DICIONÁRIO Cambridge. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

⁵ A YWAM (Youth With A Mission), ou JOCUM (Jovens Com Uma Missão) em português, é uma organização cristã interdenominacional, empenhada na mobilização de jovens de todas as nações para a obra missionária.

⁶ As sete esferas da sociedade foram entregues por Deus a Bill Bright, da Cruzada Estudantil, e a Loren Cunningham, cofundador da JOCUM, por meio de uma visão estratégica para alcançar o mundo, transformando-o por meio da influência das seguintes áreas: Igreja, Família, Governo, Educação e Ciência, Economia e Negócios, Artes e Entretenimento e Comunicação e Mídia.

⁷ Carlos Annacondia é um evangelista argentino conhecido internacionalmente. Ele conheceu o Evangelho em 1979 e, em 1981, iniciou “La Misión Cristiana Mensaje de Salvación”, em que proclama a mensagem da salvação pelo mundo.

⁸ The Call era um ajuntamento de cristãos que acontecia em estádios e auditórios no mundo inteiro, liderado por Lou Engle. Os principais temas dos eventos de oração e adoração eram a restauração da fé cristã nos Estados Unidos e o avivamento das nações.

⁹ Ché Ahn é o presidente do Harvest International Ministry, um ministério apostólico presente em mais de 65 países, e o pastor sênior, juntamente com sua esposa, Sue, da Harvest Rock Church, na Califórnia, desde 1994.

Capítulo 3 | Servindo à unção

¹ ONU é a sigla de Organização das Nações Unidas, organização internacional fundada em 1945 para promover cooperação entre os países. Atualmente é composta por 193 Estados.

² ETED é a Escola de Treinamento e Discipulado da JOCUM, que acontece em todas as bases do Brasil.

³ O green card é o cartão de residência permanente para imigrantes nos Estados Unidos.

⁴ Cru's Jesus Film Project é um projeto que provê ferramentas para uma evangelização por meio do filme chamado *Jesus*. O filme foi traduzido para diferentes idiomas, e, assim, missionários, pastores e líderes conseguem usá-lo para discipular pessoas ao redor do mundo por meio das histórias do Novo Testamento apresentadas no longa-metragem. Esse material também conta com um livro de apoio para discipulado.

Capítulo 4 | Despertar, estabelecer e transformar

¹ PARA [3844]. In: DICIONÁRIO bíblico Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

² EKKLESIA [1577]. In: DICIONÁRIO bíblico Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

³ Randy Clark é fundador e presidente do Global Awakening; tem seu ministério voltado à capacitação de cristãos para reproduzir a obra sobrenatural do Espírito Santo ao redor de todo o globo.

Capítulo 5 | Dunamis lifestyle

¹ Soaking significa, literalmente, "que molha" ou "que embebe" em português. Trata-se de um momento de adoração de completa imersão no Espírito.

² EXOUSIA [1849]. In: DICIONÁRIO bíblico Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

³ ISCHUROS [2478]. *Ibidem*.

⁴ KRATOS [2904]. *Ibidem*.

⁵ DUNAMIS [1411]. *Ibidem*.

⁶ Pitcher é uma das posições do beisebol, conhecida no Brasil como arremessador ou lançador.

⁷ A 27 Million é uma das frentes de atuação do The Justice Movement, uma organização de combate ao tráfico humano e à escravidão moderna.

⁸ Titus Liu compõe a liderança core do Dunamis Movement.

Capítulo 6 | Campus em chamas

¹ BRIGHT, Bill. **Venha ajudar a transformar o mundo**. São Paulo: Candeia, 1985. p. 87. Edição especial.

² A Palavra de Conhecimento é um dos dons do Espírito Santo listados em 1 Coríntios 12.8, que tem como finalidade a edificação do Corpo de Cristo através da habilidade de receber, pelo Espírito Santo, informações sobre a vida de alguém,

por meio de palavras específicas, visões, impressões — as quais naturalmente não teríamos acesso — revelando o amor e o cuidado de Deus por tal pessoa. É possível ver esse dom sendo manifestado através da vida de Jesus, por exemplo, em João 4.13–19.

³ *Pocket* significa “bolso” em português. *POCKET. In: DICIONÁRIO Michaelis on-line Inglês-Português (Moderno).* São Paulo: Melhoramentos, 2022.

⁴ Daniel Simão, posteriormente, tornou-se pastor na Zion Church, e hoje atua como pastor principal da Zion em Quito.

⁵ Immersion é o treinamento presencial para líderes e auxiliares de Pockets.

⁶ Os europeus são, geralmente, menos religiosos do que pessoas em outras partes do mundo, é possível ter acesso a esses dados no seguinte artigo: BARRONAVSKI, Chris; EVANS, Jonathan. **How do European countries differ in religious commitment? Use our interactive map to find out.** Publicado por Pew Research Center em 5/12/2018. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2018/12/05/how-do-european-countries-differ-in-religious-commitment/>. Acesso em julho de 2022.

Capítulo 7 | Risco e fé: Dunamis Farm

¹ Bob Hazlett é um autor, profeta e orador cristão norte-americano. Com suas aulas e ministrações, ele tem por objetivo capacitar e empoderar pessoas por meio dos dons concedidos pelo Espírito Santo.

² Dave Gibbons é pastor da Newsong Church e fundador da XEALOT, organização voltada ao desenvolvimento estratégico de líderes.

³ Jogo final da liga de futebol americano dos Estados Unidos.

⁴ Além do movimento interdenominacional Jovens Com Uma Missão (JOCUM), Loren Cunningham também cofundou a Universidade das Nações, na qual atua hoje como chanceler.

⁵ Alqueire é uma forma de medida agrária utilizada para sólidos ou superfícies. É empregada apenas no ambiente rural e, especialmente, na região do estado de São Paulo. Um alqueire é equivalente a vinte e quatro mil e duzentos metros quadrados, ou seja, 2,42 hectares (a medida agrária mais comum). A medida pode variar dependendo da região do Brasil.

Capítulo 8 | Ativando um geração

¹ Segundo o site Operation World, é estimado que 30,95% da população sul-coreana seja cristã.

² MORDOMO. In: DICIONÁRIO Michaelis on-line. São Paulo: Melhoramentos, 2022.

³ Andrew Murray (1828-1917) dedicou grande parte da sua vida a gerar um anseio por oração e discipulado na África do Sul.

⁴ Atualmente existem apenas quatro traduções da Bíblia em zulu. A última delas foi iniciada em 1986 com uma versão do Novo Testamento e do livro de Salmos, porém foi concluída somente vinte e três anos depois, em 2009.

⁵ *Shabath* é um termo de origem hebraica, que está ligado ao costume de se parar o sétimo dia da semana (sábado) como um dia de descanso, simbolizando o sétimo dia da Criação. É utilizado para a desconexão das atividades rotineiras e dedicado a Deus e à família.

Capítulo 9 | Chegou a sua hora, Brasil!

¹ Documento histórico, desenvolvido na Inglaterra, em 1215, que garantia os direitos da Igreja e tornou-se símbolo da liberdade e justiça para todos.

² Henrique Krigner integra a liderança core do Dunamis Movement.

Capítulo 10 | O legado: impacto multigeracional

¹ LAMP. In: NEW Bible Dictionary. Leicester, England: Intervarsity Press, 1982, p. 672-673.

Referências bibliográficas

Capítulo 1

BRUCE, David. **The Life of Sir Thomas Fowell Buxton**: Extraordinary Perseverance. Lanham: Lexington Books, 2014.

BUNDY, David; FUJII, Masaya. Barclay Fowell Buxton, japoneses e Banda Evangélica do Japão. **Jornal do Cristianismo Mundial**, v. 8, n. 1, p. 47–74, 1 maio 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5325/jworlchri.8.1.0047>. Acesso em: 26 jul. 2022.

BUNCKINGHAM, Jamie. **Kathryn Kuhlman**: uma biografia autorizada. Rio de Janeiro: Danprewan Editora, 2020.

CHRISTIANITY TODAY. **The holiness movement timeline**. 2004. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/history/issues/issue-82/holiness-movement-timeline.html>. Acesso em: 22 de jul. 2022.

DRANE, John. **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Editora Paulinas, 2016.

HARRINGTON, Ann M. Women and Higher Education in the Japanese Empire. **Journal of Asian History**, v. 21, n. 2, p. 169–86, 1987. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41930686>. Acesso em: 26 jul. 2022.

HIRAI, Naofusa. **Shintō. Encyclopedia Britannica**, 17 abr. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Shinto#ref8481>. Acesso em: 26 jul. 2022.

KINCAID, Chris. A Look at Gender Expectations in Japanese Society. **Japan Powered**, 7 jul. 2013. Disponível em: <https://www.japanpowered.com/japan-culture/a-look-at-gender-expectations-in-japanese-society>. Acesso em: 22 jul. 2022.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Início da imigração: chegada da primeira leva. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 39, p. 41-56, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/72055/75296>. Acesso em: 26 jul. 2022.

OKĀSAN (お母さん). In: DICIONÁRIO Universal Japonês - Português. Tokyo: Shogakukan, 1998.

RODOVALHO. In: DICIONÁRIO Histórico-Biográfico Brasileiro. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rodovalho>. Acesso em: 5 ago. 2022.

SASAKI, Elisa Massae. **Valores culturais e sociais nipônicos.** ENCONTRO SOBRE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA, 4., 2011, Rio de Janeiro, RJ. Rio de Janeiro, RJ: Associação dos Professores de Língua Japonesa do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <http://www.nipocultura.com.br/wp-content/uploads/2012/02/SASAKI-Elisa-Massae-Valores-culturais-e-sociais-niponicos-Rio-Kyooshikai-jul2011.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2022.

TEODORO, João Machado. Faz de novo: A origem histórica teológica do pentecostalismo no avivamento da Rua Azusa e suas implicações na renovação da Igreja. **Revista Teológica DOXIA**, Serra, v. 3, n. 5, p. 95-129, 2018. Disponível em: <http://www.ead.soufabra.com.br/revista/index.php/teologia/article/view/127>. Acesso em: 5 ago. 2022.

Capítulo 2

ALIANÇA BÍBLICA UNIVERSITÁRIA DO BRASIL (ABUB). **Quem somos.** 2022. Disponível em: <http://www.abub.org.br/quem-somos>. Acesso em: 1 ago. 2022.

BONNKE, Reinhard. **Evangelismo por fogo:** acendendo sua paixão pelo perdido. Belo Horizonte: Bello Publicações, 2011.

CHÉAHN Media. 2022. Disponível em: <https://www.cheahn.org/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

INSTITUTO Neuza Itioka. 2022. Disponível em: <https://www.institutoneuzaitioka.com.br/>. Acesso em: jun. 2022.

JOCUM BRASIL. **Quem somos.** 2021. Disponível em: <https://jocum.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 26 jul. 2022.

JOHN, Piper. An Overview of the History of Missions. **Desiring God**, 1 jan. 1981. Disponível em: <https://www.desiringgod.org/articles/an-overview-of-the-history-of-missions>. Acesso em: 22 jul. 2022.

LOU ENGLE. **The Call**. 2022. Disponível em: <https://louengle.com/the-call/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

ORO, Ari Pedro. O global e o nacional num encontro evangélico internacional em Buenos Aires. **Ciencias sociales y religión**, Porto Alegre, RS, v. 13, n. 14, p. 43-65, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/187692>. Acesso em: 5 ago. 2022.

STRONG, James. **Strong's Hebrew Lexicon**. Disponível em: <https://biblehub.com/interlinear/acts/4-33.htm>. Acesso em: 5 ago. 2022.

CAPÍTULO 3

CRU. **Jesus Film Project**. 2022. Disponível em: <https://www.cru.org/us/en/communities/ministries/the-jesus-film-project.html>. Acesso em: 27 jul. 2022.

EMBAIXADA E CONSULADOS DOS EUA NO BRASIL. Portadores de Green Card. 2022. Disponível em: <https://br.usembassy.gov/pt/visas-pt/portadores-de-green-card/>. Acesso em: 27 jul. 2022.

JOCUM BRASIL. ETED no Brasil: o que é a escola de treinamento e disciplulado. 2021. Disponível em <https://jocum.org.br/eted/eted-brasil/>. Acesso em: 27 jul. 2022.

UNITED NATIONS. About us. 2022. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us>. Acesso em: 27 jul. 2022.

CAPÍTULO 4

CAMPOS, Leonildo S. Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007. **Rivista de Estudos da Religião**, n. 4, p. 9-47, dez. 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_campos.pdf. Acesso em: 29 jul. 2022.

EKKLESIA [1577]. In: DICIONÁRIO bíblico Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

GLOBAL AWAKENING. About Randy Clark. Disponível em: <https://globalawakening.com/about-randy-clark>. Acesso em: 1 ago. 2022.

METANOIA [3341]. In: DICIONÁRIO bíblico Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

NETO, Emilio G. Análise dos Movimentos Seeker Sensitive e Emergente. **Revista Fides Reformata XX**, n. 2, p. 41-69, 2015. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/522342865/Analise-dos-Movimentos-Seeker-Sensitive-e-Emergente#>. Acesso em: 29 jul. 2022.

PARA [3844]. In: DICIONÁRIO bíblico Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

CAPÍTULO 5

BIBLE HUB. Acts 4:33. Disponível em: <https://biblehub.com/interlinear/acts/4-33.htm>. Acesso em: 27 jul. 2022.

DUNAMIS [1411] In: DICIONÁRIO bíblico Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

EXOUSIA [1849]. In: DICIONÁRIO bíblico Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

ISCHUROS [2478]. In: DICIONÁRIO bíblico Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

KRATOS [2904]. In: DICIONÁRIO bíblico Strong. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

MAJOR LEAGUE BASEBALL (MLB). Positions. 2022. Disponível em: <https://www.mlb.com/glossary/positions>. Acesso em: 27 jul. 2022.

THE JUSTICE MOVEMENT. Quem somos. 2021. Disponível em <https://thejusticemovement.org/>. Acesso em 5 ago. 2022.

CAPÍTULO 6

CRU CAMPUS. **História.** Disponível em: <https://crucampus.org.br/historia/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

DUNAMIS MOVEMENT. **Dunamis Pockets.** 2022. Disponível em: <https://dunamismovement.com/dunamis-pockets/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

DUNAMIS MOVEMENT. **Pockets Immersion.** 2022. Disponível em: <https://dunamismovement.com/pockets-immersion/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

HARVARD UNIVERSITY. Timeline. 2022. Disponível em: <https://www.harvard.edu/about/history/timeline/#1600s>. Acesso em: 28 jul. 2022.

POCKET. In: DICIONÁRIO Michaelis on-line Inglês-Português (Moderno). São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/busca/ingles-portugues-moderno/pocket/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

CAPÍTULO 7

ALQUEIRE. In: SIGNIFICADOS. 2022. Disponível em: <https://www.significados.com.br/alqueire/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

BOB HAZLETT. **Bob Hazlett.** 2020. Disponível em: <https://www.ascendministries.net/bob-hazlett>. Acesso em: 1 ago. 2022.

DAVE GIBBONS. 2020. Disponível em: <https://www.davegibbons.org/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

ESCOLA DUNAMIS. 2018. Disponível em: <http://escoladunamis.com.br/>. Acesso em: 1 ago. 2022.

SOAKING. In: DICIONÁRIO Michaelis on-line Inglês-Português (Moderno). São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/busca/ingles-portugues-moderno/soaking/>. Acesso em: 9 ago. 2022.

UNIVERSITY OF THE NATIONS (UOFN). **Escrítorio do chanceler.** 2022. Disponível em: <https://uofn.edu/pt-br/institucional/escritorio-do-chanceler>. Acesso em: 1 ago. 2022.

CAPÍTULO 8

ANDREW MURRAY - Leading student in Christ's school of prayer. **Christianity Today**. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/history/people/innertravelers/andrew-murray.html>. Acesso em: 5 ago. 2022.

BARNA Group. State of the Bible 2021: Five Key Findings. **Culture & Media in Faith & Christianity**, 19 maio 2021. Disponível em: <https://www.barna.com/research/sotb-2021/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

BIBLE SA. **A brief history of isiZulu Bible 2020**. 2022. Disponível em: <https://biblesa.co.za/en/a-brief-history-of-isizulu-bible-2020>. Acesso em: 5 ago. 2022.

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER (CPAJ). **O protestantismo norte-americano: séculos 17 a 19**. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/o-protestantismo-norte-americano-seculos-17-a-19/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

CONFEDERAÇÃO ISRAELITA DO BRASIL. **Shabat**. Disponível em: <https://www.conib.org.br/glossario/shabat/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

CUNNINGHAM, Loren. **O livro que transforma nações**: o poder da Bíblia para mudar qualquer país. 2. ed. São Paulo: Editora Quatro Ventos, 2022.

KANG, Chang-soo. Recursos para Estudos de David Yonggi Cho. **Jornal Asiático de Estudos Pentecostais**, v. 7, n. 1, p. 149-175, 2004. Disponível em https://www.academia.edu/download/75979190/04_1_CS_Kang.pdf. Acesso em: 5 ago. 2022.

MORDOMO. In: DICIONÁRIO Michaelis on-line. São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=L1PXY>. Acesso em: 27 jul. 2022.

OPERATION WORLD. **Pray for**: South Korea. 2022. Disponível em <https://operationworld.org/locations/korea-republic-of/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **História da Tradução da Bíblia**. Disponível em: <https://biblia.sbb.org.br/historia-da-traducao-da-biblia>. Acesso em: 5 ago. 2022.

STEGEN, Erlö. **Avivamento na África do Sul**. São Jose, Recife: Editora Os Puritanos, 2013.

ZYLSTRA, Sarah Eekhoff. Why Christianity Quit Growing in Korea. **The Gospel Coalition**, 14 maio 2019. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/article/christianity-quit-growing-korea/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

Capítulo 9

BELTRAN, Maria Helena R.; RODRIGUES, Sabrina P.; ORTIZ, Carlos E. História da Ciência em Sala de aula: Propostas para o ensino das Teorias da Evolução. **Revista História da Ciência e Ensino: construindo interfaces**, v. 4, 7 dez 2011. Disponível em: <https://revistas.puesp.br/index.php/hcensino/article/view/7365/5769>. Acesso em: 9 ago. 2022.

COORDENADORIA DE GESTÃO DOCUMENTAL E MEMÓRIA. **Magna Carta**: 800 anos. Disponível em: <https://www.tst.jus.br/documents/10157/c9627733-ac38-4c49-9a99-b4522aofebd1>. Acesso em: 25 jul. 2022.

LEWIS, C.S. **Cristianismo Puro e Simples**. 2. ed. Nashville: Thomas Nelson Brasil, 2017.

Capítulo 10

LAMP. In: NEW Bible Dictionary. Leicester, England: Intervarsity Press, 1982.

MAYNART, Rafael. Mesmo com tecnologia, faróis ainda são referência de orientação aos navegadores. **Portal Gazetaweb**, 28 jul. 2017. Disponível em: <https://www.gazetaweb.com/noticias/geral/mesmo-com-tecnologia-farois-ainda-sao-referencia-de-orientacao-aos-navegadores/#:-:text=Os%20far%C3%B3is%20s%C3%A3o%20compostos%20por,e%20exclusivas%20de%20cada%20estrutura>. Acesso em: 5 ago. 2022.

SCHWAMBACH, Claus. Missio dei—pressupostos teológicos da compreensão luterana de missão a partir da análise da “sistematização do catecismo” de martin lutero. **Vox scripturae**, v. 27, n. 2, p. 377-440, 2019. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/4vg6cmvgi5ekvkkfj72cydiwdq/access/wayback/http://vox.flt.edu.br/download/51/388/missio-dei-%E2%80%93-presupostos-teologicos-da-compreensao-luterana-de-missao-a-partir-da-analise-da-%E2%80%9Csistematica-do-catecismo%E2%80%9D-de-martim-lutero>. Acesso em: 5 ago. 2022.

**Este livro foi produzido em Abril Text 11 e impresso pela
Gráfica Promove sobre papel Pólen Natural 70g para
a Editora Quatro Ventos em agosto de 2022.**